



APAIXONADOS



HISTÓRIAS DE AMOR DE
FALLEN

LAUREN KATE



LAUREN KATE

APAIXONADOS

HISTÓRIAS DE AMOR DE FALLEN

*A vida é tão breve, a arte tão demorada de ser aprendida,
as tentativas tão difíceis, a vitória tão dura,
a terrível alegria, tão árdua de conseguir,
e tudo passa tão rápido – chamo isso de Amor –
desde suas maravilhas neste cenário mundial
confundem tanto que, quando penso nisso,
apenas sei que ou afundo ou nado.*

– GEOFFREY CHAUCER, *O Parlamento das Aves*

TRADUÇÃO: Alice, Gabriela, Manuela e Monica

REVISÃO: Raquel

EDIÇÃO: Vanessa

FINALIZAÇÃO: Manuela

O DIA DOS NAMORADOS DE
SHELBY E MILES



O AMOR, ONDE VOCÊ MENOS
ESPERA

UM



DOIS NA ESTRADA

Shelby e Miles riam enquanto saiam do Anunciador. Seus tentáculos escuros agarrados à borda do boné azul dos Dodgers de Miles e no rabo de cavalo de Shelby quando eles emergiram da sombra.

Mesmo que Shelby se sentisse tão cansada quanto se houvesse feito sessões de Vinyasa Yoga, se sentia aliviada por saber que ela e Miles estavam outra vez em terra presente. Casa. Finalmente.

O ar estava frio e o céu cinza, mas brilhante. Os ombros de Miles ficavam em frente a ela, protegendo seu corpo do vento forte que fazia ondas na camiseta branca que ele usava desde que deixaram o quintal dos pais de Luce no feriado de Ação de Graças.

Eras atrás

- É sério! - Shelby estava dizendo - Porque é tão difícil para você acreditar que um hidratante labial é minha prioridade? - passou um dos dedos sobre os lábios e voltou, exagerando - Até parecem lixas!

- Você está louca. - respondeu Miles, mas seguiu o dedo de Shelby com o olhar enquanto ela o deslizava cuidadosamente no lábio inferior. - Foi o Hidratante Labial que você perdeu dentro do anunciador?

- E os meus podcasts, - disse Shelby fazendo barulho ao pisar em uma pilha de folhas cinza e mortas. - E meu bronzeador.

Estiveram saltando no tempo através dos anunciadores por tanto tempo: Desde uma cela na Bastilha onde conheceram um prisioneiro de aparência espectral que não quis dizer seu nome; Até um campo de batalha chinês sangrento onde não reconheceram uma alma sequer. E mais recentemente, em Jerusalém, onde ao menos haviam encontrado Daniel, procurando Luce. Só que aquele Daniel não era completamente igual. Estava literalmente unido com um eu fantasmagórico de seu passado e não conseguia se libertar.

Shelby não podia deixar de pensar na luta de Miles e Daniel com as setas estelares e a maneira como as duas partes de Daniel – presente e passado – haviam sido separadas quando Miles encostou a seta no peito do anjo.

Coisas assustadoras aconteceram dentro dos anunciadores. Shelby estava feliz por ter tido Miles ao seu lado. Agora, só tinham que voltar aos seus dormitórios sem se perderem no bosque. Shelby olhou para o que ela esperava ser o oeste e começou a levar Miles por uma triste parte do bosque que não conheciam. – Esse deve ser caminho até a Shoreline.

À volta para casa foi agridoce.

Ela e Miles tinham entrado no Anunciador com uma missão; entraram logo após Luce desaparecer no quintal da casa de seus pais. Tinham ido para trazê-la de volta para casa. – como Miles disse: *Anunciadores não devem ser usados levianamente* – mas a seguiram para ter certeza de que ela estava bem. Não lhes importava o motivo de os Anjos e os Demônios estarem brigando por Luce. Para eles, Luce era sua amiga.

Mas na busca, nunca encontraram Luce. Tinham se guiado pelos instintos de Shelby, mas só conseguiram chegar a lugares estranhos e logo viajavam ao seguinte para ver que não havia nenhum rastro de sua amiga.

Ela e Miles haviam discutido muitas vezes sobre qual e como seria a melhor forma de chegar a Luce. Ela odiava brigar com o Miles. Era como discutir com um cachorro. A verdade era que nenhum deles sabia o que estavam fazendo.

Mas em Jerusalém aconteceu algo bom. Eles três – Miles, Shelby e Daniel – haviam se dado bem pela primeira vez. Agora, com a benção de Daniel (alguns chamam isso de comando), Shelby e Miles finalmente se dirigiram para casa. Parte de Shelby estava preocupada por abandonar Luce, mas outra parte – a que confiava em Daniel – estava ansiosa para voltar ao lugar onde supunha dever estar. Sua época e lugar.

Sentia como se houvessem viajado por muito tempo, mas ninguém sabia como funcionava o tempo dentro dos Anunciadores. Shelby se perguntava se chegariam e descobririam que tinham se passado apenas alguns segundos ou talvez anos.

- Assim que chegarmos a Shoreline – disse Miles – sairei correndo direto para uma longa e quente ducha.

- É, boa ideia. – Shelby segurou um pedaço de seu espesso rabo de cavalo loiro e cheirou – Tenho que lavar e eliminar este terrível cheiro de Anunciador do meu cabelo. Se é que isso é possível.

- Sabe do que mais? – Miles se inclinou, baixando a voz, apesar de não haver mais ninguém por perto. Era estranho que o Anunciador os tivesse deixado tão longe dos terrenos da escola. – Talvez devêssemos nos esgueirar esta noite até o refeitório e comer alguns daqueles biscoitos doces.

- Os amanteigados? Do pote? – Shelby arregalou os olhos. Outra boa idéia de Miles. Era bom ter o cara por perto.

- Nossa, eu tinha esquecido o quanto é bom estar na Shoreline.

Cruzaram a linha de árvores e um prado surgiu diante deles. A cena toda golpeou Shelby de repente. Ela não via nenhuma construção familiar da Shoreline, porque simplesmente não estava lá.

Ela e Miles estavam... em algum outro lugar.

Fez uma pausa e observou a encosta ao redor deles. Observou a neve nos galhos das árvores e imediatamente teve certeza que não eram as sequoias da Califórnia. A estrada de barro não pertencia a *Pacific Coast Highway*. Observou a estrada de barro sobre a encosta e vários quilômetros mais a frente viu uma antiga cidade protegida por um muro de pedra.

Ela se lembrou de uma dessas tapeçarias antigas e desbotadas, com unicórnios graciosos em frente a cidades medievais que algum ex-namorado de sua mãe tinha mostrado certa vez ao arrastá-la numa visita ao museu Getty.

- Achei que estávamos em casa! – exclamou Shelby. Sua voz estava em algum lugar entre o grito e o choro. Onde será que eles estavam?

Ela parou um pouco antes do fim da estrada, olhou para trás e viu a desolação enlameada desse lugar. Não havia ninguém por perto. Era assustador.

- Também pensei isso. – Miles mexeu no boné, melancólico. – Mas acho que não estamos tão longe da Shoreline.

- *Não estamos tão longe?* Olha essa estrada lamacenta. Olha a fortaleza logo ali. – ela engasgou – Esses pontos escuros se movendo são cavaleiros? A menos que estejamos em alguma espécie de parque temático, estamos presos

na maldita Idade Média – pôs a mão na boca – Espero que não tenha começado a época da peste. Que Anunciador você abriu em Jerusalém afinal?

- Não sei, eu só...

- Nunca chegaremos em casa!

- Sim, nós chegaremos, Shel. Li sobre isto... Eu acho. Podemos voltar no tempo pulando junto aos outros anjos em seus anunciadores, então também podemos voltar para casa dessa forma.

- Então, o que você está esperando? Abre outro.

- Não é assim – Miles desceu seu boné azul dos Dodgers para um pouco abaixo dos olhos. Shelby quase não podia ver seu rosto. – Acho que temos que encontrar um desses outros anjos e descobrir a maneira de pegar outra sombra emprestada.

- Você fala como se só tivéssemos que pedir emprestado um saco de dormir para um acampamento.

- Ouça: Se encontrarmos uma sombra que se molde ao século onde existimos atualmente, poderemos voltar para casa.

- E como faremos isso?

Miles negou com a cabeça.

- Acho que fiz isso quando estávamos com o Daniel em Jerusalém.

- Estou com medo – Shelby cruzou os braços sobre o peito e tremeu com o vento. – Só faça alguma coisa!

- Não posso, muito menos com você gritando.

- Miles! – Shelby encolheu o corpo. O que era esse som atrás deles? Algo estava vindo pelo caminho.

- O que?

Uma carroça se aproximava deles. O som das ferraduras dos cavalos estava aumentando; em um segundo, quem quer que estivesse conduzindo a carroça os veria.

- Se esconda! – Shelby gritou.

A silhueta de um homem corpulento segurando as rédeas de dois cavalos com manchas marrons e brancas surgiu no fim da estrada inclinada. Shelby puxou Miles pelo colarinho. Ele mexia inquietamente em seu boné. E quando ela o puxou para esconder-se atrás do largo tronco de um carvalho o brilhante chapéu azul voou de sua cabeça.

Shelby observou o boné – o mesmo que Miles tinha usado diariamente durante anos – voar no ar como um pássaro azul, até cair em uma barrenta poça de lama marrom na estrada.

- Meu boné! – sussurrou Miles.

Estavam muito próximos um do outro, suas costas encostadas contra o tronco áspero do carvalho. Shelby olhou de relance para ele e se surpreendeu ao ver seu rosto inteiramente descoberto. Seus olhos pareciam maiores. Seu cabelo bagunçado. Parecia... bonito. Como um garoto que ela nunca tinha conhecido antes. Miles mexeu em seu cabelo, inconscientemente, como se ainda estivesse usando o boné.

Shelby limpou sua garganta e seus pensamentos.

- Vamos buscá-lo assim que a carroça passar. Só precisamos ficar fora de vista até que esse cara saia da estrada.

Ela podia sentir a respiração quente de Miles em seu pescoço. E o osso sobressalente de seu quadril encostado nela. Como Miles podia ser tão magro? O garoto comia como um cavalo, mas era todo carne e não batatas. Ao menos era o que sua mãe diria se chegasse a conhecê-lo um dia – o que nunca aconteceria se Miles não conseguisse invocar um Anunciador que os levasse de volta ao presente.

Miles estava inquieto, esforçando-se para ver seu boné.

- Fica quieto! – disse Shelby – Esse cara pode muito bem ser uma espécie de Bárbaro.

Miles levantou um dedo e inclinou a cabeça – Ouça, ele está cantando.

Um pedaço de neve rangeu sob os pés de Shelby quando ela estirou o pescoço para observar a carroça. O condutor era um homem corado com o colarinho sujo, calças que obviamente foram feitas a mão e um casaco de pele gigante amarrado em sua cintura com um cinto de couro. Seu pequeno chapéu azul parecia um pequeno ponto ridículo no centro de sua grande cabeça careca.

Sua canção tinha o tom alegre e estridente de uma música de bar – e cara, ele estava cantando com todo o pulmão. O barulho dos cascos de seus cavalos soava quase como um acompanhamento de percussão à sua voz alta e estridente.

“Cavalgando até a cidade em busca de uma criada, uma criada peituda, uma criada sensual. Cavalgando até a cidade para tomar uma noiva, e ao entardecer, ter uma namorada!”

- Tenha classe. – Shelby revirou os olhos nas órbitas. Mas ao menos reconheceu o sotaque do homem. Uma pista. – Acho que estamos na alegre Inglaterra.

- E acho que é Dia dos Namorados.– disse Miles.

- Emocionante! Vinte e quatro horas sentindo-se especialmente só e patética... estilo medieval.

Shelby levantou as mãos para dar efeito ao que acabara de dizer, mas Miles estava ocupado demais assistindo o cara rude conduzir a carroça para notar.

Os cavalos estavam amarrados a rédeas azuis e brancas. Era possível ver suas costelas. O homem andava sozinho, sentado sobre um banco de madeira podre em frente à carroça, que tinha o tamanho de um caminhão e estava coberta por uma grande lona branca. Shelby não conseguia ver o que o homem estava levando a cidade, mas o que quer que fosse, era pesado. Os cavalos estavam suando, apesar do frio, e as tábuas de madeira na base da carroça estremeceram quando o cara começou a conduzi-la até a cidade murada.

- Nós deveríamos segui-lo, – disse Miles.

- Para que? – Shelby entortou a boca – Também quer encontrar sua própria criada peituda e sensual?

- Quero encontrar alguém que conhecemos. Alguém cujo Anunciador sirva para nos levar de volta para casa. Lembra? Seu hidratante labial? – ele tocou os lábios dela com o polegar. Seu contato deixou Shelby momentaneamente sem fala.

- Teremos mais chances de encontrar um dos anjos na cidade.

As rodas da carroça rangiam ao passar pelos buracos da estrada enlameada, balançando o condutor de um lado a outro.

Logo estava tão perto que Shelby podia ver a aspereza de sua barba, que era tão negra e espessa quanto seu casaco de pele de urso.

Sua voz vacilou na última sílaba estendida de –Namorada– e tomou uma grande lufada de ar antes de começar outra vez. Em seguida, sua canção foi interrompida abruptamente.

- O que é isso? – grunhiu.

Shelby podia ver que as mãos do homem estavam rachadas e vermelhas de frio enquanto ele puxava as rédeas dos cavalos para atrasá-los. Os cavalos magros pararam a apenas alguns passos do boné de baseball azul de Miles.

- Não, não, não, – Shelby murmurou baixinho.

O rosto de Miles estava pálido.

O homem desceu com esforço de seu banco barulhento. Suas botas aterrisaram na estrada lamacenta. Caminhou até o boné de Miles, se virou com outro grunhido e em um piscar de olhos estava de pé outra vez.

Shelby ouviu Miles engolir em seco.

Só bastou encostar ligeiramente nas calças sujas do homem para que o boné ficasse igual. Sem dizer uma palavra deu meia volta e subiu novamente na carroça pondo o boné dentro da lona atrás dele.

Shelby olhou para si mesma e seu capuz verde e imaginou a reação do homem se ela saísse de trás de uma árvore usando roupas estranhas do futuro e tentasse recuperar o boné. Não era uma idéia muito sensata.

Nesse meio tempo, enquanto Shelby pensava, o homem tinha sacudido as rédeas e se dirigia novamente a cidade. E a canção que estava cantando também tinha voltado, só que ainda mais desafinada que antes.

Outra coisa em que Shelby tinha posto as mãos.

- Oh, Miles, me desculpe.

- Agora definitivamente temos que segui-lo – disse Miles um pouco desesperado.

- Sério? – Shelby perguntou – É só um chapéu.

Olhou para Miles. Não conseguia se acostumar a ver seu rosto descoberto. As bochechas que sempre pareceram meio infantis, agora estavam mais fortes e angulares. E seus olhos tinham mais intensidade. Ao ver sua expressão abatida se deu conta de que definitivamente não era –*só um chapéu*– para ele. Talvez lhe trouxesse boas recordações, ou fosse uma espécie de amuleto da sorte. Ela não sabia; mas faria até o impossível para tirar esse olhar triste do rosto de Miles.

- Está bem, – ela deixou escapar – vamos buscá-lo.

Antes que ela percebesse o que acontecia, ele tinha deslizado sua mão pela dela. Sentiu-se forte, segura e um pouco impulsiva e, em seguida, ele puxou-a para estrada.

- Vamos!

Ela resistiu por um instante, mas logo seus olhos acidentalmente se cruzaram com os azuis de Miles. Ele tinha um olhar incrivelmente arriscado e louco que fez Shelby sentir uma onda de euforia percorrer seu corpo inteiro.

Logo estavam correndo ladeira abaixo por uma estrada medieval coberta de neve, passando por plantações de outra estação que não resistiram ao inverno. Tudo estava coberto por uma fina camada de neve, desde as árvores nas margens do caminho à estrada de terra. Dirigiam-se a uma cidade murada com torres imponentes de cor negra e uma entrada estreita cercada de água. De mãos dadas, bochechas coradas, lábios ressecados, rindo sem nenhuma razão que Shelby pudesse explicar com palavras – riam tanto que ela quase esqueceu o que estavam prestes a fazer. Mas no exato momento em que Miles gritou – Pula! – algo a fez raciocinar e fazer o que ele mandou.

Por um momento, isto a fez sentir que estava voando.

Havia um tronco formando a parte traseira da carroça, largo o suficiente para se equilibrarem. Seus pés o tocaram, aterrissando ali por pura sorte. Por um momento. Então a carroça atingiu um barranco e sacudiu ferozmente. O pé de Miles escorregou e perdeu o equilíbrio, fazendo com que Shelby soltasse a lona. Seus dedos escorregaram e seu corpo balançou. Ela e Miles foram arremessados para baixo, em direção à lama.

Splash.

Shelby grunhiu. Sua caixa torácica latejava. Limpou a lama fria de seus olhos e cuspiu um bocado de coisas sujas. Olhou em direção a carroça que ficava cada vez menor com a distância. O boné de Miles indo junto.

- Você está bem?– ela perguntou a ele.

Ele limpou seu rosto com a barra de sua camiseta. – Sim. Você? – Quando ela assentiu com a cabeça, ele sorriu.

- Faz aí a cara da Francesca se descobrisse onde estamos agora. – O comando de Miles soou alegre, mas Shelby sabia que ele estava desmoronando por dentro.

Ainda assim, ela ia jogar junto. Shelby gostava de imitar sua imponente professora da Shoreline. Levantou da lama, apoiou-se nos cotovelos, pôs o peito pra frente e beliscou o nariz.

- Suponho que vocês vão negar que viajaram deliberadamente com a intenção de desgraçar o legado da Shoreline? Estou absolutamente relutante em saber o que o conselho dos diretores dirá. E eu mencionei que quebrei uma unha enquanto moldava um Anunciador para encontrar vocês dois?

- Agora, agora, Frankie – Miles ajudou Shelby da lama fazendo sua melhor imitação de Steven, o marido de Francesca, um demônio mais relaxado. – Não vamos ser muito duros com os Nephilim. Um semestre esfregando os banheiros deve realmente ensiná-los a lição. Além do mais, o erro começou com nobres intenções.

Nobres intenções. Encontrar Luce.

Shelby engoliu seco, sentindo um ar sombrio pairar sobre ela. Tinham sido uma equipe, os três. E equipes permanecem juntas.

- Não abriremos mão dela, – Miles disse num tom suave – você ouviu o que Daniel disse. Ele é o único que pode encontrá-la.

- Acha que ele já a encontrou?

- É o que espero. Ele disse que a encontraria, mas...

- Mas o que? – Shelby perguntou.

Miles fez uma pausa

- Luce estava com muita raiva quando deixou a todos no quintal. Espero que quando Daniel a encontrar ela possa perdoá-lo.

Shelby observou o enlameado Miles, sabendo o quanto ele se preocupava – em um ponto – com Luce. Shelby sabia que nunca havia se sentido daquela maneira. Na verdade, ela era uma lenda em escolher os piores garotos para sair. Phil? Vamos lá, senão tivesse apaixonado por ele os Párias não teriam seguido a pista de Luce e ela não teria que saltar em um Anunciador, e Miles e Shelby não estariam presos ali agora. Cobertos de lama.

Mas esse não era o ponto. O ponto era: Shelby estava impressionada por Miles não estar amargurado por ver Luce super apaixonada por outra pessoa. Mas ele não estava. Esse era o Miles.

- Ela vai perdôá-lo – Shelby disse por fim – Se alguém me amasse o suficiente para sair numa busca através de milênios só para me encontrar, eu o perdoaria.

- Oh, isso é tudo que é preciso? – Miles lhe deu uma cotovelada.

Num impulso ela o golpeou no estômago com as costas da mão. Do mesmo modo que ela e sua mãe brincavam entre si, como melhores amigas ou algo assim. Mas Shelby geralmente era muito mais reservada com as pessoas fora de sua *família nuclear*.

Estranho.

- Ei – Miles interrompeu seus pensamentos. – Agora nós temos que focar em chegar à cidade, procurar um anjo que possa nos ajudar e encontrar nosso caminho pra casa.

E aquele boné, acrescentou Shelby em sua cabeça. Então ela e Miles começaram a correr, seguindo a carroça até a cidade.

A taverna ficava a cerca de uma milha fora dos muros, um estabelecimento solitário em meio a um grande campo. Era uma pequena estrutura com uma placa de madeira envelhecida e grandes barris de cerveja alinhados contra as paredes.

Shelby e Miles correram, passando por centenas de árvores que perderam suas folhas pelo frio, derretendo a neve lamacenta sob seus pés na ladeira até cidade. Na verdade, não havia muito a ser visto. Havia perdido a carroça de vista depois que Shelby sentiu uma pontada na lateral de seu corpo, pois tive-

ram que diminuir a velocidade; mas agora, por acaso, a viram estacionada do lado de fora da Taverna.

- É o nosso cara, - disse Shelby baixinho - ele provavelmente parou para um drinque. Idiota. Vamos só pegar o boné de volta e seguir nosso caminho. Mas quando se aproximaram da parte traseira da carroça Shelby viu o cara de colete no interior da taverna e seu coração gelou. Ela não conseguia ouvir o que ele estava dizendo, mas ele segurava o boné de Miles e mostrava ao hospedeiro com orgulho, como se fosse uma joia rara.

- Oh, - disse Miles, desapontado. Em seguida ergueu os ombros - Quer saber, vou comprar outro. Podemos encontra-los em qualquer parte da Califórnia.

- Mmmm, certo. - Shelby golpeou a lona da carroça frustrada. A força do seu golpe ondulou e levantou um pouco a lona, e por uma fração de segundo ela pôde ver um monte de caixas em seu interior.

- Hmm.- Ela serpenteou a cabeça por baixo da lona.

Por baixo, estava frio e um pouco fétido. Estava repleto de lixo. Havia gaiolas de madeira cheias de galinhas dormindo em poleiros, pesados sacos de rações, um saco de estopa com ferramentas de ferro diferenciadas e um monte de caixas de madeira.

Ela se esforçou na tentativa de abrir a tampa de uma delas, mas foi inútil.

- O que você está fazendo? - Miles perguntou.

- Tendo uma idéia - disse Shelby com um sorriso torto. Pegou algo parecido com um pequeno pé de cabra no saco de ferramentas e arroubou a tampa da caixa mais próxima. - É isso, bingo!

- Shelby?

- Se vamos entrar na cidade, esta roupa que usamos pode não ser um bom modo de passar despercebidos, – pôs as mãos nos bolsos do seu moletom verde para dar efeito ao que acabara de dizer – não acha?

Entrou novamente embaixo da lona e encontrou algumas roupas simples que estavam um pouco desbotadas e desgastadas. Jogou algumas peças ao Miles que se apressou em pegar tudo.

Logo, ele tinha em mãos um longo vestido verde claro de mangas boca de sino e uma faixa bordada de ouro no centro. Um par de meias amarelo-limão e um gorro que mais parecia uma toca de monge, feito de linho cinza.

- Mas o que *você* vai vestir? – Miles brincou.

Shelby teve que vasculhar mais meia dúzia de caixas cheias de trapos, pregos tortos e pedras lisas até encontrar algo que servisse para Miles. Finalmente encontrou uma túnica simples azul de lona grossa e dura. O manteria quente nesse clima tão frio e era longo o suficiente para cobrir seu tênis Nike, por alguma razão ocorreu a Shelby que a cor combinava perfeitamente com os seus olhos.

Shelby abriu o zíper, tirou o moletom verde e o pendurou na traseira da carroça. Um arrepio subiu por seus braços nus enquanto deslizava o vestido ondulante por cima do jeans e do top.

Miles parecia relutante.

- Me sinto estranho roubando coisas de um cara que, provavelmente, estava levando-as até a cidade para vendê-las.

- Mantenha o Karma, Miles. Ele roubou seu boné.

- Não, ele *encontrou* meu boné. E se ele tiver uma família para sustentar?

- Você não sobreviveria um dia na sarjeta, garoto. – encolheu os ombros – a menos que me tivesse lá pra cuidar de você. Olha, vamos presenteá-lo com alguma coisa. Meu moletom... – jogou o moletom dentro de uma caixa na carroça – quem sabe? Talvez moletons se tornem a peça mais irada da próxima temporada no Teatro Anatômico, ou que quer que eles façam para se divertir aqui.

Miles tentou colocar o gorro cinza em Shelby, mas o rabo de cavalo dela não permitia. Então ele soltou o elástico que o prendia e seu cabelo loiro caiu abaixo do ombro; Ela teve consciência de que seu cabelo deveria estar um completo desastre, pois ela nunca o usava solto. Mas os olhos de Miles se iluminaram quando ele colocou o gorro em sua cabeça.

- Milady, – ele galantemente estendeu a mão – posso ter o prazer de acompanhá-la nesta linda cidade?

Se Luce estivesse ali, como quando eram apenas três bons amigos, isso seria bem menos complicado. Shelby saberia exatamente como responder brincando. Luce usaria sua voz doce de donzela em apuros e chamaria Miles de seu príncipe de armadura brilhante ou alguma porcaria do tipo, a qual Shelby poderia dizer algo sarcástico, fazendo todos começarem a rir e a estranha pressão que Shelby sentia sobre os ombros e coração neste momento desapareceria. Tudo ficaria normal, tudo.

Mas eram apenas Shelby e Miles.

Juntos. Só os dois.

Viraram-se em direção ao alto muro de pedra que protegia a torre central cercada por bandeiras coloridas penduradas em postes. O ar cheirava a carvão e feno mofado. Música vinha do interior da torre, uma Lira, talvez, e som de tambores. E em algum lugar lá, Shelby esperava encontrar um anjo cujo Anunciador pudesse levá-los de volta ao presente, onde pertenciam.

Miles ainda tinha a mão estendida e a olhava para ela como se não fizesse idéia do quanto seus olhos azuis estavam profundos. Ela respirou fundo e deslizou a palma de sua mão na dele. Ele apertou-a levemente e logo eles estavam caminhando juntos pela cidade, de mãos dadas.

DOIS



BAZAR BIZARRO

Esperavam encontrar uma linda paisagem campestre. Em vez disso, do lado de fora dos portões da cidade, havia um grande movimento, com tendas improvisadas ao longo do verde, que era mais um castanho acinzentado agora no inverno, em ambos os lados da estrada que leva aos altos muros negros da cidade. As barracas eram claramente parte de uma instalação temporária, como um festival de fim de semana ou algo assim.

O feliz caos do povo em torno da moagem fez Shelby lembrar-se um pouco do Bonnaroo, que ela tinha visto em fotos na internet. Ela estudou o que as pessoas estavam usando, e aparentemente o uso da touca estava correto. Não achava que ela e Miles estivessem errados.

Eles se juntaram a multidão ao passar pelos portões e seguiu o fluxo de pessoas, que parecia mover-se em uma única direção: para o mercado na praça central. Torres subiam diante deles, parte de um imponente castelo perto dos limites das muralhas da cidade. A pedra angular da praça era uma modesta, mas atraente igreja gótica primitiva (Shelby reconheceu as torres finas).

Um labirinto de ruas estreitas e becos cinzas cortava da praça do mercado, que estava lotado, caótico, fedorento e vibrante, o tipo de lugar onde você não conseguiria encontrar nada e ninguém.

“Roupa! Duas peças por 10 pences!”

“Castiçais! Modelos diferentes!”

“Cerveja de cevada! Cerveja de cevada fresca!”

Shelby e Miles tinham que sair do caminho para evitar o frade corpulento empurrando um carrinho com bilhas de cerveja de cevada. Eles observaram como, com todo aquele tamanho, ele cortou um caminho através do mercado lotado. Shelby e Miles começaram a segui-lo, apenas para obter um pouco de espaço, mas um momento depois, a massa dos cidadãos conversando preencheu todo o espaço.

Era quase impossível dar um passo sem esbarrar em alguém.

Havia tanta gente na praça, fofocando, golpeando as mãos das crianças ladronas longe as maçãs para venda, que ninguém prestou muita atenção em Miles e Shelby.

- Como vamos encontrar alguém que conhecemos nesta fossa? – Shelby segurou firme a mão de Miles quando uma décima pessoa pisou em seu pé. Isto estava pior que o show do Green Day em Oakland, onde Shelby acabou machucando duas costelas.

Miles esticou o pescoço. – Eu não sei. Talvez todo mundo se conhecesse? – Ele era mais alto do que a maioria dos cidadãos, por isso não foi tão ruim para ele.

Ele tinha o ar fresco e uma linha de visão clara, mas ela estava sentindo um ajuste claustrofóbico chegando: Sentiu um formigamento por todo o seu rosto. Freneticamente, ela puxou a gola alta do vestido.

- Como é que as pessoas respiram nestas coisas?

- Pelo nariz e pela boca – Miles instruiu, demonstrando seu próprio conselho por um segundo até que o fedor o obrigou a enrugurar seu nariz. – Er. Olha, há uma fonte ali. Que tal um drinque?

- Nós provavelmente vamos contrair cólera – Shelby murmurou, mas ele já estava se afastando, puxando-a atrás dele.

Eles passaram por um homem colocando um pano úmido no varal com roupas simples, passaram por um pequeno desfile desgrenhado, passaram pelo cacarejar de galos pretos, por um par de irmãs ruivas vendendo peras, antes de finalmente acabarem no poço. Era uma coisa velha e arcaica, um anel feito de pedras ao redor de um buraco, com um tripé de madeira por cima da abertura. Um balde de musgo pendia de uma roldana primitiva.

Após alguns segundos, Shelby conseguia respirar novamente. – As pessoas bebem essa coisa?

Agora ela podia ver que, apesar do mercado ocupar a maior parte da praça, não era o único show na cidade. Um grupo de manequins vestidos com estopa medieval tinha sido criado em um lado do poço. Meninos empunhando espadas de madeira, lutando contra bonecos como cavaleiros em treinamento. Menestréis errantes passeavam as bordas do mercado, cantando músicas estranhamente bonitas. Mesmo assim, ainda era meio estranho.

Ela percebeu que havia uma manivela de madeira usada para levantar o balde. Um menino, usando apertadas calças de pele de animal bem apertadas, tinha mergulhado uma concha na água no balde e segurou-a para uma menina com olhos enormes e um ramo de azevinho preso atrás da orelha. Esvaziou a concha em alguns goles sedentos, olhando carinhosamente para o menino o tempo todo, ignorando a água escorrendo pelo seu queixo e sobre seu bonito vestido creme.

Quando ela terminou, o menino passou a concha para Miles com uma piscadela. Shelby não tinha certeza se gostava do que insinuava naquela piscadela, mas ela estava muito sedenta para fazer uma cena.

- Está aqui para a Feira de São Valentim? – A menina perguntou a Shelby em uma voz tão plácida como um lago.

- Eu, uh, nós...

- Estamos – Miles saltou, adotando um horrível sotaque britânico. – Quando é que começam as celebrações?

Ele parecia ridículo. Mas Shelby engoliu seu riso para evitar entregá-lo. Ela não tinha certeza o que aconteceria se eles fossem encontrados aqui, mas ela tinha lido em algum lugar sobre os instrumentos de tortura que eram usados nessa época. Lip balm, Shelby. Permaneça positiva. Chocolate quente, o sol de verão e TV a cabo. Concentre-se nisso. Eles estavam indo embora. Tinha que ir.

O rapaz passou o braço em volta da cintura da menina. – Em breve. Amanhã é o feriado.

A menina varreu a mão dela em todo o mercado. – Mas como você pode ver, a maioria dos namorados já chegaram. – Ela tocou o ombro de Shelby de brincadeira. – Não se esqueça de colocar o seu nome na Urna do Cupido antes do sol se por!

- Oh, certo. Você também, – Shelby murmurou desajeitadamente, como sempre fazia quando as pessoas no aeroporto lhe diziam para ter uma boa viagem. Ela mordeu o interior de sua bochecha quando a menina e o menino se despediram, os braços ainda unidos enquanto eles passeavam tranquilamente pela rua.

Miles agarrou o braço dela. – Não é grande? A feira dos Namorados!

Isto, vindo de um garoto que adorava beisebol e quem Shelby uma vez assistiu comer nove cachorros-quentes em uma única sessão. Desde quando Miles se interessava sobre festas do Dia dos namorados?

Ela estava prestes a dizer algo sarcástico quando viu que Miles a olhava bem... Esperançoso. Como se ele realmente quisesse ir. Com ela? Por alguma razão, ela não queria decepcioná-lo.

- Claro. – Shelby encolheu os ombros com indiferença. – Parece divertido.

- Não. – Miles balançou a cabeça. – Eu quis dizer... Os anjos caídos são obrigados a estarem lá, se eles estarão em qualquer lugar. É aí que vamos encontrar alguém que nos ajudará a chegar em casa.

- Oh – Shelby limpou sua garganta. É claro que isso era o que ele queria dizer. – Sim, bem pensado.

- O que há de errado? – Miles mergulhou a concha no balde e levou o copo de água fria até os lábios de Shelby. Ele parou e limpou a borda com a manga da camisa, em seguida, estendeu-o novamente.

Shelby sentiu-se corar sem razão, então ela fechou os olhos e bebeu profundamente, esperando que ela não pegasse algum tipo de doença fulminante e morrer. Depois que ela terminou disse, – Nada.

Miles mergulhou a concha novamente e bebeu um grande gole, seus olhos varrendo a multidão.

- Olhe, – disse, baixando a concha de volta para o balde.

Ele apontou para trás de Shelby, para uma plataforma elevada na beira das barracas do mercado onde três meninas estavam amontoadas, se dobrando em acessos de risos. Entre elas, havia um estranho pote, com bordas de pregas. Parecia tão velho quanto a terra e muito feio, o tipo de –arte– cara que Francesca poderia ter em seu escritório na Shoreline.

- Isso deve ser a Urna do Cupido. – disse Miles.

- Oh, sim, obviamente. Urna do Cupido. – Shelby acenou com a cabeça sarcasticamente. – O que diabos isso significa? Não seria melhor ter algo mais criativo?

- É uma tradição herdada no dia clássico de Roma, – disse Miles, entrando em seu modo acadêmico de sempre, como de costume. Viajar com ele era como carregar consigo uma enciclopédia.

- Antes do Dia dos Namorados ser Dia dos Namorados, – continuou ele, sua voz repleta de emoção – ele era chamado de Lupercalia.

- Looper – Ela acenou com a mão, trabalhando com um trocadilho ruim. Então ela viu a expressão de Miles. Sério e sincero.

Registrando seus olhos em seu rosto, ele estendeu a mão instintivamente para puxar seu boné de beisebol para baixo sobre os olhos. Seu hábito nervoso. Mas suas mãos encontraram somente o ar.

Ele se encolheu como se envergonhado e tentou enfiar a mão no bolso jeans, mas a calça não tinha bolsos, então tudo o que podia fazer era cruzar os braços sobre o peito.

- Você sente falta dele, não é? – Shelby perguntou.

- O quê?

- Seu boné.

- Essa coisa velha? – Ele deu de ombros muito rapidamente. – Nah. Nem sequer pensei nisso. – Ele olhou para longe, lançando os olhos vagamente ao redor da praça.

Shelby colocou a mão em seu braço. – O que você estava dizendo sobre Looper... hum, você sabe?

Seus olhos encontraram os dela, duvidoso. – Você realmente quer saber?

- O papa veste Prada?

Agora, ele sorriu. – Lupercalia foi realmente apenas uma celebração pagã da fertilidade e da chegada da primavera. Todas as mulheres elegíveis na cidade iriam escrever seus nomes em tiras de pergaminho e os colocava dentro da urna. Quando os solteiros tiravam da urna, o nome que pegou seria a sua namorada.

- Isso é bárbaro! – Shelby gritou. De jeito nenhum alguma urna iria dizer com quem ela iria sair. Ela poderia cometer seus próprios erros, obrigado.

- Eu acho que é doce. – Miles encolheu os ombros, desviando o olhar.

- Você acha? – Cabeça de Shelby girou de volta para ele. – Quer dizer, eu acho que poderia ser legal. Mas esta tradição não tinha nada a ver com São Valentim, certo?

- Certo, – disse Miles. – Eventualmente, a igreja ficou envolvida. Eles queriam trazer a celebração pagã sob seu controle, de modo que atribuíram a um santo padroeiro. Eles fizeram muito isso com os feriados de idade e tradições. Como se não fosse uma ameaça se fossem donos dela.

- Homens típicos.

- Agora, em sua vida, o Valentine real era conhecido como um defensor do romance. Pessoas que não podiam legalmente casar, soldados, por exemplo, vinham a ele, para realizar a cerimônia em segredo.

Shelby balançou a cabeça. – Como você sabe tudo isso? Ou melhor, por quê?

- Luce – disse Miles, que não estava olhando para Shelby.

- Oh. – Shelby sentiu como se alguém a tinha acabado de lhe acertar na barriga. – Você aprendeu sobre a história do Dia dos Namorados para im-

pressionar Luce? – Ela levantou e sacudiu a poeira. – Eu acho que algumas garotas nerds iriam adorar.

- Não, Shelby. Quero dizer – Miles agarrou seus ombros e girou-a a enfrentar a plataforma com a urna. – É Luce. Bem ali.

Luce usava um vestido marrom com uma saia larga. Seus longos cabelos negros estavam trançado em três tranças grossas, realizada em conjunto com estreitas fitas brancas. Sua pele parecia mais pálida do que o habitual, com um rubor pontilhando suas maçãs do rosto. Ela estava circulando a urna em passos lentos, de meditação, de pé além de outras meninas. No caos da praça, Luce parecia ser a única pessoa que estava sozinha. Seus olhos tinham aquele olhar suave, desfocada, como quando ela estava em transe de seus pensamentos.

- Shelby, espere!

Shelby já estava do outro lado da praça, quase correndo em direção a Luce, quando Miles apertou uma mão apertada em torno de seu pulso. Ele puxou-a para parar, e ela se virou, pronta para discutir com ele.

Exceto que sua expressão... Brilhava com algo que Shelby não conseguia decifrar.

- Você sabe que esta é a Lucinda do passado. Essa menina não é nossa amiga. Ela não vai saber quem é você.

Shelby não tinha pensado nisso. Apenas fingiu que tinha. Ela se virou e deu mais um duro olhar para Lucinda. Seu cabelo estava sujo, não apenas gorduroso, mas algo além de gordurosos, muito sujo e de um jeito que Luce

Price nunca iria ficar. Suas roupas se encaixam nela, estranhamente, do ponto de vista moderno de Shelby, mas Lucinda parecia confortável nelas.

Ela parecia confortável em tudo, na verdade, parecia um pouco com Luce. Shelby pensava em Luce como uma garota bem arrumada, embora encantadoramente desajeitada. Era uma das coisas que ela mais amava em Luce. Mas esta menina? Esta menina parecia confortável, mesmo na tristeza desesperada saturando cada movimento que ela fazia. Como se ela estivesse acostumada com a tristeza que sentia todos os dias em que se levantava até o por do sol. Ela não tinha amigos para animá-la? Não era para isso que os amigos existiam?

- Miles, - disse Shelby, agarrando seu pulso livre em sua própria mão e inclinando-se perto. - Sei que concordou em deixar Daniel encontrar a Luce do seu jeito, mas esta menina ainda é a Lucinda, nos preocupamos com... Ou uma versão anterior dela. E o mínimo que podemos fazer é animá-la. Olha como ela está chateada. Olha.

Ele mordeu o lábio. - Mas-mas tudo o que aprendemos sobre anunciantes diz que você não deve mexer com...

- Hiii lá! - Shelby disse em uma cantilena, puxando Miles consigo até chegar ao lado de Lucinda. Ela não sabia de onde o sotaque sulista tinha vindo, a última vez que o ouviu foi no jantar de Ação de Graças da mãe de Luce na Geórgia. E ela não tinha idéia do porque que as pessoas aqui neste mundo inglês medieval, a fariam soar como uma garota da Geórgia, mas já era tarde demais para descobrir.

A poucos metros atrás dela, Miles balançou a cabeça em horror. *Foi um acidente!* Shelby disse-lhe com os olhos.

Lucinda ainda não os tinha notado, estava distraída na sua própria tristeza. Shelby teve que intensificar a direita na frente dela e balançar uma mão em seu rosto.

- Oh, - disse Lucinda, olhando para Shelby sem nenhum indício de reconhecimento. - Bom dia.

Não deveria ter ferido os sentimentos de Shelby, mas feriu.

- N-não se lembra de mim? - Shelby gaguejou. - Acho que meu primo de, er, Windsor, um tio do lado do seu pai da família... Ou talvez fosse o contrário.

- Me desculpe, eu acho que não, embora talvez possa ser.

- Você é Lucinda, certo?

Lucinda assentiu, e por um momento, houve uma faísca familiar em seus olhos. - Sim.

Shelby apertou a mão ao seu coração. - Sou Shelby. Este é Miles.

- Esses nomes são diferentes. Você veio do Norte?

- Claro. - Shelby encolheu os ombros. - Muito, muito distante para o norte. Então, nós nunca estivemos... Na Feira de São Valentim antes. Você está colocando seu nome na urna?

- Eu? - Lucinda engoliu, tocando a garganta. - A idéia de que um golpe de sorte pode decidir o destino do meu coração não me atrai.

- Falou como uma menina que é apaixonada pelo namorado! - Shelby cutucou Lucinda, esquecendo-se que eles eram estrangeiros, esquecendo que suas palavras poderiam ser grosseiras e seu sarcasmo diferente demais para a

sensibilidade medieval de Lucinda. – Quero dizer... Há algum cavaleiro que você gosta, senhora?

- Eu estava apaixonada – disse Lucinda sombriamente.

- Estava? – Shelby repetiu. – Você quer dizer que está apaixonada.

- Eu estava. Mas ele se foi.

- Daniel deixou você? – Miles estava com o rosto vermelho. – Quer dizer, como era seu nome?

Mas Lucinda não parecia ter ouvido. – Nós nos conhecemos no jardim de rosas do castelo do seu senhor. Devo admitir que eu estava invadindo, mas eu tinha visto tantas senhoras finas indo e vindo, e o portão estava aberto, e as flores são tão formosas.

Ela apertou as mãos para o coração dela e suspirou com profundo pesar. – Naquele primeiro dia, ele me confundiu com uma garota de maior estatura. De classe. Eu tive o meu melhor kirtle, meu cabelo tecido com flores de espinheiro, como algumas senhoras fazem. Ele parecia bom, mas eu temo que fosse desonesto.

- Oh, Lucinda, – disse Shelby. – Tenho certeza que você era uma senhora a seus olhos!

- Daniel é um cavaleiro. Ele deve se casar com uma senhora de como ele. Minha família é simples. Meu pai é um homem livre, mas ele cresce de grãos, assim como seu pai. – Ela piscou e uma lágrima desceu por sua face. – Eu nunca disse ao meu amor meu nome.

- Se ele te amava, e eu tenho certeza de que sim, ele vai saber o seu nome. – disse Miles.

Lucinda estremeceu quando ela respirou.

– Então, na semana passada, como parte de seu dever de cavaleiro ao senhor, ele veio pela porta do meu pai para recolher os ovos para a festa de São Valentim. Era o dia do meu aniversário. Nós estávamos comemorando. E ver o rosto do meu amor quando ele viu a nossa casa pobre... Eu tentei impedi-lo de ir, mas ele despediu-se sem nenhuma palavra. Eu procurava por ele em todos os nossos lugares secretos, no carvalho oco na floresta, na orla norte do jardim de rosas ao anoitecer, mas eu não o vi desde então.

Shelby e Miles compartilhavam um olhar. Obviamente, Daniel não se importava com que tipo de família Lucinda vivia. Foi o aniversário, o fato de que ela estava se aproximando dos limites de sua maldição, que tinha assustado ele.

Até agora Shelby estava familiarizada com a forma como Daniel, por vezes, tentou afastar Luce quando soube que sua morte estava próxima. Ele quebrou o coração dela para salvar sua vida. Ele estava provavelmente deprimido em algum lugar, de coração, também.

Tinha que ser desse jeito. Essa menina diante de Shelby tinha que morrer, talvez uma centena de vezes antes de renascer em outra vida, em outro tempo, para enfim ter a primeira chance de quebrar a maldição.

Não era justo. Não era justo que ela tivesse que morrer de novo e de novo, e teve que ir através da dor como esta, em tantos momentos entre eles. Mais do que ninguém, Lucinda merecia ser feliz.

Shelby queria fazer algo para Lucinda, mesmo que fosse algo pequeno. Ela olhou para Miles novamente. Ele ergueu uma sobrancelha de forma significativa para Shelby, e entendeu seu significado. *Você está pensando no que eu estou pensando?* Ela balançou a cabeça.

– Isso foi apenas um mal entendido. Conhecemos Daniel.

– Você acha? – Lucinda parecia surpresa.

– Diga você: Irá amanhã à Feira dos Namorados e tenho certeza que Daniel estará lá também, e vocês ficarão juntos.

O lábio de Lucinda tremeu, e ela escondeu o rosto no ombro de Shelby quando começou a chorar. – Eu não vou suportar vê-lo com outro nome da urna.

– Lucinda, – disse Miles tão calorosamente que os olhos da menina clarearam e ela olhou para ele, da mesma forma que Luce às vezes o olhava. O que fez Shelby ficar estranhamente enciumada. Shelby desviou o olhar quando Miles perguntou: – Você acredita que Daniel realmente ama você? – Lucinda assentiu. – E em seu coração, – Miles continuou, – você realmente acredita que a conexão que você tem com Daniel é tão fraca, que a posição de sua família pode romper esse vínculo?

– Ele-ele não tem uma escolha. Está escrito no Código dos Cavaleiros. Ele deve se casar com uma...

– Luce! Você não sabe que seu amor é mais forte do que qualquer código burro? – Shelby deixou escapar.

Lucinda levantou uma sobrancelha. – Você acha? – Perguntou ela.

Miles disparou a Shelby um olhar de advertência.

– Quero dizer, er... O verdadeiro amor é mais profundo e mais forte do que meras sutilezas sociais. Se você ama Daniel, então você deve dizer-lhe como se sente. –

– Eu me sinto estranha. – Lucinda estava corada, segurando a mão sobre o peito. Ela fechou os olhos, e por um momento Shelby pensou que iria pegar fogo bem ali do seu lado. Shelby deu um passo para trás.

Mas não era assim que isso funcionava, não era? A maldição de Luce tinha algo a ver com a maneira como ela interagiu com Daniel e algo que a sua presença despertou nela.

- Eu quero acreditar que o que você diz é verdade. Eu sinto de repente que nosso amor é muito forte.

- Forte o suficiente para trazer Daniel ao festival amanhã, – Shelby disse – você iria com ele?

Lucinda abriu os olhos. Eles eram selvagens, grandes e brilhavam intensamente na cor avelã – Eu iria. Iria a qualquer lugar do mundo para estar com ele novamente.

TRÊS



SUA ESPADA, SUA PALAVRA

— Aquilo foi brilhante! — Shelby entoeou quando Lucinda tinha ido e ela e Miles estavam sozinhos no poço.

No céu ocidental, os raios do sol empalideceram. A maioria dos cidadãos estavam a caminho de casa, carrinhos e sacolas pesadas com as disposições para a ceia da noite. Shelby não comia há muito tempo, mas ela mal notou os aromas de frango e batata fervendo no ar. Ela estava correndo na fumaça de seu entusiasmo.

— Você e eu estávamos completamente sincronizados lá atrás. Era como se eu falasse e você complementasse, como se estivéssemos em um ritmo louco.

— Eu sei. — Miles mergulhou a concha no balde e tomou um gole longo e lento de água. Suas sardas tinham saído à luz do sol. Shelby ainda estava se acostumando com o quão diferente ele era sem seu boné de beisebol. — Você estava certa, era o certo fazer Luce se sentir melhor. Mesmo que ela não seja a nossa Luce. — Por um segundo, a cabeça de Miles virou para a esquerda, como se tivesse ouvido alguma coisa. Seu corpo enrijeceu.

— O que foi? — Shelby perguntou.

Mas então seus ombros estavam um pouco mais caídos do que do seu modo casual.

— Nada. Pensei ter visto um Anunciador, mas não era nada.

Shelby não queria pensar em Anunciadores, ela estava muito animada. — Você sabe o que seria incrível? — disse ela, sentando-se na borda do poço. —

Nós poderíamos ir às compras, obter alguma lembrancinha para Luce e dizer-lhe que é de Daniel. Eu poderia escrever algum poema bonito: –as rosas são vermelhas– ou outra coisa, hey, que provavelmente seria nova para esses caipiras medievais. E nós poderíamos...

- Shelby? – Miles interrompeu. – Que tal chegar em casa? Nós não pertencemos a esse lugar, lembra? Nós já ajudamos a Lucinda, dando-lhe esperança de ir para a feira dos Namorados, mas não podemos fazer nada mais para mudar a forma como a maldição vai seguir. Precisamos encontrar um Anunciador.

- Bem, você sabe que onde quer que Luce esteja o resto deles são obrigados a estar por perto – disse Shelby rapidamente. – Se pudéssemos encontrar Daniel seria, assim, dois pássaros com uma pedra só. Ele iria à Feira, e nós encontraríamos o nosso caminho de volta para Shoreline.

- Eu não sei se seria tão fácil assim encontrar Daniel.

- Então nós não podemos ir para casa! Não até cumprirmos nossa promessa sobre Luce! Eu não quero ser mais uma pessoa a deixá-la. – Shelby se sentiu de repente sufocada. – Ela merece o melhor.

Miles suspirou lentamente. Ele andava de um lado para o outro, a testa franzida, o rosto pensativo. – Você está certa – disse ele finalmente. – O que há de errado em ficar mais um dia?

- Sério? – Shelby gritou.

- Mas onde é que vamos encontrar Daniel? Lucinda não disse algo sobre um castelo? – Miles disse. – Nós poderíamos encontrá-lo.

- Daniel pode estar em qualquer lugar. E quero dizer em qualquer lugar mesmo.

Shelby ouviu o som de cascos de cavalos e virou a cabeça em direção ao largo caminho no centro do mercado. Passando pelas barracas dos comerciantes, que estavam sendo fechadas para a noite, ela teve um vislumbre de um suntuoso cavalo branco.

Quando passou pelo toldo do comerciante e entrou em seu campo de visão, Shelby engasgou.

A figura na sela de couro preto forrado com arminho, a quem Shelby, Miles, e a maioria das pessoas da cidade assistiam em reverência o que era um verdadeiro cavaleiro em uma armadura reluzente.

Ombros largos, sua identidade obscurecida por sua viseira, o cavaleiro montava pela praça com um ar de nobreza comandante. As placas de metal começavam em seus pés e estavam estabilizados em dois estribos robustos. Suas pernas estavam envoltas em torresmos polido e sua cota de malha foi cortada tão justa que se agarravam a seu corpo musculoso. Seu capacete de metal tinha o topo plano com duas placas curvas se unindo em selo em ângulo sobre seu nariz. Havia buracos minúsculos para a respiração na frente do visor e uma fenda estreita em seus olhos. Era alarmante: Ele podia vê-los, mas eles só podiam ver a evidência alarmante de seus olhos.

Uma bainha presa ao seu lado esquerdo carregava uma espada, e da sua armadura, ele usava uma longa túnica branca com uma cruz vermelha no peito como Shelby pensou ter visto em um filme de Monty Python.

- Por que não perguntar a ele? – Shelby disse.

- Sério?

Shelby vacilou. Claro, ela estava nervosa por estar assim tão perto de um vivo e real cavaleiro. Mas de que outra forma eles iriam encontrar Daniel?

- Você tem uma idéia melhor? – Ela apontou para a figura que se aproximava. – Ele é um cavaleiro. Daniel é um cavaleiro. As chances são de que eles vão correr no mesmo círculo de cavalaria, certo?

- Ok, ok. E Shel? – Miles inalou, algo que ele fazia quando estava nervoso. Ou quando pensava que estava prestes a ferir os sentimentos de Shelby – Tente não usar o sotaque da Geórgia, ok? Pode ter dado certo com Lucinda, mas precisamos ser mais cuidadosos, lembre-se do que Roland falou sobre brincar com o passado.

- Estou apenas me misturando – Shelby pulou para fora da borda do poço, endireitou os ombros como ela imaginou que uma dama poderia fazer, deu uma piscadela para Miles que se sentiu um pouco estranho, e caminhou em direção ao cavaleiro.

Mas ela tinha tomado apenas dois passos curtos quando o cavaleiro se virou para ela, levantou a viseira, e estreitou seus olhos escuros em um brilho refletor que Shelby havia recebido várias vezes antes.

Falando no diabo. Miles não tinha mencionado Roland?

Roland olhou para trás e para frente entre Shelby e Miles. Ele claramente reconheceu-os, o que significava que este era o Roland de sua época atual, aquele Roland que vira pela última vez no quintal de Lucinda Price quando a batalha explodiu. O que significava que estavam em apuros.

- O que vocês dois estão fazendo aqui?

Miles estava ao lado de Shelby instantaneamente, com as mãos protetoramente em volta dos seus ombros. Foi muito decente da parte dele, como ele não ia deixá-la ficar preso sozinho. – Nós estamos procurando por Daniel – disse ele. – Você pode nos ajudar? Você sabe onde ele está?

- Ajudar vocês? A encontrar Daniel? – Roland levantou suas sobrancelhas escuras parecendo surpreso. – Não quer dizer Luce, a garota mortal per-

dida em seu próprio Anunciador? Vocês estão confusos e não deveriam estar aqui.

- Nós sabemos, nós sabemos, não pertenco aqui. - Shelby colocou em seu tom mais arrependido. - Nós chegamos aqui por acidente - acrescentou, olhando para Roland em seu cavalo branco incrível. Ela não tinha idéia de que cavalos eram tão enormes. - Estamos tentando chegar em casa, mas estamos tendo dificuldades para encontrar um Anunciador.

- É claro que sim. - Roland bufou. - Como se eu não tivesse obrigações o bastante, agora eu tenho que cuidar das crianças também. - Ele levantou uma mão enluvada casualmente. - Vou convocar um para vocês.

- Espere. - Miles adiantou-se, interrompendo Roland. - Pensamos que, enquanto estávamos aqui, poderíamos, talvez, um, fazer uma coisa agradável para Lucinda. Você sabe, a Lucinda desta era. Nada grave, basta apenas tentarmos fazer a sua vida um pouco mais feliz.

- Você sabe como ela sempre fica, - Shelby tentou.

- Como estava Lucinda quando a encontraram? - Roland perguntou.

- Ela estava devastada, - disse Miles.

- E amanhã é Dia dos Namorados, - acrescentou Shelby.

O cavalo relinchou, e Roland estabilizou-o com as rédeas. - Ela estava clivada?

Shelby franziu o nariz. - Ela o quê?

- Ela era uma junção de seu eu do passado e presente?

- Você quer dizer como... – Shelby estava pensando no encontro com Daniel em Jerusalém, ele estava perdido e fora de foco, como em um filme 3-D.

Mas antes que ela pudesse responder, o sapato de Miles acertou sua canela. Se Roland não gostava deles estarem aqui, ele com certeza não iria gostar do fato de que tinham viajado por vários lugares através de Anunciadores. – Shhh – Miles sussurrou pelo canto da boca. – Olha, é muito simples: Ela reconheceu vocês? – Roland pressionado.

Shelby suspirou. – Não.

- Não – disse Miles.

- Então ela é a Luce deste tempo e não devemos interferir. – Roland olhou para eles com franca surpresa, mas não disse nada. Um de seus longos dreadlocks de ouro-negro se soltou de seu elástico e caiu de seu capacete. Ele colocou-o para dentro e olhou ao redor da praça da cidade, onde cães atacavam uma cobra, e crianças chutavam uma bola de couro pelas ruas enlameadas. Ele estava claramente relutante

- Por favor, Roland – disse Shelby, atingindo ousadamente suas luvas. Luvas, pensou ela. Eles são chamados de luvas. – Você não acredita no amor? Você não tem um coração?

Shelby sentiu as palavras pairando no ar gelado e desejou que ela pudesse retirá-las. Certamente ela havia ido muito longe. Ela não sabia nada da história de Roland. Ele ficou do lado de Lúcifer quando os anjos caíram, mas ele nunca pareceu tão ruim assim. Apenas enigmático e impenetrável.

Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, e Shelby esperou para ouvir outra palestra sobre os perigos de viajar por Anunciadores, ou serem ameaçados de serem entregues para Francesca e Steven apenas por um capricho de Roland. Ela estremeceu e desviou o olhar.

Em seguida, ela ouviu o barulho suave de um visor ser fechado.

Quando ela olhou para cima, o rosto de Roland estava escondido novamente. Pela fenda na viseira, seus olhos eram ilegíveis.

Bela maneira de estragar as coisas, Shelby

- Vou encontrar Daniel para vocês. – A voz de Roland cresceu de trás da viseira, fazendo Shelby saltar. – Eu vou ver se ele chega a tempo para a Feira de amanhã. Eu tenho uma coisa pra fazer, e depois volto aqui para arranjar um Anunciador que vai levá-los de volta a Shoreline, onde deveriam estar agora. Não quero argumentos. Pegue a minha oferta ou largue-a.

Shelby cerrou o maxilar para evitar deixar cair-lo. Ele iria ajudá-los.

- Não, sem argumentos – Miles gaguejou. – Isso já é o suficiente, Roland. Obrigado.

Então teve um ligeiro movimento no capacete de Roland, o que Shelby entendeu ser um aceno, mas ele não disse mais nada. Ele só cutucou seu cavalo branco ao redor para enfrentar o caminho que levava para fora da cidade.

Comerciantes espalhados como animais trotando, em seguida, invadiram a galope, a sua cauda branca fluindo por trás dele como uma nuvem de fumaça desaparecendo.

Shelby notou algo estranho: em vez de andar orgulhosamente fora da cidade, Roland sentou-se com a cabeça baixa, ombros um pouco caídos. Como se algo inexplicável tivesse mudado seu humor. Foi algo que ela disse?

- Isso foi intenso – disse Miles, de pé ao lado dela.

Shelby aproximou-se mais dele, de modo que seus braços estavam se tocando, e isso fez ela se sentir melhor.

Roland estava indo para encontrar Daniel. Ele estava indo para ajudá-los.

Shelby se pegou sorrindo com o seu sorriso mais feliz. Em algum lugar, em meio a toda aquela armadura, talvez houvesse um coração que acreditava no poder do amor verdadeiro.

Deixando de lado seu cinismo, Shelby tinha que admitir que ela também acreditava no amor. E ela poderia dizer pela forma como Miles tinha consolado Lucinda esta tarde que ele era um crente, também. Juntos, eles assistiram o brilho do crepúsculo na armadura de Roland e ouvia o barulho dos cascos na calçada afinando em silêncio.

QUATRO



MÃO NA LUVA

Uma coisa sobre a Idade Média: As estrelas eram inacreditáveis.

Desocupado pelas luzes da cidade, o céu era uma paisagem brilhante de galáxias, o tipo de céu que fez Shelby querer ficar acordada muito tempo e olha-lo fixamente. Pouco antes de anoitecer, o sol finalmente havia queimado através das nuvens de cinza do inverno, e agora a tela escura acima estava inundada de estrelas.

- Essa é a Ursa Maior, não é? - Miles perguntou, apontando para um arco brilhante no céu.

- Acho que sim. - Shelby encolheu os ombros, mas ela se inclinou para seguir o seu dedo com os olhos. Ela podia sentir o cheiro de sua pele, familiar e um pouco cítrica. - Eu não sabia que você sabia astronomia.

- Eu não, quer dizer, não muito. Mais há algo sobre a noite de estrelas... Ou alguma coisa sobre hoje à noite em geral. Tudo parece mais notório. Você não acha?

- Sim - Shelby respirava perdida nos céus que nunca tinha pensado existir... Ela se sentiu próxima a eles de uma maneira estranha. Perto de Miles, também. - Eu sei.

Uma vez que eles concordaram em ficar mais uma noite, Shelby havia conseguido um cobertor e uma corda e usando as habilidades aprendidas durante seus dias na Skid Row de moda, fez a tenda quase elegante. Com tantos

recém-chegados na cidade, ela e Miles tinham montado um acampamento em uma inclinação elevada fora dos muros da cidade. Miles tinha até encontrado lenha, embora nenhum deles soubesse como começar um fogo sem fósforos.

Era um bocado agradável aqui, na verdade. Sim, haviam ruídos de coio-tes vindo da floresta, mas Shelby lembrou-se das vezes em que as noites da Shoreline eram preenchidas por gritos estridentes. Ela e Miles apenas ficariam juntos e se esconderiam caso alguma criatura selvagem saísse da floresta.

O mercado montado especial para o feriado, perto da estrada, onde Miles e Shelby se separaram, com um plano para Miles encontrar comida e Shelby encontrar presentes do Dia dos Namorados para dar a Luce e Daniel no dia seguinte. Em seguida, eles se encontrariam de volta ao acampamento para jantar sob as estrelas.

Na hora antes do por do sol, os vendedores na cidade haviam se mudado da parte externa. O mercado de noite era diferente do mercado durante o dia no interior das muralhas, que tinha vendido itens de uso diário, como tecidos e grãos. O mercado noturno, Shelby percebeu, era montado apenas em ocasiões especiais, apenas para o feriado dos Namorados, quando a cidade transbordava de comerciantes e muitos visitantes.

O lugar estava lotado com barracas recém-colocadas, muitas das quais duplicavam como centros de troca. Shelby não tinha muito a oferecer, mas ela conseguiu trocar a sua faixa de cabelo por um laço bonito na forma de um coração, que ela planejou dar a Luce –de Daniel.–

Ela também trocou alegremente uma tornoeleira de cânhamo que Phil havia dado a ela em algum momento na Shoreline por um punhal com uma bainha de couro que ela imaginou que Daniel pudesse gostar. Era difícil comprar coisas para garotos.

A faixa do cabelo e a tornazeleira eram menos do que inútil para Shelby, mas eles eram exóticos para os comerciantes. –O que é esta substância alquímica que se estende e mantém a sua forma?– Que lhe perguntou, examinando o elástico como se fosse uma jóia preciosa. Shelby segurou o riso, os instrumentos medievais de tortura nunca distantes de seus pensamentos.

Como sempre depois de fazer compras, Shelby estava faminta. Esperava que Miles tivesse encontrado alguma coisa para comer. Ela estava correndo pelo gramado lotado para encontrá-lo, quando um pensamento borrado entrou em foco: O que ela estava esquecendo?

- Oh, que lindo chapéu! – Uma mulher de cabelos louros com um largo sorriso apareceu diante dela. Ela acariciou o véu de renda da touca que Shelby tinha roubado da barraca naquela manhã. – É um dos Tailor Mestre?

- Uh, quem? –Shelby corou, se sentindo culpada, levando a mão até a ponta de seu chapéu roubado.

- Sua tenda é um pouco mais além. – A mulher apontou para uma barraca feita de lona branca a cerca de dez metros de distância. – Henry tem três irmãs, todas lindas costureiras. Na maior parte do ano, suas agulhas voam apenas para os reparos das peças da igreja, mas as meninas sempre conseguem algo pequeno e especial para a feira. Seu trabalho me tira o fôlego.

As abas da tenda foram abertas e lá, sob um toldo, estava o homem corpulento, cujo carrinho ela e Miles tinham tentado saltar como um trem de carga naquela manhã. O homem que tinha pegado o chapéu de Miles.

Uma pequena multidão se reuniu e foi dando ohhs, oohs e aahs, admirando algo aparentemente muito precioso. Shelby teve que empurrar os curiosos que enchiam o lugar até que viu o item que deixavam tantos ohos famintos:

Um boné azul brilhante dos Dodgers.

– Admirem a tintura requintada deste objeto precioso! – Tailor Henry era profundo no auge de seu discurso de vendas, como se o chapéu tinha sido sempre uma parte de sua coleção, como se ele tivesse costurado ele mesmo. – Você já viu tais pontos? Impecavelmente regular, a ponto de invisibilidade...!

– E se uma espada o fatiar no meio, Harry, o que acontece? – Um homem vaiou. A multidão começou a agitação que talvez o visor não fosse o item mais invencível na coleta de Henry.

- Idiotas – disse Henry. – Este visor não é a armadura, mas uma coisa de beleza. Não é possível que uma coisa possa ser feita simplesmente para agradar os olhos e o coração?

O povo vaiou, e o coração Shelby martelava no peito, porque ela sabia o que tinha que fazer.

- Eu vou comprar o chapéu! – Ela gritou de repente.

- Não está à venda! – Disse Henry.

- Claro que está à venda – disse Shelby, afastando seu nervosismo sobre seu horrível sotaque inglês, afastando algumas pessoas assustadas, afastando tudo, menos a sua necessidade de obter o chapéu... Era importante para Miles, e Miles era importante para ela. – Aqui – ela gritou, – toma o meu chapéu em troca! Meu pai comprou para mim esta manhã, e não combinou muito comigo.

Henry olhou para cima, e Shelby teve um momento de pânico, certamente ele saberia que ela havia roubado o chapéu. Só que, quando ele inclinou a cabeça em Shelby, ele nem sequer pareceu registrar que o chapéu havia pertencido a ele.

– Sim, esse chapéu deixa as suas orelhas de fora. Mas isso não é o suficiente.

O quê? Ela não tinha orelhas grandes! Shelby estava prestes a lhe devolver um insulto, quando uma pequena parte de sua mente a lembrou do que era importante ali.

-Vejam! Esse chapéu é velho, e seu material é desbotado! - Ela apontou com um dedo acusador. -E o que tipo de maldade diz essas letras estampadas?

- São mensagens? - Alguém na multidão perguntou.

- Eu não sei ler - disse outro.

E ficou claro que Henry não entendia também. - O que eles dizem? - Perguntou ele. - Eu pensei que eles eram meros adornos. - E então, lembrando que ele alegou ter feito o chapéu, ele acrescentou: - O projeto me foi dado por um senhor que passa.

- Eles são a marca do diabo! - Shelby improvisava, com a voz cada vez mais alta enquanto ganhava confiança. - As marcas pontiagudas dizem tudo!

A multidão suspirou e chegou mais perto. O cheiro deles fizeram Shelby sentir que não conseguia respirar.

Henry afastou o boné de perto dele - É mesmo? Então por que você quer?

- Para que você acha? Eu vou destruí-lo em de tudo que é sagrado e direito no mundo.

Houve um murmúrio de aprovação da multidão.

- Eu vou queimá-lo e livrar o mundo da sua marca do mal!

Alguns na multidão deram vivas.

- Eu vou proteger a todos nós do veneno desse chapéu!

Henry coçou a cabeça. – É apenas um chapéu, porém, não é?

Atrás de Shelby as pessoas se viraram para olhar para ela.

- Bem, sim, mas... meu ponto é que eu vou levá-lo de suas mãos.

Tailor olhou para o chapéu na mão, sobrancelha esquerda subindo. – Essa obra parece familiar – ele murmurou. Então ele olhou novamente o boné de Miles. – Um comércio mesmo, então?

Shelby estendeu a touca rendada. – Um comércio mesmo.

O homem assentiu com a cabeça e a troca foi feita. O boné dos Dodgers de Miles parecia ouro maciço nas mãos de Shelby, e ela não podia voltar para a barraca rápido o suficiente. Ele ia ficar tão feliz! Ela subiu a pastagem verde, passando por menestréis cantando tristes e solitárias canções, e logo viu o contorno dos ombros de Miles no escuro.

Mas ele não estava no escuro.

Miles tinha descoberto como fazer uma fogueira! E ele estava assando salsichas sobre a chama alta. Quando ele olhou para ela e sorriu, uma ondulação pequena, que ela nunca tinha notado antes, apareceu em sua bochecha esquerda. Shelby sentiu tonturas. Deveria ser por causa do que havia acabado de fazer. Ou o calor repentino do fogo.

- Com fome? – Miles perguntou.

Ela assentiu, muito nervosa sobre a sua notícia de ter recuperado seu boné para encontrar palavras. Ela segurou o chapéu atrás das costas, autoconsciente sobre tudo. Sua postura, seu jeito, suas largas roupas medievais. Mas este era Miles, ele não iria julgá-la. Então por que de repente ela se sentia tão nervosa?

- Pensei que poderia estar. Hey, onde está seu chapéu?

Estava lá uma dica de pesar em sua voz? O seu cabelo estava ridículo? Agora ela nem sequer tinha o elástico para puxar de volta.

Ela corou. – Eu o troquei.

- Ah. Alguma coisa para dar a Luce e Daniel?

A forma como a luz estava jogada sobre seu rosto, Miles parecia seu melhor amigo e também como uma pessoa completamente nova. Alguém, ela percebeu, que gostaria muito de conhecer.

- Sim. – Shelby sentiu-se estranha, de pé sobre ele com seu cabelo louco. Por que ela não tinha um cabelo como o de Luce, o cabelo que era liso, sexy e brilhante e essas coisas? Um tipo de cabelo que os meninos gostavam. Miles tinha gostado do cabelo de Luce. Ele ainda estava olhando para Shelby. – O que é?

- Não é grande coisa. Sente-se. Há cidra e um pouco de pão.

Shelby caiu sobre a grama ao lado de Miles, o cuidado de esconder seu boné nas dobras de seu vestido. Ela queria dar para ele no momento certo, depois de seu estômago parar de rosnar.

Ele deslizou uma fervente salsicha com uma grossa fatia de pão crocante e entregou-lhe uma caneca de lata amassada de cidra. Eles tocaram copos, olhos fechados.

- Onde você conseguiu tudo isso?

- Você acha que é a única que pode trocar? Eu tive que dizer adeus a dois cadarços bom para esse sanduíche, senhora, para comer.

Quando Shelby deu uma mordida e bebeu sua bebida, ela estava contente de ver que Miles não estava olhando para o seu cabelo. Ele estava olhando para o firmamento de tendas que conduzem à cidade, a fumaça de centenas

de fogueiras de misturando no ar. Ela se sentiu mais quente e mais feliz do que ela tinha estado em um tempo muito longo.

Terminando seu sanduíche antes que Shelby tivesse sequer dado uma segunda mordida, Miles falou. –Você sabe, essa saga Luce-e-Daniel, seu amor impossível, a maldição inquebrável, o destino dos dois... Que começamos a aprender sobre eles nas aulas, e mesmo quando conhecemos Luce, soava como...

- Um monte de besteira? – Shelby completou – Isso era o que eu pensava de qualquer maneira.

- Bem, sim – admitiu Miles. – Mas, recentemente, passando pelos Anunciadores com você, realmente vendo o quanto há mais neste mundo, o encontro com Daniel em Jerusalém, observando como Cam era diferente antes de escolher seu lado... Talvez haja uma coisa como o amor verdadeiro.

- Sim. – Shelby murmurou terminando de mastigar. – Sim.

Do nada, ela queria muito pedir a Miles uma coisa. Mas ela estava com medo. E não o medo de ter de dormir fora em uma floresta repleta de animais, ou o medo de estar longe, muito longe de casa, sem qualquer certeza de que iria encontrar o caminho de volta. Este era um tipo vulnerável de medo, cuja intensidade a fez tremer.

Mas ela não pediu, nunca saberia. O que seria pior.

- Miles?

- Sim?

- Alguma vez você já se apaixonou?

Miles arrancou uma lâmina de grama marrom e girou-a entre as palmas das mãos. Ele lhe deu um sorriso, depois deu uma risada envergonhada. – Eu não sei. Quero dizer... Provavelmente não. – Ele tossiu. – Você?

- Não – ela disse. – Nem perto disso.

Nenhum dos dois parecia saber o que dizer depois disso. Por um tempo, eles apenas ficaram em um silêncio nervoso. Às vezes Shelby se esquecia desse silêncio constrangedor, e parecia apenas um silêncio confortável com seu amigo Miles. Mas depois que ela olhou pra ele, e pegou-o olhando para ela, e seus olhos era um completo azul mágico, e tudo parecia realmente diferente, ela ficou nervosa novamente.

- Nunca desejou que tivesse vivido em outra época? – Miles finalmente mudou de assunto, e se sentiu como se alguém tivesse estourado um enorme balão de tensão. – Eu poderia estar vestindo armadura, sendo cortês, tudo isso.

-Você seria um grande cavaleiro! Mas eu não acho que gostaria de viver em outro lugar. Eu gosto do meu barulho, na Califórnia.

- Eu também. Hey, Shel? – Seus olhos se debruçaram sobre ela. Ela estava quente, mesmo com a rajada de vento frio que batia através de seu vestido áspero de lã. – Você acha que vai ser diferente quando voltarmos para a Shoreline?

- É claro que vai ser diferente. – Shelby olhou para baixo e arrancou um pouco de grama. – Quero dizer, nós estaremos sentados no refeitório lendo o Tribune e fazendo brincadeiras com os não-nefilim. Nós não vamos, tipo, beber de poços medievais e outras coisas.

- Não é isso o que quero dizer. – Miles virou o rosto para ela. Ele levantou seu queixo para cima com os dedos. – Quero dizer entre você e eu. Nós somos diferentes aqui. Eu gosto da maneira que estamos. – Uma pausa. Um olhar azul profundo. – E você?

Shelby sabia que não era o que ele queria dizer. Mas ela estava com medo de falar sobre o que mais ele poderia dizer. E se ela tivesse entendido erra-

do? No entanto, o que ela e Miles –eram– aqui, ela gostou muito. Todos os dias ela vinha sentindo esse burburinho em torno dele. Mas ela não podia expressá-lo. Ele a fazia travar a língua.

Por que não podia apenas ler sua mente? (Não que isso fosse menos confuso). Mas não, Miles estava preso à espera de sua resposta, que foi verdadeira, simples, e também muito, muito complicada.

- Claro. – Shelby estava corando. Ela precisava de uma distração. Ela pegou o boné de beisebol. Dessa forma, ele olharia para ele em vez das suas bochechas vermelhas.

- A razão que eu perguntei sobre o seu chapéu, – Miles disse antes que ela pudesse dar-lhe o boné – é porque eu encontrei isso no mercado hoje à noite. – Ele ergueu um par de luvas de couro amarelo e punhos brancos. Eram lindas.

- Você comprou isso? Para mim?

- Troquei com eles, na verdade. Você deveria ter visto o quanto a fabricante de luva virou uma embalagem pequena de goma. – Sorriu. – De qualquer forma, suas mãos estavam tão frias durante todo o dia, e eu pensei que eles combinassem com a seu chapéu.

Shelby não pode se conter. Começou a rachar-se. Ela se dobrou no meio e caiu na risada. Era tão bom liberar toda aquela energia reprimida, todo aquele nervoso, justamente ali na véspera do Dia dos Namorados.

- Você as odiou. – Miles soava desanimado. – Eu sei que elas não são o seu estilo normal, mas elas eram da mesma cor que o chapéu e...

- Não, Miles, não é isso. – Shelby se tranqüilizou e olhou pra ele. Então começou a rir novamente. – Eu troquei o chapéu para conseguir isso. – Ela ergueu o boné dos Dodgers.

- Não acredito! – Ele se aproximou com ar de um garoto que não podia acreditar que os presentes sob a árvore de Natal eram realmente dele.

Silenciosamente, Shelby deslizou as luvas na mão. Miles agarrou o boné nas suas. Depois de um longo momento, eles experimentaram seus pertences.

Pegando o boné ele puxou firmemente sobre seus olhos azuis. Miles parecia ele novamente, o menino que Shelby conheceu a partir de uma centena de palestras na Shoreline, o menino que ela andou pela primeira vez através dos Anunciadores, o menino que era, ela percebeu, seu amigo mais próximo.

E as luvas, as luvas eram surpreendentes. O couro mais macio, o desenho mais delicado. Elas se encaixam perfeitamente, quase como se Miles soubesse a forma exata de suas mãos. Ela olhou para cima para lhe agradecer, mas sua expressão a fez parar.

- O que há de errado?

Miles coçou a testa. – Eu não sei. Você se importaria, na verdade, se eu ficar sem o boné? Percebi hoje que eu poderia te ver melhor sem ele, e eu gostei dessa maneira.

- Me ver? – Shelby não sabia por que, de todos os tempos, a voz dela escolheu aquele momento para falhar.

- Yeah. Ver você. – Ele tomou as mãos dela nas suas. Seu pulso acelerou. Tudo sobre aquele momento era muito importante.

Havia apenas uma coisa que estava errada.

- Miles?

- Sim?

- Você se importa se eu tirar as luvas? Eu as amo, e eu vou usá-las eu prometo, mas agora, eu-eu não posso sentir suas mãos.

Sempre muito gentil, Miles retirou delicadamente suas luvas de couro, um dedo de cada vez. Quando ele terminou, ele colocou-as no chão e segurou as suas mãos novamente. Forte e reconfortante e de alguma forma totalmente surpreendente, o aperto de Miles a fez sorrir de dentro para fora. No galho da árvore de louros atrás deles, um rouxinol cantava docemente. Shelby engoliu. Miles respirou lentamente.

- Sabe o que eu pensei quando Roland disse que ia enviar-nos de volta para casa amanhã?

Shelby balançou a cabeça.

- Eu pensei: Agora eu começo a passar o Dia dos Namorados neste lugar incrivelmente romântico com essa garota que eu realmente gosto.

Shelby não sabia o que dizer. - Você não está falando de Luce, está?

- Não. - Ele viu os olhos dela, esperando por algo. Shelby sentiu aquela tontura novamente. - Estou falando de você.

Em seus 17 anos, Shelby havia sido beijada por um monte de sapos. E cada vez que chegava nesse momento, o menino sempre fazia o gesto perdedor final, dizendo: -Posso te beijar agora?- Ela sabia que algumas garotas pensavam que era educado, mas para Shelby, era apenas uma enorme dor na bunda. Ela sempre acabava dizendo algo sarcástico de volta, e sempre algo sem graça. Ela estava com medo de Miles perguntar se ele poderia beijá-la. Ela estava apavorada, pois ele não parecia que iria perguntar.

Felizmente, Miles não a deu muito tempo para pensar.

Ele se inclinou muito lentamente e tocou sua bochecha com a palma da mão. Seus olhos eram da cor do céu estrelado acima deles. Quando ele guiou o queixo mais para perto dele, inclinando seu rosto ainda que levemente, Shelby fechou os olhos.

Seus lábios se fundiram no mais doce beijo.

Simples, macio e muito carinhoso. Nada muito complicado, pois eles estavam apenas começando, afinal. Quando Shelby abriu os olhos e viu o olhar em seu rosto e o sorriso que ela tanto conhecia, assim como seu próprio, ela sabia que ele tinha sido o melhor presente de Dia dos Namorados que ela já teve. Ela não o trocava por nada no mundo.

O DIA DOS NAMORADOS DE ROLAND



LIÇÕES DO AMOR

UM



A LONGA E CEGA ESTRADA

Roland cavalgou rígido pelos portões do norte da cidade. Embora o seu percurso o levasse a cena do pior momento da sua vida, ele não se desviou. Ele estava em uma missão.

Seu cavalo, um estranho para ele, até algumas horas atrás, quando ele levantou-a do senhor estábulo adaptado intuitivamente à suas necessidades. Ela era um árabe branco-neve, que parecia bem no rumo de seu cavaleiro de couro preto. Antes que Roland a tivesse encontrado ele estava de olho no cavalo de um lavrador manchado e com amplos flancos, um cavalo de trabalho poderia viajar mais que um cavalo nobre, e come menos alimento, mas Roland não se sentia bem roubando os pobres.

Esse, ele chamava de Pretinha, depois do único respingo no nariz, havia relinchado quando ele a montou, mais depois de umas voltas discretas ao redor do caminho enlameado perto dos currais, tornou-se amigos. Ele sempre teve um talento especial com os animais, principalmente com os cavalos. Os animais podiam ouvir a musica em sua voz mais claramente que os seres humanos. Roland poderia sussurrar algumas palavras para um potro assustado e acalmá-lo como um raio de sol depois de um tornado.

Até o momento Roland passou pelo caos do mercado, cavalo e cavaleiro eram uma sociedade perfeita, o que era mais do que poderia dizer de sua armadura. O conjunto que tinha pego na câmara de armamentos do filho do senhor do castelo não se encaixavam nele. Era grande na perna e estreito no

tórax e cheirava a suor azedo. Nenhuma dessas qualidades concordou com Roland, cujo corpo estava acostumado com uma costura Hauter.

Como ele cortou os portões, com cuidado pra contornar a linha de visão do senhor, Roland havia simplesmente ignorado os olhares alarmados dos cidadãos e seus murmúrios conjecturando sobre para que batalha ele estava indo. Esta armadura com o maldito colete oficial de correio, cingido com um cinto de 20 quilos embelezado e o capacete de aço sufocante que não iria sentar-se em linha reta por causa do seus dreadlooks, foi usado apenas pra combate, era muito evidente e incômodo para viagens causais. Ele sabia disso, sentiu absolutamente a cada passo tremente de seu cavalo.

Mas este fato era a única coisa que Roland poderia achar que iria obscurer sua identidade na medida em que ele exigia. Ele não tinha que vir até aqui para ser incomodado com os mortais que tentam apreender e aprisionar um demônio que eles confundiram com um mouro.

Ele precisava de um disfarce que não iria dificultar a sua realização de um objetivo: manter o auto medieval Daniel do passado fora do problema.

Não Lucinda. Daniel.

Lucinda Price, Roland acreditava, sabia o que estava fazendo. E mesmo quando ela não tinha idéia do que estava fazendo, sempre fazia a coisa certa. Era impressionante. Os anjos que seguiram Luce nos Anunciadores, Gabbe, Cam, mesmo Ariane – não dão crédito suficiente a Luce. Mas Roland, pela primeira vez notou uma mudança em sua Sword & Cross – uma estranha certeza que ela nunca tinha possuído em qualquer de suas vidas anteriores, como se tivesse finalmente vislumbrado nas profundezas de sua velha alma. Luce não poderia ter sabido o que estava fazendo quando atravessou sozinha, mas Roland sabia que ela iria descobrir tudo. Este foi o fim do jogo, e que ela precisava para desempenhar o seu papel.

Foi por isso que é Daniel quem tem preocupado Roland.

Seria apenas como Daniel para errar em Luce e estragar tudo. Alguém precisava ter certeza que ele não fez nada estúpido, razão pela qual Roland havia seguido através dos Locutores em quintal de Luce.

Mas encontrar Daniel tinha sido mais difícil do que esperava. Roland tinha chegado tarde demais em Helston, apenas a falta dele no Bastille, e provavelmente não iriam pegá-lo aqui também. Se ele estivesse sendo inteligente, Roland só iria saltar fora e tentar interceptar Daniel em uma das suas vidas anteriores.

Se ele estivesse sendo inteligente.

Mas então avistou os dois Anacronismos desacompanhados em conspirações no poço em plena luz do dia, no centro da cidade, com suas roupas ruins e piores acentos.

Será que eles não sabem nada?

Roland gostou do Nephilim bem o suficiente. Shelby era um tipo sólido, digno de pessoa, e não era ruim de olhar. E Miles, tinha uma reputação de ficar muito perto de Luce em Shoreline, mas... não seria qualquer cara no lugar de Miles? Dê quebra um garoto, Roland também era. Miles era todo coração de ouro e foda muito pouco.

Roland entendia que as crianças Nephilim eram de pura boa vontade. Eles tinham um fraquinho por sua amiga Luce e estava claro que Shelby e Miles tinham grandes esperanças para o romance no Dia dos Namorados Fazer para Luce e Daniel, e talvez até mesmo para si.

Eles provavelmente não sabem que, no entanto, Roland pensou e sorriu, mortais poderiam raramente reconhecer os seus verdadeiros sentimentos

antes dos verdadeiros sentimentos os atingirem no rosto.

Foi o que aconteceu dessa forma para muitos casais que passaram um tempo se aquecendo no fulgor de Daniel e Lucinda. Roland tinha testemunhado antes. Daniel e Lucinda eram emblemas do romance, alguns dos ideais que todos os mortais e imortais necessitavam para acreditar em, ou não se eram capazes de fazer uma conexão tão verdadeira. Daniel e Lucinda eram uma idéia da forma como o resto do mundo se apaixonaria.

Era um poderoso feitiço em que se encontraram.

Claro, Roland teve de ir atrás do Nephilim percorrendo em uma das vidas medievais Lucinda. Eles deveriam estar onde pertenciam, em sua própria época, onde suas ações não causam quaisquer catástrofes históricas.

Então, ele mastigou-os um pouco. Deveria mantê-los na linha até que voltou para escoltá-los em segurança para casa, viajando com eles era a única maneira que pudesse garantir que não iriam acabar em algum lugar ainda mais longe da linha costeira.

Mas em primeiro lugar, ele poderia entrar-los? Rastrear Daniel e certificar-se que tem seu auto sombrio para a Feira dos Namorados. Dando a Daniel e Luce um momento de felicidade não era suor nas costas de Roland e, além disso, deu-lhe algo para fazer.

E nesta era particular, Roland precisava de algo para fazer, para manter sua mente fora de outras coisas.

Na escuridão fria de fevereiro, a Roland montou uma gleba do passado, onde cuidadas culturas preenchiam os bolsos dos clérigos locais. Montou passados uma igreja gótica, com seus arcos ogivais e pináculos espinhosos. Casa de Deus. Ele não podia parar o pensamento que estava à entrada de sua mente. Fazia muito tempo que ele esteve em um desses. Ele atravessou uma pon-

te elevada sobre o rio, inchado e lamacento, e virou seu cavalo em direção aos cavaleiros, fortaleza que ele sabia, era sobre um passeio de meio dia para o norte.

Não foi uma viagem agradável: estrada áspera e tempo feio. Pretinha chutou para cima salpicos de lama alto, pintando seus flancos com um sujo cinza-marrom. E o frio fez com que as dobradiças da armadura de Roland endurecessem numa quase imobilidade.

Ainda assim, na maioria dos aspectos, havia algo de doce no retorno a esse passado. Um romântico como Daniel poderia dizer que a cavalaria nunca morreu de verdade, mas depois, Daniel teve um relacionamento complicado com tanto amor e morte. Roland tinha vivido entre esta marca no início da cavalaria durante anos. Estava quase acabado agora na Idade Média, e estava certamente morto no presente.

Roland tenso tinha apenas viajado, não havia dúvida em sua mente.

Mas, era uma vez...

Por um breve momento em que ele se lembrou de um vislumbre de cabelo dourado fluindo no vento.

Ele virou a viseira de seu capacete e tomou fôlego. Ele não poderia pensar nela. Não foi por isso que ele estava aqui.

Ele cutucou Pretinha para frente e sacudiu a cabeça, tentando clarear a mente.

Roland estava a menos de uma milha da banda de cavaleiros que estava procurando. Ele examinou o horizonte: o mergulho radical de vales a leste, uma tempestade por trás dele e para o oeste. À frente, a estrada acabou em reviravoltas ao redor e através de colinas que se formou uma barreira protetor-

ra para a cidade. Também ficou à frente de um castelo que ele pretendia evitar. Ele iria montar uma ampla e atracar em torno dele. E no outro lado do referido castelo estava a estrada – se era ainda aceitável em condição de que conduziria ele direto para o Daniel da época. E, para sua própria auto medievál.

Em sua memória a muito tempo desta época, ele se lembrou de como o cavaleiro estranhamente vestido tinha aparecido diante deles, tendo ordens do rei.

O cavaleiro tinha abrandado o seu cavalo no limiar das suas tendas e havia passado em torno de um decreto ordenando aos homens abandonar seu posto por duas noites para celebrar o novo dia santo, dia de São Valentim, como era vontade de Deus. Apenas alguns deles sabiam ler, então a maioria dos homens levou a boa notícia sobre a fé. Roland ainda se lembrava dos gritos e gritos que veio de seus colegas cavaleiros.

O cavaleiro não tinha falado uma palavra – havia simplesmente entregado o decreto e galopou para longe... Em seu cavalo preto-carvão.

Estranho. Roland olhou para Pretinha, acariciou sua crina branco-prateada.

Se este era o destino para Roland, ser o anjo por trás da viseira, que deu a Daniel um presente Dia dos Namorados, direcionando-o de volta para os braços da garota que ele amava, então algum evento teria que transcorrer para que lhe permitisse trocar seu cavalo branco para um negro. E alguém teria que colocar um decreto do rei na mão.

Coisas estranhas aconteceram, ele sabia, quase todos os dias.

Ele colocou os calcanhares para flancos de Pretinha e cavalgou, suando um momento, tremendo o próximo.

Eventualmente, Roland cavalgou até ao castelo. Ele guardava o feudo ao norte do município, o último posto avançado no caminho para os cavaleiros do acampamento. Ele parou montado em seu cavalo por um momento, tendo na pedra familiar.

O castelo se erguia diante dele como um colosso. Havia chaminés saindo de cada câmara, fendas estreitas que permitiam uma visão de cada fachada. Mísulas e cornijas decoravam os blocos cinza-chumbo de pedra, cuja magnitude fez Roland se sentir pequeno. O tamanho do castelo confundia sua mente. Ele sempre fazia, mesmo para esse curto trecho de tempo, quando ele tinha passado por suas portas quase todos os dias e subido as suas pedras com ranhuras para chegar a uma única varanda a cada noite.

Seus joelhos tremeram contra os flancos de seu cavalo. Seu coração batia como se tivesse inchado dez vezes o seu tamanho natural. Bateu como se cada palpação fosse a última. As costas, seus ombros queimavam, ele queria voar para longe, mas suas asas estavam encerradas no seu casaco de metal em suas costas e ele não iria tirá-lo.

Além disso, não importava quão longe Roland voasse, ele não poderia escapar do terror se espalhando por sua alma.

Dentro deste castelo vivia uma garota chamada Rosaline. Ela era o único ser no universo que Roland jamais amou verdadeiramente.

DOIS



PAREDES EM RUÍNAS

Pretinha relinchou baixinho quando Roland escorregou do seu lombo. Ele levou-a a uma árvore de maçãs nos limites do sul da propriedade do pai de Rosaline e amarrou-a ao redor do tronco.

Quantas vezes Roland circulou as árvores do pomar, levando uma ampla cesta tecida pelo seu amor em seu braço, se arrastando atrás dela, adorando seus movimentos lentos, enquanto ela arrancava as frutas vermelhas dos ramos.

Seu pai era um conde ou um duque ou um barão ou alguma outra variedade de magnata ganancioso de terras. Roland parou de cuidar sobre tais títulos mortais depois de mil anos de ver a sua espécie em jogos de guerra. Esta única paixão mortal na vida parecia ser exatamente isso: criar uma guerra e roubar as riquezas de feudos e tornando um inferno a vida de todos os seus vizinhos. Um grupo de cavaleiros, dentre eles Daniel e Roland caíram sob influência, de modo que Roland e seu companheiro haviam passado muitas horas dentro e fora destas muralhas do castelo.

Ele procurou no alforje e encontrou uma maçã seca para Pretinha, em seguida, alimentou o cavalo enquanto ele tomou a medida da situação.

Lembrou-se do Feirado do Dia dos Namorados. Ele sabia que isso aconteceu depois que seu caso com Rosaline havia terminado. O seu amor teria sido ao longo de cinco anos... Até agora.

Ele não deveria ter parado aqui. Ele deveria saber que isso iria acontecer e que as memórias iriam inundar sua mente e incapacitá-lo.

Não se passava um dia, nesses milhares de anos, que Roland não se arrependia da maneira com que tinha terminado as coisas com Rosaline.

Ele havia projetado sua vida em torno do arrependimento: muros e paredes, cada um com a sua própria fachada impenetrável. O pesar formava um castelo dentro de si, muito maior do que o que estava diante dele agora.

Talvez por isso que este enorme castelo se mostrava de uma forma tão dramática, lembrando Roland da fortaleza dentro de si.

Já era muito tarde para se redimir com ela.

E ainda...

Ele deu um suspiro encorajador e se dirigiu para o castelo. Havia uma passagem de pedra alinhada com hibernantes arbustos, que terminava em um pesado portão de metal. Roland, evitando isso, tomou um caminho lateral.

Ele caminhou sob a linha das árvores dos bosques ribeirinhos até que pudesse se esconder sob a sombra da parede oeste do castelo e se manter fora de vista. Erguia-se sobre ele, levantando-se quinze metros no ar antes da primeira janela oferecer um vislumbre de fora.

Ou de dentro.

Rosaline a usava para esperar por ele, seus longos cabelos loiros arrastando sobre a borda da janela. Era o sinal de que ela estava sozinha e aguardando os lábios de Roland.

A janela estava vazia agora, e ao olhar para ela de baixo, bateu em Roland um velho sentimento de saudade, como se ele estivesse muito, muito longe do lugar de onde pertencia.

Nenhum guarda o veria daqui, ele sabia. O muro era muito alto. Ele saiu das sombras, se aproximando e parou diretamente embaixo da janela. Ele passou as mãos ao longo da parede, lembrando as ranhuras que seus pés tinham encontrado tantas vezes antes.

Ele nunca se atreveu liberar as asas na frente de Rosaline. Já era o suficiente ter uma mortal como ela amando-o, apesar da cor percebida em sua pele. Seu pai nunca viu Roland sem a viseira, e não teria permitido que um mouro cortejasse sua filha.

Roland poderia ter mudado sua forma; anjos fazem isso o tempo todo. Quantas vezes Daniel tinha mudado sua forma mortal para Luce? Foram tantas vezes, que ele perdeu a conta.

Mas não era o estilo de Roland seguir tendências. Ele era um classicista. Sua alma se sentia confortável como era possível, neste particular da pele.

Havia ocasiões, como hoje, quando seus olhares causavam alguns problemas maçantes, mas nunca foi nada para Roland que não pudesse suportar. Rosaline disse que o amava pelo que estava dentro dele. E ele a amava por que... Ele realmente não sabia. Havia ainda algumas coisas sobre si mesmo que Roland sabia que nunca poderia expor.

Ele não iria expor-se agora, não retirando sua armadura ou expondo suas asas. O hábito iria ajudá-lo a escalar o muro na maneira antiga.

O caminho entre as paredes voltou para ele, como se estivesse iluminado pelo brilho dourado de suas asas expostas lançadas sobre o mundo.

Roland começou a subir.

Na primeira, foi cauteloso em sua ascensão, mas mesmo na armadura de metal enferrujada logo se sentiu ágil novamente com memórias do amor.

Poucos minutos depois, atingiu o topo da parede exterior e soltou as pernas na borda estreita do parapeito.

Corrigindo-se, ele se esgueirou junto à torre de longe e olhou-a. A partir daí, era traiçoeiro subir para o anel de janelas em arco que circundam a torre. Mas ele sabia que havia um terraço estreito fora de uma das janelas e um lábio fino de pedra que rodeia a torre. Ele poderia estar em cima dele e olhar para dentro.

Logo, ele chegou à borda e agarrou-se firmemente a pedra ao lado da janela. Foi quando ele percebeu a porta da varanda aberta. Uma cortina de seda vermelha ondulava ao vento. E, além dela, um pequeno movimento.

Roland prendeu a respiração.

Ondas loiras de cabelos longos e soltos, pendurados nas costas de um vestido verde glorioso. Era ela? Tinha que ser.

Ele desejava alcançar e puxá-la da janela, para tornar o mundo do jeito que costumava ser. Seus dedos adormeceram rígidos sobre a borda, e no momento crucial, quando a deusa de cabelos dourados virou, Roland congelou tão rapidamente, tão completamente, ele pensou que cairia como um pingente de gelo no chão.

Ele puxou-se para longe e para trás sobre a borda, com o peito encostado na parede, mas ele não conseguia tirar os olhos da menina.

Não era ela.

Era Celia, filha mais nova do Senhor. Ela deveria ter dezesseis anos agora, quando Roland havia quebrado o coração de Rosaline.

Ela se parecia com sua irmã: a pele clara, olhos azuis, lábios rosa-pétala, e todo aquele cabelo deslumbrante de linho. Mas o fogo dentro dela, que era

uma conflagração poderosa que Roland tinha adorado em Rosaline, era uma brasa morrendo em Celia.

Ainda assim, Roland foi rebitado, incapaz de fazer o menor movimento. Se Celia se virasse para o lado da janela e na varanda, como ela parecia que estava prestes a fazer, Roland seria pego.

– Irmã?

Essa voz rica, como um instrumento de cordas. Rosaline!

Por uma fração de segundo, Roland viu uma sombra na porta, e depois: o perfil limpo e gracioso da única garota que havia amado. Seu coração parou. Ele não conseguia respirar. Ele queria gritar seu nome, para chegar a ela, mas a palma das suas mãos suando o traiu e seu aperto vacilou. Por vários segundos eternos, Roland sentiu como se estivesse pairando no ar e então ele caiu seis longas histórias para o chão lamacento.

A memória:

As portas abertas de um celeiro em ruínas.

Roland reconheceu a estrutura frágil no canto nordeste do castelo. O sol varrido passava pela porta em cerca de seis horas nas noites de verão, então Roland adivinhou pela luz dourada sobre o feno que eram quase sete. Quase a hora do jantar ou o momento, sempre muito breve, quando Roland poderia persuadir Rosaline para roubar alguns momentos a sós com ele.

Através das amplas portas de madeira que ele viu duas silhuetas amontoadas em um canto escuro. Entre a alimentação das galinhas e uma pilha enferrujada de foices, Roland viu seu eu anterior.

Ele mal se reconheceu nesse garoto. Eles eram a mesma coisa, e ainda assim, algo neste rapaz era realmente jovem. Esperançoso. Intacto. Sua túnica

de lã abraçava seu corpo, e seus olhos eram tão brilhantes como o de um potro recém-nascido. Ela fez valer a pena para ele, tantos milênios passados labutando na Terra, toda a sua existência no Céu, e a Queda.

Ele poderia ter experimentado guerras, rebeliões contra o divino, mas quando chegou o momento de se apaixonar, seu coração se transformou no coração de uma criança.

Ele se sentou em um banquinho de três pernas de madeira e olhou-o, tão sinceramente envergonhado de si para recordar o lindo cabelo louro da menina antes dele.

Rosaline reclinou ao seu lado no feno, ignorando os cardos que se apegaram a ela no seu vestido de cetim. Seu cabelo tinha um brilho que era mais bonito ainda do que ele se lembrava, e sua pele era tão suave e brilhante como um fresco e desnatado creme. Seu descendente olhar significava que podiam ver Roland de seus justos olhos azuis e a cortina macia de cílios à deriva sobre eles.

Naqueles dias, seus lábios carnudos tiveram duas expressões: a fome que eles se agarraram agora e o breve dom de um sorriso que ela às vezes agraciava Roland. Ambos eram desejáveis. Ambos fizeram coisas estranhas a ele.

Ela se mexeu no feno, fingindo tédio, mas fingindo muito mal. Ele estava paralisado por cada movimento seu, podia ver isso agora.

– Eu tenho mais um pouquinho. Se minha mulher gosta de ouvir? – Seu eu passado, disse.

Roland lembrou a inclinação ansiosa de queixo, própria do seu eu passado e queimando de vergonha. Agora ele se lembrava de por que ela tinha tomado tanto para se convencer e concordar encontrá-lo no celeiro.

Tudo o que ele fez foi enchê-la com a poesia ruim.

O garoto no banco não conseguia se conter, ele claramente não podia esperar para gemer o nome de Rosaline. E quando Roland se lançou em seu verso terrível, ninguém jamais teria imaginado que este sonetista havia sido uma vez o Anjo da Música.

“Picos nevados são sublimes,

Comparado com a deslumbrante Rosaline.

Os olhos suaves de gatinhos são indelicados,

No colo da Rosaline.

Como um poema é feito de linhas,

Então, eu sou de Rosaline.

Os que trabalham para molho e se ligam,

Então ao carrinho com Rosaline.

Como a porca transcende a casca,

Essa é uma porca de Rosaline.

Ele que iria encontrar mistérios,

Primeiro deve olhar Rosaline.”

No final, Roland olhou para cima para ver o rosto de Rosaline comprimido em uma carranca. Lembrou-se agora, lutava para suportá-lo uma segunda vez, e sentiu o mesmo peso em seu estômago, como uma bigorna caindo de um penhasco.

Ela disse: – Por que você me infecta com tal verso desajeitado?

Desta vez, em sua memória, Roland ouviu em sua voz: Claro! Ela estava brincando com ele.

Ele deveria ter percebido quando ela chegou mais perto e puxou-o para baixo, para o feno com ela. Seu coração tinha martelado muito alto para ele ouvir a sua implicação, que agora, claramente, foi “Cale a boca e me beija”.

E como ele a beijou!

Naquela primeira vez que seus lábios se tocaram, algo acendeu dentro de Roland, como se sua alma houvesse sido eletrificada. Seu corpo ficou rígido com o esforço de tentar não se mexer. Seus lábios estavam soldados nos dela, inertes. Suas mãos eram duas garras coladas aos seus ombros. Rosaline se contorcia contra o seu aperto, mas mais que tudo, ele não podia se mover.

Por fim, ela soltou uma risadinha doce e serpenteava livre de seus braços. Ela se inclinou para trás no feno, os lábios rosa franzidos e fora dos limites mais uma vez. Ela olhou para ele, os olhos como o de uma criança que não teve o seu brinquedo. – Isso não tem graça.

Roland caiu para frente de joelhos, com as mãos plantadas no feno áspero. – Devo tentar novamente? Estou certo de que posso fazer melhor.

– Bem, eu espero que sim. – Seu riso era tímido e elegante. Ela se afastou apenas o suficiente para provocá-lo, então se deitou no feno e fechou os olhos. – Você pode tentar novamente.

Roland respirou profundamente, bebendo a doçura de cada parte dela. Mas como ele estava prestes a dar outro beijo desajeitado, Rosaline apertou a mão contra o peito.

Ela deve ter sentido o seu coração disparar, mas ela não deixou por diante.

– Desta vez – ela instruiu, – não tão pomposo. Tenha mais... fluidez. Pense no fluxo de um poema. Bem, talvez não os seus poemas. Talvez seu poema favorito. Lance-se em meu beijo.

– Assim? – Roland tentou, mas caiu em cima dela, rolando para o lado e quase caindo de cara no feno. Voltou-se para ela.

Lado a lado eles estavam um diante do outro. Ela tirou as mãos. Seus quadris estavam se tocando através de suas roupas. As pontas de seus pés tocavam-se sem constrangimento. Seu rosto estava a centímetros de distância do dele.

– Você perdeu a minha boca. – Seus lábios entreabertos em um sorriso sedutor. – Roland, o amor não significa ter medo de deixar-se ir, confiando que eu desejo tudo que você tem para oferecer. Você entende?

– Sim, sim, eu entendo! – Roland respirou, lançando-se para sua próxima tentativa. Seus lábios e as mãos e seu coração estavam quase estourando de expectativa. Timidamente, ele chegou para ela.

– Roland?

– O que foi agora?

– Abrace-me apertado, você não vai me quebrar.

Como ele a beijou, parecia a Roland que nem mesmo a chamada do próprio Lúcifer poderia tê-lo forçado a deixar aquela donzela a ir.

Ele seguiria seu conselho mil vezes com outras mulheres no futuro, e às vezes ele sentia alguma coisa, mas nunca por muito tempo, e nunca, nunca desse jeito

TRÊS



CONSELHO DE ESCURIDÃO

Roland acordou se sentindo enjoado.

A doce memória de amar Rosaline foi se esvaindo. Ele tocou sua cabeça latejante e percebeu que ele estava deitado no chão.

Lentamente, rolou a seus pés. Seu corpo doía, mas nada que não iria reparar com tempo. Ele olhou novamente para a sacada. Ele nunca teria caído nos velhos tempos. Provavelmente não devia ter usado a armadura completa. Ele estava ficando enferrujado. Quantas vezes escalou esta muralha na expectativa de encontrá-la? Quantas vezes o cabelo loiro comprido de Rosaline havia lhe acenado como próprios de Rapunzel?

Normalmente, quando Roland chegava à varanda, ela estaria esperando, puramente feliz por voltar a vê-lo. Ela gritava o seu nome num sussurro abafado, então se jogava em seus braços. Ela se sentiria tão leve, tão delicada contra ele, sua pele perfumada com água de rosas depois de seu banho, seu corpo quase cantarolando com o poder do seu amor secreto.

Roland balançou a cabeça. Não, o namoro não tinha sido completamente alegre, puro e brilhante. Uma memória escura manchava o resto.

Era a última lembrança que tinha dela.

Ela veio na terceira temporada de seu namoro em segredo, como o mundo em torno deles se voltando para a queda das folhas e o verão queimado tudo em uma explosão de chamas laranja e vermelha.

Juntos, eles planejavam fugir, para escapar da regra de seu pai, bem como os preconceitos de uma sociedade que não permitiam uma filha nobre se casar com um mouro.

Roland havia ido para longe de seu amor por uma semana, sob o pretexto de fazer planos para sua nova vida.

Mas tinha sido uma mentira. Ele tinha ido procurar aconselhamento sobre os problemas reais que estavam diante deles:

Será que ela ainda o amaria se soubesse a verdade?

E:

Ele poderia manter seu segredo a natureza dela e ainda lhe dar uma vida feliz?

Realmente, havia apenas uma pessoa a quem recorrer.

Ele encontrou Cam na ponta sul das ilhas que um dia seria chamada de Nova Zelândia. Naquela época, ambas as ilhas eram completamente intocadas pelo homem. O Maori não chegaria a terra para a outra metade de um século, assim Cam tinha todo o lugar para si mesmo.

Roland voou, as falésias ameaçadoras, tão acentuadas como punhais, diferente do que ele tinha visto antes. Os ventos batiam traiçoeiramente embaixo em suas asas, sacudindo-o entre as nuvens. Ele estava tremendo e embebido quando chegou ao lugar, ouvindo um som cristalino onde Cam estava escondido do universo.

A água era um espelho para as montanhas, que eram verdes com bosque de faias. Mergulhando uma ponta da asa na água, ele passou sobre sua superfície, Roland encontrou-a gelada. Ele estremeceu e continuou.

Na extremidade do som, ele desembarcou em uma pedra de ardósia cinza que enfrentou uma cachoeira insondável, cujas alturas estavam escondidas em brumas. Em sua base estava o irmão leigo de Roland, o anjo caído, deixando suas asas serem atacadas pela água que caía.

O que Cam estava fazendo? E quanto tempo ele havia estado ali, nesta câmara de água torturante de sua própria criação?

– Cam!

Roland gritou o seu nome três vezes antes de desistir e entrou para puxar o seu irmão. Achando ser de outra pessoa o toque, Cam se debateu e se agarrou às pedras onde estava. Mas então ele reconheceu Roland e deixou-se ser arrastado para fora, suspeita aparecendo no rosto.

Roland levou ambos até uma saliência rochosa atrás da cachoeira. Foi um trabalho duro, e o deixou ofegante, encharcado e congelado. A borda era superficial, mas não havia espaço suficiente para os dois ficarem na pedra úmida. Era estranhamente calmo lá atrás do barulho da água.

Exausto, Roland cambaleou para trás até que suas asas encontraram a pedra, então escorregou e sentou-se.

–Vá para casa, Roland.

Os olhos verdes da Cam olharam confusos e desorientados quando ele se apoiou sobre um cotovelo. Seu corpo nu tinha um doente hematoma roxo da batida incessante da cachoeira. Mas o pior de tudo eram suas asas.

Elas foram baleadas com fibras de ouro. Roland não podia deixar de admirar como brilhavam sob o luar.

– Então é verdade. – Roland tinha ouvido os rumores de que Cam havia atravessado para o lado de Lúcifer.

Nem demônio parecia capaz de reunir o ritual de saudação reservada para novos membros do rebanho. Eles foram feitos para abraçar, passar as pontas das asas juntos como uma expressão de aceitação de cada um, o reconhecimento que estavam seguros e entre amigos.

Cam se aproximou e cuspiu no rosto de Roland. – Você não tem força para puxar-me de volta ao serviço. Lúcifer que venha ele mesmo, se achar que fui negligente.

Roland enxugou o rosto e tirou-se a seus pés. Estendeu a mão para Cam, mas o demônio recuou.

– Cam, não vim aqui para...

– Eu vim aqui para ficar sozinho. – Cam mudou-se para um canto escuro da borda, onde Roland podia ver agora uma pequena pilha de roupas em sacos – Cam tinha poucas posses. Roland pensou ter reconhecido o pergaminho que poderia ter sido seu contrato de casamento, mas Cam rapidamente lançou um manto de pele de carneiro felpudo ao redor de seu corpo e enfiou o pergaminho em um bolso interior profundo. –Oh, você ainda está aqui?–

– Preciso de conselhos, Cam.

– Para quê? Viver a vida boa? – A centelha de Cam estava de volta, mas parecia extravagante neste espectro pálido e sombrio diante de Roland. – Comece por encontrar para você uma ilha deserta. Esta já está tomada, mas deve haver mais por aí em algum lugar. – Ele jogou a mão para o mundo, em Roland.

– Eu amo uma mulher mortal – disse Roland muito lentamente. – Eu quero moldar minha vida ao seu redor.

– Você não tem uma vida. Você é um anjo caído do outro lado. Você é um demônio.

– Você sabe o que quero dizer.

– Tire isso de mim. O amor é impossível. Saia e salve-se da angústia.

Naquele momento, Roland percebeu que ele tinha sido tolo de ir pedir conselho para Cam. E ainda assim ele tinha que vir. A história de amor de Cam não havia dado certo, mas ele entendia pelo que Roland estava passando.

– Talvez você possa me dizer o que... não fazer?

– Tudo bem – disse Cam, tomando uma respiração profunda, estremecendo. – Ótimo. Não humilhar-se por viver uma mentira. Não me pergunte se ela vai te amar se descobrir o que você é, mesmo o tolo mais apaixonado sabe a resposta para isso. Ela não vai. Ela não pode. Não sonhe que você pode manter um segredo dela também. E acima de tudo, pelo amor de Lúcifer, não se esqueça que não tem nenhum templo na terra que você possa escolher para casar-se com essa pobre criatura.

– Eu acredito que posso fazer este trabalho, Cam.

– Você acredita que podem viver esse amor, então?

– Sim. Estamos dedicados um ao outro.

– E qual é sua opinião sobre a eternidade?

Roland fez uma pausa.

– Não me diga que você não sabe? Bem, então, vou te dizer. Aqui Roland, é a verdade inquestionável sobre a nossa imortalidade: Os mortais não

podem compreendê-lo. Assusta-os. O conhecimento vai devorá-la, ela vai envelhecer e morrer e você vai permanecer o diabo jovem que você é.

– Eu poderia mudar para ela, poderia fazer-me envelhecer, parecerem rugas e murchar e...

– Roland – O rosto de Cam azedou. – Isso não é do seu estilo. Quem quer que seja, será mais fácil para ela agora, quando ela é, sem dúvida jovem e saudável e pode encontrar outro companheiro. Não perca seus melhores anos.

– Mas de alguma forma, o amor deve ser possível. Só porque você e Lilit não puderam...

– Não estamos falando de mim.

Eles ficaram em silêncio e ouviu-se o eco da água caindo ao seu redor.

– Tudo bem, – disse Roland, finalmente, – então o que diz de Daniel e Luce?

– O que sobre eles? – Cam rugiu na cachoeira. Seu rosto ficou vermelho de raiva súbita. – Se eles são seus modelos, vá pedir-lhes conselhos. – Ele balançou a cabeça, enojado. – Nós todos sabemos o que será deles de qualquer maneira.

– O que você quer dizer?

Agora Cam virou seus claros olhos verdes para Roland. Roland se libertou de seu olhar, lamentado.

– No final, – disse Cam, – ele vai abandoná-la. Ele não tem escolha. Ele não é páreo para essa maldição. Ela vai ficar e acabar com ele.

As asas de Roland tremularam. – Você está errado. Você cresceu muito perto de Lúcifer.

– Isso não poderia estar mais longe da verdade – Cam vaiou, mas quando ele se virou, Roland percebeu a marca na parte de trás do seu pescoço. A tatuagem passava um pouco além do colarinho de sua capa. Inconfundível.

– Você usa a sua marca agora? – A voz de Roland tremeu. Ele não tinha uma. E não esperava que lhe fosse oferecida uma. Lúcifer só marcava certos demônios, demônios com quem ele queria um relacionamento especial. – Cam, você não pode!

Cam pegou o rosto de Roland na mão e segurou firme. Eles ficaram próximos, trancados em um aperto íntimo. Roland não sabia se eram amigos ou inimigos.

– Quem veio a quem pedir conselhos, Roland? Não estamos falando de mim e do jeito que eu me comporto. Estamos falando de você e da lamentável história de amor que você vai ter que acabar.

– Deve haver uma maneira de...

– Enfrentá-lo? Você não teria vindo até mim, se você já não soubesse a resposta.

De todas as coisas que Cam lhe tinha dito naquele dia na cachoeira, suas palavras de despedida foram as mais difíceis:

Sim, Roland já sabia a resposta que procurava. Ele só esperava que alguém lhe dissesse o contrário e salvá-lo de ter que fazer o que tinha de ser feito.

Quando ele voltou para lhe dizer, Rosaline parecia já saber. Ele subiu para a varanda, mas ela não se apressou para beijar-lhe. Seu rosto endureceu de suspeita logo que ele entrou em seus aposentos.

– Eu sinto uma mudança em você. – Sua voz era fria com medo. – O que é isso?

O corpo de Roland doía quando viu seu olhar tão triste. Ele não queria mentir para ela, mas ele não conseguia encontrar as palavras.

– Oh, Rosaline, há tanta coisa que eu gostaria de te dizer.

Então, como se Rosaline se lembrasse de seus poemas loquazes, ela perguntou: – Responda-me em uma palavra. O que faz o nosso futuro durar?

Isso tinha sido a mais de mil anos atrás. E ainda assim, Roland encolheu-se agora, pensando no que ele lhe dissera. Ele desejava que pudesse destruir essa memória e o momento com ele. Mas tinha acontecido. E você não pode mudar o passado.

Ele tinha dado a Rosaline sua palavra:

– Adeus.

Ele queria dizer, *Para sempre*.

Mas Cam tinha falado verdadeiramente: Para sempre não era possível entre uma mulher e um anjo caído.

Ele fugiu antes que ela pudesse pedir-lhe para não ir. Ele pensou que estava sendo valente. Mas a vida lhe tinha ensinado que não era. Ele foi covarde e medroso.

Depois disso, Roland só a tinha visto mais uma vez: duas semanas depois, quando ele tinha pairado do lado de fora de sua janela do castelo e viu seu amor chorar por uma hora inteira.

Depois disso, ele jurou nunca mais causar dor em ninguém. Ele desapareceu.

Tornou-se seu caminho.

Roland limpou algo de sua bochecha e ficou surpreso ao descobrir que era uma lágrima. Embora ele tenha limpado um milhão de gotas salgadas de bochechas alheias, ele não conseguia lembrar um momento em que ele próprio tinha chorado.

Ele pensou em Lucinda e Daniel, em sua devoção eterna um ao outro. Eles não se afastavam de seus erros e ao longo dos séculos, cometeram muitos outros. Eles voltaram para esses erros, revisitando-os, trabalhado através deles, até que algo tinha finalmente mudado nesta vida final, quando ela estava reencarnada como Lucinda Price. Era o que tinha impulsionado a fugir em seu passado para encontrar a solução para a maldição. Assim ela e Daniel poderiam ficar juntos.

Eles estariam sempre juntos. Sempre temos um ao outro, não importa o quê.

Roland não tinha ninguém.

Silenciosamente, levantou-se e fez sua própria promessa dos Namorados. Ele iria escalar o muro de Rosaline novamente e redimir-se da única forma que sabia.

QUATRO



ALUNO DO AMOR

Apoiou-se na parede externa, seguindo furtivamente ao longo do parapeito de pedra, e depois a subida final para a torre e então a varanda de Rosaline, uma vez mais.

Até o momento Roland alcançou novamente a varanda, o sol estava baixo no céu, lançando longas sombras sobre o seu ombro.

Anunciadores mudavam e se enrolavam dentro das sombras, como sussurros que diziam, *Estamos aqui*, mas eles deixaram Roland sozinho.

A temperatura caiu, e agora o ar enfumaçado dava dicas de uma futura geada. Ele se imaginou entrando na torre através da varanda, andando através das salas escurecidas pelo crepúsculo, até que ele a encontrava em seu quarto.

E então ele imaginou sua expressão:

Imaginou seu assombro e depois um espanto de simples alegria, no rosto, as mãos apertadas contra o peito delicado...

Mas e se ela estivesse com raiva?

Ainda irritada, cinco anos depois. Era possível.

Ele não deveria descartá-la.

Eles tinham compartilhado algo raro e bonito, e ele aprendeu que as mulheres sentiam profundamente quando ele veio para amar. Eles sentiram o amor de maneira que Roland nunca poderia entender, como se seus corações

tivessem camadas extras, enormemente infinitas, onde o amor poderia ficar e nunca mais sair.

O que ele estava fazendo ali?

O vento teceu o seu caminho debaixo de sua armadura de aço. Ele não deveria estar ali. Esta parte de sua vida se passou. Cam poderia estar errado sobre o amor, mas ele não estava errado sobre como o tempo havia mudado Roland.

Ele deveria descer novamente, subir em seu cavalo, e encontrar Daniel.

Apenas... Não podia.

O que ele poderia fazer?

Ele poderia rastejar.

Ele poderia cair de joelhos e curvar-se diante dela, implorar por perdão. Ele podia e faria.

Até o momento, ele não tinha percebido que queria seu perdão.

Ele estava perto da varanda agora, tremendo. Estava nervoso ou animado? Ele tinha chegado tão longe, e ainda não sabia o que dizer. Algumas linhas de um poema formado em um canto de seu coração...

Mas nada veio a sua mente.

Apenas o rosto de Rosaline.

Este era o lugar onde ele tinha começado a ter problemas com ela antes: Ela não precisa de poesia ruim. Ela precisava ser amada de verdade.

Roland poderia dar isso a ela agora?

A cortina vermelha farfalhava ao vento, então se separaram com o toque arrojado de seus dedos. Ele se escondeu atrás da parede, mas esticou o pescoço, até seu olhar se fixar dentro do quarto onde ele costumava sentar-se com ela.

Rosaline.

Ela era gloriosa, sentada em uma cadeira de madeira no canto, cantando baixinho. Seu rosto estava mais velho, mas os anos a tinham transformado:

De menina, ela havia crescido e se tornado uma bela jovem.

Ela estava brilhando.

Ela era espetacular.

Sim, Roland sabia que havia cometido um erro. Ele estava verde para o amor e era tolo, cínico e inseguro que o que eles tinham poderia durar. Era muito cedo para atender os pronunciamentos amargos de Cam.

Mas olhe para Luce e Daniel. Eles haviam mostrado a Roland que o amor poderia sobreviver até mesmo a mais dura das punições. E talvez tudo até este momento, acidentalmente voltar a essa época, concordando em ajudar Shelby e Miles, montando até o velho castelo, seu passado com Rosaline, tenha acontecido por alguma razão.

Estava sendo dada a ele uma segunda chance no amor.

Desta vez, ele seguiria seu coração. Ele estava pronto para pular pela janela aberta...

Mas espera.

Rosaline não estava cantando para si mesma. Roland piscou, olhando de novo. Ela tinha uma audiência: uma criança pequena, enrolada em uma colcha de penas. Rosaline era mãe.

Rosaline era mulher de um homem.

O corpo de Roland enrijeceu e um suspiro pequeno escapou de seus lábios. Ele deveria ter se sentido aliviado ao vê-la olhando para o bem mais feliz que ela já tinha olhado, mas apenas se sentiu poderosamente solitário.

Rolou muito longe da porta da varanda, batendo as costas contra a parede curva da torre. Que tipo de homem havia tomado o lugar em que Roland nunca deveria ter saído?

Ele ousou dar outra olhada para dentro, viu como Rosaline se levantou da cadeira e colocou o bebê em seu berço de madeira. Roland fechou os olhos e ouviu seus passos murchando como uma canção diminuindo quanto mais ela se afastava pelo corredor.

Não era assim que deveria terminar sua última visão do amor.

Enganado. Louco para voltar. Louco para não deixar seu maior bem sozinho.

Instintivamente, ele a seguiu, rastejando na borda rasa da torre para a próxima janela. Ele agarrou o muro com seus dedos abrasivos.

Esta câmara, ao lado da sala onde ele tinha visto Rosaline, pertencia ao seu irmão, Geoffrey. Mas quando Roland inclinou-se para espiar através do painel curvo, havia roupas femininas penduradas pela janela.

Ele ouviu a voz baixa de um homem, e, em seguida, em resposta a de Rosaline.

Um jovem se sentou de costas para Roland na borda de uma cama coberta de damasco. Quando ele virou a cabeça, seu perfil era bonito, mas não tão devastador. Cabelo castanho liso, pele sardenta, nariz reto e inclinado.

Uma mulher estava esparramada em cima da cama, a cabeça loira aninhada no colo, da maneira casual de duas pessoas que eram tão confortáveis uma com o outro como a si próprio.

Ela estava chorando.

Ela era Rosaline.

– Mas por que, Alexander?

Quando ela levantou o rosto manchado de lágrimas ao olhar para ele, o coração de Roland ficou preso em sua garganta.

Alexander, seu marido, acariciou os cabelos loiros emaranhados de sua esposa. – Meu amor – Ele beijou seu nariz, o último lugar a que Roland teria ido se tivesse tido acesso a esses lábios. – Meu cavalo está selado. Os homens me esperam no quartel. Você sabe que eu devo sair antes do anoitecer para me juntar a eles.

Rosaline agarrou a manga branca de sua camisola e soluçou.

– Meu pai tem mil cavaleiros que podem tomar o seu lugar. Peço-vos, não me deixe, não nos deixe para ir lutar.

– Seu pai já foi generoso demais. Por que outro homem iria tomar o meu lugar quando eu sou jovem e capaz? É meu dever, Rosaline. Tenho que ir. Quando a nossa cruzada estiver pronta, eu voltarei para você.

Ela balançou a cabeça, as bochechas cor de rosa com fúria. – Eu não suporto perder você. Eu não posso viver sem você.

O coração de Roland fraquejava nas palavras.

– Você não terá,– Alexander disse. – Eu lhe dou minha palavra: vou voltar.

Ele se levantou da cama, ajudando sua esposa a seus pés. Roland notou com inveja renovada que ela estava grávida de outra criança. Sua barriga saliente sob o vestido fino. Ela apoiou a mão sobre ela, desanimada.

Roland nunca seria capaz de deixá-la em um estado como esse. Como pode este homem ir para a guerra? O que importava na guerra dada às obrigações do amor?

Qualquer dor de cabeça que ela poderia ter sentido por Roland cinco anos atrás não era nada em comparação com isto, porque este homem não era só seu amante e seu marido, ele era também o pai de seus filhos.

O coração de Roland cedeu. Ele não podia suportar isso. Ele pensou em todos esses anos entre este desgosto medieval e no tempo em que gastou sozinho por aí, vagando pela lua, perdido através de seus penhascos e buracos, abandonando suas funções, apenas para tentar esquecer que ele já a havia visto. Ele pensou no vazio do tempo quando se rendeu no interior do portal que ligava julho a setembro, abandonando tudo do jeito que ele tinha abandonado Rosaline.

Mas agora sabia que não importa quanto tempo durasse sua infinitude, ele nunca iria esquecer as lágrimas.

Que tolo narcisista tinha sido. Ela não precisa de seu pedido de desculpas, e pedir desculpas para ela agora seria totalmente egoísta, Roland apenas buscava alívio para sua consciência culpada. E abrindo as suas feridas novamente. Não havia mais nada que pudesse fazer ou ser para Rosaline.

Ou quase nada.

O jovem estava desengonçado e descoordenado quando ele se aproximou do estábulo onde Roland o esperava. Ele levava seu capacete na mão, deixando o rosto exposto. Roland o estudou. Ele odiava e respeitava este homem, que claramente se sentia tão relutante em lutar. Poderia a honra significar mais para ele que o amor? Ou talvez essa confusão de honra e amor fossem paradoxos empilhados e mais distantes que as estrelas.

Quem iria querer ir para a guerra e deixar uma família amorosa?

–Soldado – Roland chamou Alexander quando ele estava perto o suficiente para reconhecer o tormento em seus olhos. – É Alexander, parente do meu senhor, que detém o título deste feudo?

– E quem é você? – Alexander cruzou o limiar do estábulo. Seus pálidos olhos castanhos se estreitaram enquanto eles analisaram a armadura formal de Roland. – De que batalha você vem, vestido desse jeito?

– Eu fui enviado para tomar o seu lugar na campanha.

Alexander parou. – Minha mulher te mandou? Seu pai?– Ele balançou a cabeça. –Saia da rua, soldado. Deixe-me cavalgar.

– Na verdade, eu não vou. Sua missão mudou. Você conhece o terreno nesta vizinhança melhor que a maioria. Pode ficar perigoso por aqui se a batalha não nos favorecer no Norte. Se recuar irá ser necessário para proteger a cidade de intrusos.

Alexander inclinou a cabeça. – Mostre seu rosto, soldado, eu não confio em um homem que se esconde atrás de uma máscara.

– Meu rosto não é sua preocupação.

– Quem é você?–

– Um homem que sabe que seu dever é aqui, entre a sua família. Todos os despojos de guerra não importam em face do verdadeiro amor e honra familiar. Agora, fique aqui, se você deseja viver.

Alexander soltou uma risada suave, mas sua expressão mudou em algo mais difícil. Ele sacou a espada. – Vamos ver, então.

Roland deveria ter esperado isso. Ainda assim se surpreendeu. Como esse homem poderia estar tão determinado a deixá-la? Roland nunca a abandonaria!

E ainda assim, claro, ele já tinha. Abandonou o seu único e verdadeiro amor como um tolo, estúpido e insensível. Ele nunca esteve tão sozinho desde então. Solidão era uma coisa, mas ele estava deformado, feio, miserável após a sua alma ter experimentado o amor.

Nenhum homem deve ser autorizado a cometer o mesmo erro. Mesmo através de seu ciúme, Roland podia ver isso. Coube a ele parar Alexander.

Ele engoliu em seco, suspirou interiormente, e desembainhou a espada. Tinha um metro de comprimento e tão afiada quanto à dor aguda em seu coração ter que enfrentar esse homem. – Soldado, – Roland disse, sem rodeios. – eu não faço piada.

O homem avançou, brandindo sua espada desajeitadamente. Roland desviou-a com um firme movimento do pulso. As lâminas colidiram deviadamente.

Alexander deslizou em direção a terra com a mais leve orientação da lâmina de Roland, até que ele olhou para o feno molhado no chão do estábulo.

– Por que você iria de bom grado montar a sua própria morte? – Roland perguntou.

Alexander grunhiu e pulou para trás em posição de luta, aumentando o aperto na lâmina e a levantando mais alto. – Eu não sou um covarde.

Talvez não, mas ele não era excepcionalmente qualificado. Ele provavelmente tinha pegado alguma esgrima como uma criança, em torneios palheiros em festivais de verão com seus amigos de infância. Ele não era um soldado. Seria morto em algum momento na guerra.

Ou Roland poderia matá-lo agora...

Naquele momento, ele teve uma visão de sua lâmina balançando habilmente para baixo no pescoço nu deste homem. O choque de uma coluna separada e o sangue vermelho a pingar do aço para a sujeira.

Como é fácil acabar com a vida curta do homem. Tomar o seu lugar ao seu lado, e amá-la como ela precisava ser amada. Roland sabia como fazê-lo agora.

Mas então ele piscou e viu Rosaline. O bebê.

Não matar, ele lembrou a si mesmo. Apenas persuadir.

Ele saltou para frente levemente, balançando sua espada em direção a Alexander, que se mexeu para trás, girando loucamente. Desta vez ele evitou a lâmina de Roland por pura sorte.

Roland riu e sua risada tinha um gosto amargo. – Eu estou oferecendo-lhe uma benção, soldado, e prometo a você, sigo o comando de seu soberano. Saiba que não vou desonrar suas intenções. Deixe-me ir para a guerra por você.

– Você fala em enigmas. – O medo de Alexander havia estendido a pele ao redor da boca apertada como um tambor de couro. – Você não pode me substituir.

– Sim – disse Roland, fervendo. – De nada mais, pelo menos eu sei disso.

Em uma explosão de violência, Roland esqueceu a sua finalidade. Ele foi a Alexander com a fúria de um amante desprezado. Em face da lâmina de Roland, Alexander ficou rígido, a espada estendida. Para seu crédito, ele não recuou. Mas com outro choque de suas espadas, Roland havia desarmado Alexander. Ele segurou a ponta de sua lâmina na garganta ofegante do jovem.

– Um verdadeiro cavaleiro se renderia. Ele aceitaria a minha oferta e serviria o seu povo aqui, protegendo a sua casa e seus vizinhos quando eles precisassem de proteção – Roland ingeriu. – Você se rende, senhor?

Alexander engasgou para o ar, incapaz de falar. Ele lançava os olhos para baixo, para a lâmina em seu pescoço. Ele estava apavorado.

Ele balançou a cabeça. Ele iria se render.

A calma veio a Roland, e deixou-se fechar os olhos.

Ele e o pálido mortal Alexander amaram a mesma pessoa brilhante. Eles não podiam ser inimigos. Foi então que Roland escolheu seu lado. Ele não iria poupar a vida de Alexander por causa de Alexander, mas por Rosaline.

– Você é um homem mais corajoso do que eu. – E era verdade, pois Alexander tinha sido forte o suficiente para amar Rosaline quando Roland estava com muito medo. – Abrace a sorte que lhe dou esta noite e volte para sua família. – Ele tinha que trabalhar para manter a voz firme.

– Beije sua esposa e crie seus filhos. Isso é honra.

Eles fixaram o olhar por um longo momento, tenso, até que Roland começou a sentir que Alexander podia ver através da fenda em seu visor. Como não poderia Alexander sentir a dor no ar entre eles? Como não poderia sentir o quão perto Roland tinha vindo para matá-lo e tomar seu lugar?

Roland retirou sua espada do pescoço de Alexander. Ele embainhou sua arma, montou em seu cavalo, e partiu para a noite.

A estrada estava vazia e azul ao luar.

Roland rumou ao norte. Ele ainda precisava encontrar pelo menos um Daniel, o amor deve ter sido resgatado neste torneio com o tempo. Por um quarto de hora, Roland perdeu-se em pensamentos de Rosaline, mas a memória era muito dolorosa para se entregar por muito tempo. Seus olhos voltaram para a estrada, quando viu um cavaleiro galopando em direção a ele em um cavalo preto-carvão.

Mesmo na escuridão, havia algo estranho e ao mesmo tempo familiar sobre a armadura do cavaleiro. Por um momento, Roland perguntou se era seu próprio eu, mas quando o cavaleiro levantou a mão e fez sinal para que Roland parasse, seus gestos eram mais urgentes do que Roland teria sido.

Eles pararam diante um do outro, seus cavalos rinchando enquanto eles circulavam, respirando a geada.

– Você vem daquela propriedade? – A voz do cavaleiro disparou do outro lado da rua enquanto ele apontava em direção ao castelo à distância.

Ele deve ter pensado que Roland era Alexander. E se este cavaleiro foi enviado para escoltar Alexander até a cruzada?

– S-sim – Roland gaguejou. – Eu sou um substituto para...

– Roland? – A voz do soldado mudou a partir do que Roland percebeu de grossa e firme, para uma rouca e afetada em algo efervescente e fantásticamente encantador.

O cavaleiro jogou fora seu capacete. O cabelo preto enrolado como ondas para baixo da armadura, e, em seguida, à luz do luar, Roland viu o rosto que ele conhecia melhor do que qualquer outro desde a aurora dos tempos.

– Ariane!

Eles saltaram de seus cavalos para os braços um do outro. Roland não sabia quanto tempo tinha sido desde que seu eu medieval tinha visto essa Ariane medieval, mas a batalha emocional que ele acabava de sobreviver o fez sentir como se passassem séculos desde que ele a tinha visto pela última vez.

Ela girou os ombros e o liberou suas asas. Elas floresceram de fendas em sua armadura, e Roland invejava sua liberdade. As suas roupas eram adaptadas para as asas, todos eles tinham esse aparato na época.

Roland se sentia enjaulado em sua armadura de metal emprestado, mas ele não queria reclamar com Ariane. Ela ainda não sabia que ele era um Anacronismo, e queria mantê-lo dessa maneira. Ele estava tão feliz em vê-la.

O luar brilhava como um holofote sobre a pele branca de sua amiga. Quando ela virou a cabeça, Roland engasgou.

Uma queimadura horrível brilhava no lado esquerdo do seu pescoço. A pele era de mármore, um sangramento em espiral, o tipo mais terrível de ferida.

Roland recuou sem querer, fazendo Ariane autoconsciente.

Ela estendeu a mão para cobrir a ferida, mas gemeu quando seus dedos roçaram-na.

Roland tinha visto essa cicatriz mil vezes em encontros futuros com Ariane, mas sua origem permanece um mistério para ele. Só uma coisa poderia ferir um anjo assim, mas ele nunca soube como perguntar a ela sobre isso.

A ferida estava fresca agora, como uma erupção de chamas em todo o pescoço. Ela deve ter sofrido a lesão recentemente.

– Ariane, o que aconteceu com você?

Ela desviou o olhar, o que significava dar a Roland uma visão ainda mais clara de sua pele devastada. Ela fungou.

– O amor é um inferno.

– Mas, – Roland fechou os olhos, ouvindo a linha se repetindo em sua mente – a forma de um anjo não pode ser prejudicada, exceto por... – Ariane desviou seu olhar envergonhado, e Roland puxou-a para ele. – Oh, Ariane! – Gritou ele, apertando os braços em torno da cintura dela, seus olhos atraídos e repelidos por seu pescoço. Ele não podia abraçá-la como queria, não poderia afastar sua dor. – Eu sofro por você.

Ela assentiu com a cabeça. Ela sabia. Ela nunca tinha gostado de chorar. Ela disse: – Acabei de ver Daniel.

– Eu estava no caminho para encontrá-lo – disse Roland, sem fôlego com a sorte dele. – Sua presença é necessária na Feira de São Valentim.

– Ele cavalga para a cidade esta noite. Ele pode muito bem já estar lá. Lucinda vai ficar feliz, pelo menos.

– Sim – Roland disse, lembrando-se mais claramente agora. – Você era o cavaleiro que veio para entregar a mensagem para os outros no campo. Não eu. Você forjou um decreto do rei que dizia aos homens para tirar uma licença no dia de São Valentim.

Ariane cruzou os braços sobre o peito. – Como você sabia disso?

– Clarividência – Ele ficou surpreso ao encontrar-se sorridente.

Foi o suficiente para tê-la aqui, sua amiga mais querida. Ela fez esta viagem no seu triste passado um pouco menos sombria.

Roland pegou o capacete de Ariane, ajudou-a com seu cavalo. Montou e deixou cair à viseira mais uma vez. Lado a lado, os dois cavaleiros cavalgaram para a cidade.

Às vezes o amor não era sobre a vitória, mas sobre sábio sacrifício e a confiabilidade de amigos como Ariane.

Amizade, Roland percebeu, era o seu próprio tipo de amor.

O DIA DOS NAMORADOS DE ARIANE



AMOR ARDENTE

UM



O SEGREDO

Ariane olhou para a manhã de tomilho- perfumada toscana e suspirou.

Ela estava deitada na grama verde de veludo, apoiada em seus cotovelos com o queixo na palma das mãos, saboreando o calor fora de época e a sensação de dedos suaves que atravessam o seu longo cabelo escuro.

Era assim que Ariane e Tess passavam suas raras tardes juntas: Uma menina das tranças, e a outra de histórias fiadas. Em seguida, elas ligavam os papéis.

– Era uma vez um anjo extraordinário – Ariane começou, virando a cabeça para o lado para que Tess pudesse varrer o cabelo para cima do pescoço.

Tess era melhor em trança que Ariane. Ela sentava ao lado de Ariane com uma cesta de flores silvestres da floresta em seu colo. Ela havia se inclinado sobre o dorso estreito de Ariane e tecia tranças apertadas em seu grosso cabelo de anjo. Ela fixava as tranças para ziguezaguear em todo couro cabeludo de Ariane, até que ela se parecesse com Medusa, que era o estilo favorito de Ariane.

Ariane, por outro lado, teve sorte de conseguir fazer uma única trança torta nos selvagens cabelos vermelhos de Tess. Ela puxou e torceu, lutando com o pente até Tess gemer de dor. Mas Ariane era melhor em contar histórias. E o que seria de uma trança sem uma boa história?

Não seria nada divertido.

Ariane fechou os olhos e gemeu quando as unhas de Tessa arranharam seu couro cabeludo. Nada a fazia se sentir melhor do que o toque de sua amante.

– Ariane?

– Sim. – Seus olhos se abriram, seu olhar à deriva sobre o pasto onde vacas leiteiras vadiavam na fazenda de duzentos hectares.

Estes eram os seus momentos favoritos: calmo e sem complicações, apenas as duas. Era o final da tarde, a maioria das vaqueirinhas que trabalhavam na fazenda onde Ariane tinha arranjado emprego já estavam de volta em suas casas.

Ela tinha escolhido este trabalho porque não estava longe de Lucinda, que, nesta vida, havia crescido em um feudo Inglês alguns minutos de voo para o norte. Geralmente, Daniel sentia-se sufocado pela presença de Ariane e dos outros anjos encarregados de vigiá-lo. Mas a partir daqui, Ariane poderia dar-lhe espaço e ainda voar até ele e Lucinda rapidamente se necessário. Além disso, Ariane gostava de mergulhar num estilo de vida mortal, de vez em quando. Sentia-se bem a ser dado trabalho na fazenda, para satisfazer um chefe.

Tess nunca entendeu essa necessidade, mas, em seguida, o mestre de Tess era um pouco mais exigente do que o Trono.

Era raro ter um momento roubado com Tess. Suas visitas para esta parte do mundo, em geral, nunca chegou rapidamente ou durou tempo suficiente. Ariane não gostou de imaginar a escuridão que esperava Tess logo que elas dissessem adeus, ou o mestre que odiava ver Tess se afastar de seu reino.

Não pense sobre isso, Ariane repreendeu a si mesma. Não quando Tess estava ao seu lado e não havia necessidade de questionar seu amor!

Sim. Tess estava ao seu lado. E a grama embaixo era tão macia, o ar da fazenda tão perfumado com flores silvestres, que Ariane poderia ter tirado um cochilo e tido um sonho reconfortante.

Mas a história. Tess amava suas histórias. –Onde eu estava?– Ariane perguntou.

– Oh, eu não me lembro. – Tess parecia distraída. Sua unha raspou o pescoço de Ariane quando ela pegou uma porção de cabelo.

– Ai – Ariane esfregou seu pescoço. Tess não se lembra? Mas foi Ariane que se perdeu em seus pensamentos, não Tess.

– Há algo de errado, amor?

– Não – Tess disse rapidamente. – Você estava começando uma história... Um extraordinário... um...

– Sim! – Ariane disse alegremente. – Um anjo extraordinário. Seu nome era... Ariane.

Tess puxou seu cabelo. – Outra sobre você? – Ela estava rindo, mas seu riso soou distante, como se ela tivesse muito longe.

– Você está nele, também! Basta esperar – Ariane rolou para seu lado para ver o rosto de Tess. Tess terminou a trança e deixou seu braço deslizar através do quadril de Ariane.

Tess usava um vestido de algodão branco com um corpete estreito e curto, com babados nas mangas brancas. Ela tinha rajadas de sardas em seus ombros, que Ariane pensava, pareciam galáxias de estrelas. Seus olhos eram apenas um pouco mais escuros do que o claro surpreendente das íris azuis de Ariane.

Ela era a criatura mais bela que Ariane já conhecera.

– E o que era tão extraordinário sobre esse anjo?– Tess perguntou depois de um momento, pegando sua sugestão.

– Oh, por onde começar? Havia tantas coisas extraordinárias sobre ela! – Ariane balançou a cabeça, meditando sobre uma inspirada direção na qual levar seu conto. Ela podia sentir a trança se desfazendo ao lado da cabeça.

– Oh, Ariane!– Tess disse. – Você arruinou tudo!

– Eu não posso ajudar se o meu cabelo tem outros planos! E talvez você, também não! – Ariane tentou pegar a fita amarrada ao redor da longa trança vermelha de Tess.

Mas a menina era muito rápida. Ela arrastou-se para trás na grama como um caranguejo, rindo quando Ariane levantou-se e foi atrás dela.

– Este anjo extraordinário – ela disse depois que Tess correu pela grama alta de fevereiro cortando o vento, – teve o ninho mais repugnante e emaranhado nos cabelos. Ela era muito famosa por isso. Tanglelocks, alguns a chamavam. – Ariane falou, as mãos erguidas, os dedos balançando para evocar seu cabelo. – As cidades desapareceram em sua juba poderosa. Exércitos inteiros foram destruídos por seu poder! Homens adultos choravam e se perderam no abismo negro de seus longos cabelos.

Então Ariane tropeçou na bainha longa do seu vestido de leiteira disforme e caiu rudemente no chão. De quatro, ela olhou para Tess, que tinha parado entre Ariane e o sol, um contorno de luz circulando o cabelo vermelho.

Tess inclinou-se para ajudar Ariane, com as mãos moles em torno dos seus pulsos.

– Até que um dia – Ariane esfregou as palmas das mãos enlameadas na frente de seu vestido; Tess deu-lhe um tapa e retirou do bolso de cordas um lenço de algodão. – Um dia, esse anjo conheceu alguém que mudou sua vida...

Tess levantou o queixo um pouco. Ela estava ouvindo.

– Essa pessoa era um pequeno demônio – disse Ariane. – Ela era muito séria, sempre frustrando as brincadeiras de Tanglelocks, sempre zombando de sua ingenuidade, sempre lembrando que algumas coisas eram mais importantes do que o velho cabelo liso.

Inesperadamente, Tess virou. Ela se sentou na relva, de costas para Ariane. Talvez ela achasse que a introdução do personagem não fazia jus? Mas havia mais por vir! Cada história exigia um pouco de imaginação, um elemento de surpresa. Ariane estendeu as pernas até Tess e apoiou-se sobre um cotovelo na grama.

Por outro lado, ela chegou mais perto e descruzou os braços que Tess tinha fixado firmemente sobre o peito. Mas, mesmo com as mãos em sua amante, os olhos de Tess não se desviaram das flores silvestres amarelo pálido na grama.

– Abandona esta história boba, Ariane. – Ela falou como se estivesse em transe. – Eu não estou no clima hoje.

– Ah, mas espere! Eu estou apenas começando! – Ariane franziu as sobrancelhas. – Em muitas maneiras o adversário era aparente o oposto do Tanglelocks. Seu cabelo era um pufe vermelho-leão – Ariane acariciou o cabelo de Tess. – Sua pele era uma tela pálida que queimava ao menor toque do sol – Ela passou o dedo para baixo do braço de Tess.

– Ariane

– Mas a criatura era um demônio com um pente, e em suas mãos foram domesticados os cabelos destrutivos. A natureza dessa pessoa, ao contrário do anjo, era...

– Basta! – Tess gritou, mirando seu olhar para longe, para um raso seixo alinhado ao córrego à beira do pasto. – Eu estou cansada de contos de fadas.

Ela se levantou e Ariane se esforçou para se juntar a ela.

– Não é um conto de fadas – Ariane insistiu, ignorando os arrepios que sentia subir em sua pele. Ela sentou-se reta e inclinou a cabeça para Tess. – O fato de que estamos aqui juntas é apenas um sinal de que ele não estava prestando atenção.

– Não? – Um vento frio rastejou sobre a colina. – Ele me deu um ultimato.

O sangue foi drenado do rosto Ariane, e com ele foram às cores brilhantes no prado. O céu azul esmaecido, a grama perdeu seu verde. Até mesmo o cabelo de Tess parecia pálido. Ariane sabia que este momento estava chegando, sabia desde o início, mas ainda ficou sem fôlego.

Tess mostrou a tatuagem em formato de sol preto na parte de trás do pescoço, a marca de Lúcifer, seu círculo mais íntimo de demônios.

– Ele sabe. E agora ele me quer de volta. – Havia gelo na voz de Tess que parecia rastejar através da alma de Ariane.

– Mas você acabou de chegar aqui! – Ariane sentiu vontade de correr para o seu amor, caindo aos pés de Tess e chorando, mas ela apenas olhou para suas mãos. – Eu não quero que você vá. Eu odeio quando você vai embora.

– Ariane – Tess deu um passo em direção a ela, mas Ariane se encolheu enfurecida.

– Não é da conta dele dizer o que pode e o que não pode fazer! Que tipo de monstro ostenta tão incessantemente sobre o livre arbítrio e ainda não vai deixar você ser livre para seguir seu próprio coração?

– Eu não tenho uma escolha sobre isso.

– Sim, você tem – disse Ariane. – Você apenas não quer fazer isso.

Quando Tess não respondeu, o peito de Ariane se apertou e ela explodiu em soluços. Ela sentiu tanta vergonha. Virou-se e correu pelo pasto. Ela corria o leito do rio e subiu a encosta suave de grama na borda ocidental da fazenda. Pisoteando pelo jardim de erva da patroa, incapaz de ver o tomilho em meio às lágrimas. Ela podia ouvir Tess correndo atrás dela, seus passos suaves tentando alcançá-la. Mas Ariane não parou até que chegou à porta do velho celeiro onde pela manhã ela se levantava antes do amanhecer para fazer a ordenha.

Atirou-se contra a parede de madeira áspera do celeiro e deixou os soluços virem.

Tess abraçou Ariane por trás, balançando a trança vermelha por cima do ombro de Ariane. Ela colocou a cabeça entre Ariane e puseram-se assim, ambas chorando, por um momento tranquilo.

Quando Ariane virou, inclinando-se de costas contra a parede quente do celeiro, Tess pegou a mão dela. Seus dedos eram longos e pálidos; Os de Ariane eram pequenos, mas fortes. Ariane chamou Tess através da abertura enferrujada com dobradiças da porta para dentro do celeiro, onde elas estariam a salvo dos olhos das outras vaqueirinhas, que em breve iriam se reunir para a ceia.

Elas ficaram entre os feno e cavalos, algumas vacas deitadas juntos em um canto. Os aromas dos animais estavam em toda parte: a doçura do almiscarado dos cavalos, as penas das galinhas, o suor seco das peles das vacas.

– Há um caminho para ficarmos juntas – disse Ariane a Tess em voz baixa.

– Como? Você iria desafiá-lo?

– Não, Ariane – O demônio balançou a cabeça. – Eu levei meu juramento. Eu sou obrigada por Lúcifer.

Quando Tess virou a cabeça para olhar para fora da porta do celeiro e em todo o prado interminável, Ariane vislumbrou no escuro a tatuagem que marcava sua linda pele. Era o único defeito que poderia aderir a organismos dos anjos. Exceto para as suas cicatrizes de asa, cada marca de tinta ou outra ferida ou cicatriz no tempo iria desaparecer.

A marca de Lúcifer era a única parte de Tess que Ariane poderia dizer que não amava. Ela estendeu a mão para tocar seu próprio pescoço, pálido e sem marcas. Puro.

– Não há outro caminho – disse Tess, pressionando perto de Ariane de modo que seus pés ficaram sobrepostos. O amor de Tess cheirava a jasmim, e muitas vezes ela disse que o de Ariane tinha cheiro de creme doce. – Não tem como viver assim, com tudo entre nós sempre em segredo.

Tess estendeu os braços em direção a Ariane rodeando em torno de seus ombros. Ariane pensou por um momento que iriam se abraçar novamente. Ela se sentiu completa, e isso precisava durar.

Em vez disso, dedos frios rastejaram até a volta de seu pescoço. – Você pode se juntar a mim.

Ariane cambaleou para longe. Sua pele se arrepiou.

- Junte-se a mim como minha alma gêmea, Ariane. Junte-se a mim e tome o seu lugar entre as fileiras do Inferno.

DOIS



DESEJOS INFERNAIS

Ariane recuou. – Não – ela sussurrou, certa de sua impossibilidade. – Eu nunca poderia fazer isso.

Os olhos azuis de Tess pediam com uma intensidade feroz. – Podemos acabar com o nosso romance secreto e proclamá-lo para o universo.–

A maneira como a voz dela explodiu, ecoando nas vigas do celeiro, fez Ariane ficar nervosa.

– Você não quer isso? – Tess chorou. –Você não quer estar junto, para tirar as algemas arbitrárias que nos impedem de ser nosso verdadeiro eu?

Ariane balançou a cabeça. Isso era injusto. Tess estava fora de sua mente. Ela tinha a alma mais sublime e bonita que Ariane já havia visto, mas desta vez, ela tinha ido longe demais. Se ela conhecia realmente Ariane, Tess já saberia qual seria a sua resposta.

Mas então Ariane vacilou, permitindo-se por um momento ver a situação do ponto de vista de Tess. Claro que Ariane queria amar Tess abertamente. Sempre foi assim. O que mais ela precisava fazer para provar isso?

Não! Como poderia Tess perguntar isso a ela? Ir para o lado do Inferno e ficar contra o Céu! Isso não era amor. Isso era loucura.

– Talvez as regras estejam certas – disse Ariane provisoriamente. –Talvez anjos e demônios não devam...

– O quê? – Tess cortou. – Diga-o.

– Lúcifer nunca permitiria isso – Ariane finalmente disse evasivamente, afastando-se de Tess e andou pelo celeiro. Ela passou pelos cavalos em suas cocheiras. As vacas em seus cercados. Tudo tinha o seu lugar. Ela olhou através do celeiro para Tess e percebeu que nunca se sentiu mais longe da alma que ela mais amava.

– Lúcifer poderia permitir... – Tess começou a dizer.

– Você sabe como ele se sente sobre o amor! – Ariane agarrou. – Desde que... – Mas ela parou. Essa história de idade não importava, não agora.

– Você não entende. – Tess riu um riso falso, como se Ariane não estivesse conseguindo entender algo tão simples como um problema aritmético. – Ele disse que se eu a trouxesse comigo...

– Quem disse? – A cabeça de Ariane estalou para acima. – Lúcifer?

Tess se afastou, como se tivesse medo, e por um momento, Ariane pensou ter visto algo no telhado do celeiro. Uma estátua de pedra... uma gárgula. Ele parecia estar a observá-las. Mas quando ela piscou, ele se foi. Ela encontrou os olhos selvagens de Tess novamente, e se sentiu traída.

– Você disse a ele?

Agora Ariane marchava em direção a Tess, parando um pouco abaixo do peito de sua amante. Ela ficou surpresa ao ser confrontada, mas não recuou.

– Como você ousa – Ariane cuspiu, girando em seu calcanhar.

Mas antes que Ariane pudesse sair do celeiro, Tess agarrou seus pulsos. Ariane se desvencilhou, sentindo os dedos de Tess se arrastar contra sua pele.

- Deixe-me!- Ariane gritou, sem significado, mas Tess não estava ouvindo de qualquer maneira. Ela veio em direção a Ariane novamente, agarrando a manga de seu vestido tão forte que ele se rasgou.

- Sim, eu disse a ele! - Tess berrou, gritando no rosto de Ariane. - Ao contrário de você, eu não me importo com quem sabe!

Ariane a empurrou. Empurrou com tanta força que Tess caiu para trás em uma torre de baldes de leite empilhados. Ela tombou, caindo com um barulho, espirrando sua pele pálida com algumas gotas brancas.

Tess chutou os baldes e se levantou. E então Ariane não esperava ver suas asas florescerem por trás de seus ombros.

Elas nunca expuseram suas asas uma para a outra, era algo que tinham concordado em séculos atrás. Era como um lembrete de que seu amor não poderia existir.

Agora as largas asas de demônio de Tess preencheram o celeiro com sua luz cintilante. Eles eram como ouro e se erguiam altas atrás de seus ombros, como no último momento de um por do sol se escondendo atrás das montanhas. Elas bateram levemente a sua volta, totalmente estendidas, rígidas, com as pontas enroladas ligeiramente para fora na direção de Ariane.

Sua postura de combate.

Os cavalos relinchavam e as vacas começaram a mugir como se pudessem sentir a tensão, à beira de algo ruim.

O que aconteceu depois, Ariane não tinha a intenção, mas também não pode impedir: Suas asas responderam à chamada. Elas floresceram fora de seus ombros em uma corrida que parecia tão naturalmente bom, ela soltou um

grito de alegria desatenta. Mas, no próximo momento, ela engasgou com pesar de vê-las ondulando fora de seus ombros.

Tess bateu suas grandes asas douradas, e seu corpo levantou-se. Ela pairou no ar por uma fração de segundo antes de se lançar para baixo, abordando Ariane. As duas rolaram no chão do celeiro.

– Por que você está fazendo isso?– Ariane gritou, segurando os ombros de Tess, esforçando-se para abraçá-la de volta enquanto lutavam.

Tess tinha um punhado dos longos cabelos de Ariane. Ela puxou-o para trás para olhar Ariane no olho. –Para mostrar que eu lutaria por você. Eu faria qualquer coisa por você.–

– Deixe-me ir!– Ariane não queria lutar com ela, com o seu amor, mas suas asas sentiram o puxão magnético em direção ao inimigo eterno. Ariane gritou de dor e tentou se desvencilhar de suas garras.

– Uma vez que você se juntar a mim, – Tess se irritou, prendendo as mãos de Ariane no chão, – ele vai aceitá-la. Ele vai aceitar o nosso amor.

Ariane balançou a cabeça, encolhida debaixo de sua amante. Ela tinha medo do que Tess iria fazer em seguida, mas ela tinha que dizer a verdade.

– É um truque.

– Cale a boca.

– Um truque para me levar lá pra baixo. Mais uma alma é tudo que ele quer. – As asas de Ariane ficaram tensas por ficar assim tão perto de sua amante e das suas asas de chumbo, que emitia faíscas cada vez que se encostavam. – Lúcifer é um comerciante, – ela gritou por cima do barulho de sua briga, – permanece no mercado após o anoitecer apenas para fazer uma última venda. Assim que eu me juntar a você.

Tess congelou, seu rosto corado centímetros acima de Ariane. Ela soltou seus cabelos, liberando-a de onde ela estava presa ao chão. Ela segurou o rosto de Ariane na mão. – Então você vai considerar?

Havia tanto calor no olhar azul de Tess que o coração de Ariane derreteu-se.

– Eu me lembro da primeira vez que eu disse adeus a você – sussurrou Tess. – Eu estava com tanto medo de que nunca iria vê-la de novo.

Ariane estremeceu. – Oh, Tessriel.

Como ela poderia resistir a um beijo final?

A luta acabou como sua cabeça erguida em direção a Tess, cujo todo rosto mudou. Amor inundando de volta, preenchendo o espaço entre os corpos até não haver espaço entre eles.

Elas enfiaram seus dedos através do cabelo uma da outra, membros entrelaçados, e cada vez mais próximos. Quando seus lábios se encontraram, todo o corpo de Ariane inflamou com paixão frustrada. Ela bebeu o seu amor, nunca querendo romper esse abraço, sabendo que, quando acabasse...

Não seria mais igual.

Seus olhos se abriram e ela olhou no rosto pacífico de seu amor verdadeiro. Ariane nunca poderia pensar em Tess como um demônio. Nunca.

Ela iria se lembrar dela assim.

Sem que ela percebesse, seus lábios tinham se afastado de Tess. Seu coração estava pesado, pesado e triste.

Ela sentou-se lentamente, em seguida, levantou-se. – E-eu não posso acompanhá-la.

Os olhos de Tess se estreitaram e sua voz tornou-se surpreendentemente fria, da maneira que fez quando seu orgulho foi ferido. Ela não se levantou a partir do chão.

– Você é um anjo caído, Ariane. Já é tempo de você perceber isso e descer do seu altar.

– Eu não sou esse tipo de anjo caído. Eu não sou como você. Eu caí porque eu acredito no amor.

– Isso é mentira! Você caiu porque Daniel arrastou você, eu e todo mundo com ele.

Ariane se encolheu. – Pelo menos o amor de Daniel não exige que uma pessoa traia sua natureza.

– Você tem certeza disso?

A questão pendurou no ar. Ariane caminhou até a calha contra a parede oposta e adicionou alimentação e um balde de água para os cavalos. Ela ouviu o suspiro de Tess.

– Eu acredito na causa de Daniel – disse Ariane. – Eu acredito em Lucinda.

– Errado de novo, você foi atribuída a eles. Você tem que cuidar deles ou aqueles idiotas virão atrás de você.

– Isso não significa que eu não acredito! Eu não vou desistir de Lucinda e Daniel.

– Em vez disso você irá desistir de nós? – Tess estava chorando agora, ela sentou-se no centro do celeiro e enxugou as lágrimas em seu lenço lamen-
to. – Amanhã é Dia dos Namorados, Ariane.

– Eu sei. Nós concordamos em voar para a Feira de São Valentim, onde Lucinda e Daniel e todos os outros estarão. – A voz de Ariane vacilou. – Nós estávamos indo para ser feliz.

– Feliz? Fingindo que eu não sou seu amor e você não é o meu? Fingindo procurar o que já compartilhamos? – Tess fez uma careta.

Ariane não respondeu. Tess estava certa. Sua situação era insuportável.

Tess se acalmou e se aproximou de Ariane. Ela pegou o balde de suas mãos e colocou-o no chão. Ela colocou uma mão na bochecha de Ariane.

– Deixe Luce e Daniel terem o seu Dia dos Namorados. Vamos ter o nosso. Comemore o amor verdadeiro por fazer um pacto comigo. Junte-se a mim, Ariane. Nós poderíamos ser muito felizes juntas, se estivermos realmente juntas.

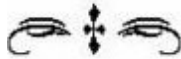
Ariane engoliu o medo crescente em sua garganta. – Eu te amo, mas eu não posso virar as costas para as minhas promessas.

Ela livrou-se das garras de Tess. Os olhos de Ariane dispararam para capturar todos os detalhes sobre Tess: a oscilação lenta do seu cabelo vermelho na brisa, seus pálidos pés descalços na palha áspera, com a mão fazendo a forma da ausência da mão de Ariane, lágrimas subindo em seus brilhantes olhos azuis.

Até mesmo o brilho espetacular dourado de suas asas.

Esta seria a última vez que iria ver uma a outra. Este seria seu último adeus.

TRÊS



O PRIMEIRO CORTE É O MAIS PROFUNDO

Nunca.

Nunca.

Nunca.

A alma de Ariane estava pesada quando ela voou. Ela deveria saber que isso ia acontecer! Ela havia conhecido. Algo em sua alma havia muito tempo sabia que um dia como este se aproximava, quando Lúcifer chamaria Tessriel de volta.

Mas ela nunca esperava que Tess lhe pediria para desistir de seu lugar no céu para negociá-la com o fogo do inferno!

Seu temperamento inflamou, e suas asas flexionaram e esticaram em resposta.

Às vezes, quando Ariane ficava muito tempo em forma mortal, ela se esquecia do quão grande suas asas eram, quão forte, quão profunda era o prazer de deixá-las fora de seus ombros, a energia alada de prazer. Ela deveria estar sentindo a exaltação que ela sempre sentia ao subir no céu, mas agora suas asas de prata eram apenas tristes lembranças do que ela era, do que seu amor foi, e de como ela e Tess nunca poderiam estar juntas.

Nunca.

Eu me lembro da primeira vez que eu disse adeus a você, Tess tinha dito a ela no celeiro. *Eu estava com tanto medo de que eu nunca iria vê-la de novo*, Ariane lembrou também: há milhares de anos. Ela, Annabelle e Gabbe tinham pairado em uma chuva escura e com nuvens nos arredores de um lugar chamado Canaã, vendo uma celebração mortal liderado por um homem chamado Abraão, quando um anjo apareceu do nada e pairou diante deles no céu.

– Quem é você? – Gabbe era hostil, abordando o anjo com o cabelo vermelho-brilhante e cristalinos olhos azuis. Para Ariane, as asas do anjo desconhecido eram adoráveis, e seu corpo parecia tão suave como uma nuvem. Relâmpagos em toda a sua pele branca radiante. Ariane se lembrava de querer estender a mão e tocá-la, como para ter certeza de que o anjo era real.

– Eu sou Tessriel, sua irmã antiga no céu .– O anjo desconhecido tinha curvado a cabeça em deferência. – Anjo do trovão que rola na Eurásia.

Tessriel estava olhando para Ariane, e algo em um prado distante da alma de Ariane recordou deste anjo. A irmã dela. Sim. Eles não se conheciam bem no céu, não havia um campeonato de outros anjos entre eles, mas tinham uma espécie de ligação. Esse mistério inexplicável chamado atração.

– Eu trago notícias de seu irmão Roland – disse Tessriel a Ariane, que engasgou com o som do seu nome.

– Roland reside no domínio de Lúcifer – Gabbe disse rispidamente. – Você traz-nos notícias do inferno?

– Eu vos anuncio – a voz de Tessriel vacilou e o coração de Ariane bateu forte. Ela não tinha visto desde a queda Roland e ela sentia falta dele desesperadamente. Este anjo tinha vindo com uma mensagem. Ariane se aproximou,

pressionando-se contra Gabbe, que a segurou de volta com a borda branca de sua asa.

– Vá agora, deixe-nos – Gabbe ordenou. Era o fim.

Tessriel abanou a cabeça tristemente quando virou para ir embora. Ela olhou para trás mais uma vez para Ariane, brevemente e com grande tristeza.

– Adeus.

– Adeus.

Mas não era um adeus. Anos mais tarde, sozinha, andando ao lado de um rio e seus cardumes, ela viu o anjo de cabelos vermelhos novamente.

– Tessriel?

Tessriel olhou para cima do rio, onde ela estava se banhando. Ela estava nua, o branco puro de suas asas na superfície da água, e seu longo cabelo vermelho caindo costas.

– É você?– Tessriel sussurrou. – Eu pensei que nunca iria vê-la novamente.

Quando o anjo levantou-se do rio, a visão de seu disfarce mortal era demais para Ariane, que desviou o olhar, emocionada e constrangida. Ela ouviu a ondulação de asas saindo da água, sentiu o movimento de vento quente, e, em seguida, um segundo depois, os mais doces lábios pressionados nos dela. Braços molhados e asas molhadas envolveram-na.

– O que foi isso?– Ariane piscou com espanto quando Tessriel se afastou. Seus lábios vibravam com o desejo inesperado.

– Um beijo. Eu prometi a mim mesma que se eu visse você de novo, é o que eu faria.

– E se eu sáísse agora e depois voltasse, – Ariane perguntou em voz alta, – você me beijaria daquele jeito de novo?

Tessriel balançou a cabeça, um sorriso enorme no rosto.

– Adeus – Ariane sussurrou, fechando os olhos. Quando os abriu, ela disse – Olá.

E Tessriel beijou-a novamente.

E mais uma vez.

Em um fiorde negro no norte da Noruega... sobre uma vela em um navio para as Índias... num planalto deserto empoeirado na Pérsia... ou em uma tempestade no interior de uma floresta tropical quando o mundo era simples e jovem, e nenhum anjo caído tinha escolhido em que direção acabaria por seguir, Ariane e Tessriel estavam sempre dizendo Adeus para dizer Olá de novo, sempre compartilhando muitos beijos.

Agora, sentindo-se tão distante como ela sempre esteve dos lábios do demônio que ela amava, Ariane voou com graça e suavidade no céu.

Elas eram inseparáveis, mas ela teve que ficar sozinha. Por causa de alianças antigas que não trairia. Ela estava louca com frustração. Ela precisava estar em algum lugar solitário e remoto, onde seu coração poderia doer em paz.

Lágrimas turvaram sua visão enquanto ela subia ao longo dos prados do vale abaixo. Ela não queria deixar Tess; ela não podia sair com rapidez suficiente. Logo, ela estava sobrevoando o vale verdejante, que ela havia crescido para amar.

Amor. O que era afinal?

Daniel e Lucinda pareciam saber. Houve momentos em que pensei que ela dançou Ariane direção do amor consciência: concurso, momentos fugazes

trancados em um beijo com Tess, quando ambas as almas se perderam completamente. Se apenas elas pudessem ter ficado assim para sempre, mentindo para si mesmas em um estado estendido de êxtase.

Talvez o amor estivesse mentindo para si mesmo

Não. O mundo se abateu sobre elas, e à luz ampla e clara do dia. Ariane sabia que o que ela sentia por Tess era realmente amor. E era impossível.

Foi por isso que elas já haviam passado por esse tipo de adeus, o tipo feio, uma vez antes.

Foi algumas centenas de anos após a queda. Ariane finalmente havia feito sua escolha. Ela tinha voltado para as planícies do Céu e, depois de algum tempo, tinha feito as pazes com o Trono. Suas asas brilhavam numa iridescente cor de prata marcando que ela foi aceita mais uma vez e Ariane estava ansiosa para mostrá-las ao seu amor.

Ela encontrou Tessriel sob a cachoeira da Amazônia, onde elas haviam concordado em se encontrar.

– Olha o que eu fiz

– O que você fez?

Assim como as asas de Ariane tinham um novo brilho prateado, as de Tessriel foram contaminadas com uma cor de ouro, glorioso e berrante.

– Você nunca me disse que estava pensando... – A voz do Ariane sumiu.

– Você nunca me contou, também. – Os olhos de Tess encheram-se de lágrimas, mas logo ela os enxugou, e a olhou com raiva.

– Mas por quê? Por que você se aliou com ele?

– A minha escolha não é tão livre quanto a sua? Seu mestre só é a autoridade, porque você diz que ele é.

– Pelo menos ele é bom, ao contrário de seu mestre!

– Ótimo. Mal. Isso são apenas palavras, Ariane. Quem pode confiar nelas, afinal?

– Como eu posso amar você assim agora?– Ariane sussurrou.

– É simples – disse Tess com um aceno triste de cabeça. – Você não pode.

Foi Roland que os trouxe de volta juntos. Agora Ariane quase desejava que ele não tivesse. Mas no momento, ela precisava de Tess mais do que ela jamais teria admitido. Roland arranhou um momento roubado entre os dois em Jerusalém, depois do que era para ser o suposto casamento de Cam e Lilith.

O casamento que não tinha acontecido.

Mas Ariane e Tessriel tinham. Assim que se encontraram, o argumento se dissolveu em outro beijo imparável.

– Nós devemos ser livres para sermos nós mesmas de forma independente, – Tessriel tinha dito a ela, – mas nunca devemos ser tão forte e sólido como somos quando estamos juntas.

– Tenha cuidado – Roland estava sempre dizendo para que ela fosse cuidadosa quando estivesse com Tess. E Ariane era. Nunca teve uma só vez em que elas pudessem ser pegas. Os anjos nunca suspeitaram do romance secreto de Ariane com um dos demônios mais próximos de Lúcifer. Ela tinha sido cuidadosa com tudo, exceto o destino de seu coração.

Ela simplesmente não esperava que Tessriel fizesse essa escolha.

Mas agora era tarde demais, e só havia uma coisa a fazer.

Este adeus tinha que ser para sempre.

Ariane não conseguia respirar. Lágrimas escorriam pelo seu rosto quando ela engasgou e cegamente voou, sem saber aonde ela iria.

Será que ela veria seu amor de novo?

Uma dor aguda parecia perfurar seu coração, uma agonia crivava um caminho para as fissuras de seus ossos. O que estava acontecendo?

Em seguida, uma premonição escura minou a sua alma, e Ariane gritou com medo.

Ela segurava o seu coração, mas isso não era mera tristeza.

Alguma coisa estava errada.

Tess.

No meio do seu vôo, através das montanhas do norte da Itália, Ariane mergulhou em torno de reverter às direções do céu.

Suas asas estremeceram e seu coração parou e a única coisa que ela sabia era que tinha que voltar para a fazenda de gado leiteiro. Era a intuição de uma amante, uma lenta consciência espalhou para o seu cérebro...

Até que ela estava absolutamente certa...

Algo tinha acontecido.

Algo indescritível.

QUATRO



O AMOR ALÇA VOO

O celeiro estava vazio.

O sol se pôs.

A única luz além de um pedaço frio da Toscana era a lua brilhando através da porta aberta veio de asas de Ariane. Lançaram um brilho suave e opalescente sobre os animais, que não dormiam: os cavalos relinchavam e as galinhas cacarejavam inquietas em suas penas, as vacas estavam no feno almiscarado, suas tetas inchadas de leite.

Sentiram alguma coisa, também.

Ariane estava frenética, onde estava Tess? Ela passou no celeiro, em busca de pistas, encontrando apenas a evidência de sua luta.

Os baldes de leite derrubados. O chão arranhado e o feno lamacento onde tinham brigado. Se ela fechasse os olhos, ainda poderia ver Tess do jeito que queria, sorrindo, o resplendor brilhante em suas bochechas.

A respiração de Ariane fez nuvens diante de seu rosto. Ela os viu desaparecer no ar gelado. Ela queria gritar, parar tudo desaparecendo.

A premonição foi tão forte que Ariane torcia as mãos, refazendo seus passos ao redor dos estábulos antes dela evadir para o céu, lembrando as palavras de raiva que haviam cuspidos uma pra outra, lamentando tudo o que ela tinha dito ou feito para Tess que não tinha nada a ver com amor.

Há.

Ela congelou com sua ponta da asa arrastando em um monte de feno úmido.

O que foi isso?

Ariane caiu de joelhos. Suas asas brilhavam brancas, iluminando os animais aterrorizados, que estavam apoiados nos cantos de suas barracas.

Havia sangue sobre o feno, uma piscina, vermelho brilhante.

– Tessriel!

Ariane disparou para cima, vasculhando o chão loucamente por outro vestígio de sangue de seu amor. Ela voou em um círculo em pânico, vasculhando cada centímetro do celeiro, correndo como uma cotovia e não encontrando nada.

Até que ela deixou suas asas carregá-la para o outro lado do celeiro.

Lá, um pouco além da porta aberta, ela avistou uma pequena mancha de sangue escorrendo para a grama. Ela se aproximou, pairando sobre ela. Ela queria tocá-la, mas...

Não. Ela se conteve.

Estendendo-se da poça de sangue, vermelho-escura com contas gotas formando uma cadeia de vários centímetros de comprimento, levando na direção da Estrela Polar.

Tess estava em movimento. Mas o que tinha acontecido com ela?

Ariane voou baixo para o chão, procurando pequenos sinais. Em vários pontos, ela via manchas de sangue na grama, mas depois ela perdia a trilha novamente. Em um ponto, depois de ter atravessado um riacho, a trilha de-

sapareceu completamente, e Ariane gemeu, sentindo que tudo estava perdido.

Mas, então, perto de uma árvore de salgueiro-chorão, ela pegou o caminho de sua amante novamente. Sangue marcava o chão por vinte metros onde a trilha se alargava e tinha espirrado longe, como se uma ferida fresca tivesse sido infligida.

Seria um inimigo de Tess, ferindo-a quando ela fugiu? Ariane acelerou, desesperada para se colocar entre Tess e qualquer mal que ousaria machucá-la.

Apenas um ser poderia ter caçado um demônio com plenos poderes. Em suas mais sombrias imaginações, Ariane podia ver Lúcifer, as camadas de cata-rata em seus olhos, suas asas enormes que se espalhavam com um ninho de pelos pretos.

Mas será que Lúcifer viria aqui, para levar Tess de volta para o inferno? Ariane nunca tinha visto o rosto de seu amor cara a cara com seu mestre, embora sua imaginação já fosse capaz de assombrá-la. Se visse Lúcifer prejudicando Tess, Ariane não sabia o que faria. Ela mal podia voar através da raiva que estava crescendo dentro de si.

Amar era fatal, até mesmo para um anjo.

– Tessriel! – Ela gritou de novo para os campos infinitos de verde. Mas ela não ouviu nada.

No oeste, nuvens de tempestade formaram uma tela suja pelo céu. Ariane esperava que Tess não tivesse viajado nesse sentido.

Tudo sobre o cheiro da chuva, seu efeito sobre o terreno, a sua purificação jogaria Ariane fora da trilha.

Mas talvez Tess estivesse contando com isso.

Então, o coração da tempestade era para onde ela iria.

Ariane achatou suas asas. Ela focou em pegar velocidade. Turbulência sacudiu-a. Seu corpo balançava da esquerda para a direita, para cima e para baixo, até que ela estava encharcada e tremendo de frio e cuspindo chuva.

Foi quando ela viu Tess, deitada de costas na beira de um promontório rochoso no sopé das Dolomitas, não muito longe de onde Ariane pela primeira vez sentiu que algo estava terrivelmente errado.

Tess parecia estar morrendo, mas os anjos não morrem. Suas asas agitavam anormalmente de cada lado de seu corpo. Sangue saía a partir delas, reunindo-se em uma pedra plana abaixo dela. Ela estava sozinha.

Ela estava sozinha.

Ariane pairou a cem metros acima dela no ar, mas o fosco brilho prata na mão de Tess era inconfundível.

Mas por que Tess possuiria uma seta estelar?

Ariane mergulhou para baixo tão rapidamente que o vento rugia em seus ouvidos. Ela aterrissou em uma pedra cinza-claro alguns metros à frente de Tess.

Suas asas lançaram um círculo de luz em frente a ela, envolvendo o corpo de Tess em um foco de iluminação. Era fácil ver agora:

A seta estelar tinha lacerado a asa esquerda do demônio. Não foi completamente cortada, mas a asa cobre, agora estava pendurada por uma fina fibra.

Raiva passou por Ariane, ela mataria quem quer que tenha feito isso. Então, ela olhou para o rosto pálido de Tess, os olhos mal abrindo, olhando para ela.

E ela compreendeu.

Não havia mais ninguém para culpar. Esta mais dura de todas as feridas foi auto infligida.

Apenas algumas horas antes, Ariane estava pensando sobre a pureza da pele de um anjo, como se nada pudesse deixar uma marca. Mas não era absolutamente verdade, algumas coisas deixam cicatrizes permanentes.

Lúcifer poderia fazê-lo com a tinta de suas tatuagens.

Uma ferida com seta estelar poderia fazê-lo, se não matasse o anjo.

– Tessriel, não!

O demônio segurava a seta estelar em sua mão direita e puxou-o perto da ferida novamente, como se a intenção de amputar a dourada asa de seu corpo. Mas seus dedos tremiam tanto que a seta estelar cortou em outras seções da asa, vomitando sangue a partir do seu centro de músculo de espessura. Só então ela parece registrar a presença do Ariane.

– Você voltou. – Sua voz era tão fina quanto o ar da montanha.

– Oh, Tessriel. – As mãos de Ariane cobriram seu coração. – Eles não vão te curar disso.

– Essa é a ideia. Eu precisava de algo para me lembrar de você.

– Não diga isso. – Ariane caiu de joelhos, rastejando até onde Tess estava no chão. – O que você estava fazendo com uma seta estelar? Barganhou com Azazel? Não era pra ter feito isso!

– Se faz isso quando a necessidade é grande o suficiente. Se eu não posso ter você, eu não quero nada. – Tess fez uma careta enquanto ela empurrava a seta estelar em um movimento descendente de corte em toda a sua asa mutilada. Fez um som parecido com a carne sendo rasgada, mas não rompeu a asa completamente. – É mais difícil do que você pensa.

– Pare com isso! – Ariane gritou, atirando-lhe a mão para pegar a seta estelar de Tess.

Em um flash, Tess virou a seta estelar sobre ela. – Para trás – disse ela com voz fraca. –Você sabe o que vai acontecer se você tocar em mim.

Ariane estudou o anjo caído que ela amava, coberta de sangue, se a tocasse funcionaria como um veneno contra ela. Mas, mesmo sabendo disso, Ariane não parou. Ela precisava de Tess para saber que ela não estava sozinha, que era amada.

As memórias de Tess rindo ecoou em seus ouvidos aqueceram suas entranhas, a imagem de Tess, querida, doce, bonita.

Tess interpretava os olhos de Ariane, quando fez o impensável:

Ela avançou em direção a Tessriel, atirando-se no corpo do demônio, tentando agarrar a seta estelar, clamando em agonia.

O sangue de Tessriel a cauterizou. A dor singular de sangue de demônio na carne de um anjo como mil espadas perfurando sua alma.

Sangue no sangue era ainda pior.

Ariane rangeu os dentes, quase enlouquecendo com a dor e arrancou a seta estelar da mão de Tess.

– Me solte!– As unhas de Tess rasgaram a garganta de Ariane até elas perfurarem a pele e o próprio sangue de Ariane começou a fluir. Um uivo animalesco deixou os lábios de Ariane.

Seu sangue ferveu quando se misturou com o de Tessriel, transformando em ácido em seu corpo e chamuscando sua pele. Onde quer que o seu sangue se misturasse, bolhas se levantavam do lado esquerdo de seu corpo, feias cicatrizes, da sua perna até seu pescoço.

Ainda assim, Ariane não a soltou.

– Agora veja o que você fez. – Os lábios de Tess estavam azuis de perder muito sangue. Um riso sádico pontuando sua angústia.

– Mesmo o meu sangue é um anátema para o seu, e o seu ao meu. Assim como... – aqui, sua voz vacilou e seus olhos começaram a se fechar. –... Assim como ele sempre disse!

– Fique parada! – Ariane tentava concentrar-se além da queima do ácido, a única coisa que importava era estancar o fluxo de sangue de Tess. Ela pesava as duas asas moles em suas mãos, sem saber o que fazer.

– Você está piorando! – Tess gritou.

– Pare! Você já perdeu muito sangue.

Tess estremeceu, mas firmou um lado sobre a rocha e levantou a cabeça apenas o suficiente para olhar com profundidade nos olhos de Ariane.

–Você quebrou meu coração, Ariane. Você não pode ser aquela que vai me curar.

O lábio de Ariane tremeu. – Eu posso. Eu vou.

Ela rasgou a saia do seu vestido de leiteira, usando os dentes para rasgar o tecido frágil em pedaços. *Isso nunca vai funcionar*, ela pensou que ela teceu e estendeu o tecido em uma tipoia desajeitada, amarrando-o cuidadosamente em torno da asa esquerda de Tess.

Ela rapidamente teceu uma e outra tira de pano, trabalhando até que seus dedos estavam dormentes de frio e medo. O corpo de Tess continuou vivo, mas seus olhos estavam fechados, e ela não respondia as súplicas de Ariane para acordar.

E estas tiras não ajudariam muito. As feridas de Tess precisariam de intervenção celestial. Isso exigiria ajuda de Gabbe, e Gabbe ficaria furiosa, mas ela era Gabbe, então ela iria ajudar de qualquer maneira. As asas de Tess nunca mais seriam as mesmas, mas talvez um dia ela pudesse voar.

Foi só depois que Ariane tinha enfaixado as asas de Tess o melhor que pode que ela olhou para seu próprio corpo.

Ela era um quadro miserável.

Seu pescoço ardia com a dor. O vestido dela tinha caído em pedaços ao longo do lado esquerdo. Sua pele era manchada com o sangue de roda e pus de prata e tecido de anjo descamação. Ela não tinha nada para cobrir suas feridas. Ela tinha usado todo o pano para Tess.

Ela caiu no colo do demônio e soluçou. Ela precisava de ajuda, mas não conseguia levar Tess em seu estado, queimada e maltratada.

Que bem iria fazer, afinal?

Talvez Tess estivesse certa: Quando um amante sofria de um coração partido, não importa o quanto o outro queira ajudar, ela poderia não ser capaz de ajudá-la.

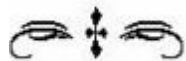
Na medida do possível, Ariane concluiu, cada alma tem de se contentar sozinho antes de mergulhar no amor, nunca, porque um sabia quando o outro sairia desse amor. Foi o maior paradoxo: Almas precisam uns dos outros, mas eles também não precisam um do outro.

– Eu tenho que ir – ela sussurrou para Tess, cuja respiração era superficial, ofegante. – Eu vou trazer ajuda para você. Alguém virá para cuidar de você. Eu te amo e nunca vou amar ninguém. A melhor maneira que eu posso honrar isso é ir agora e lutar com o tipo de amor que compartilhei, o tipo de amor que eu acredito existir. Eu espero que algum dia você encontre o que está procurando. – uma lágrima deslizou pelo rosto de Ariane. – Feliz Dia dos Namorados.

Uma estrela cadente dançava em um arco brilhante no céu. Norte, apenas a direção que Ariane precisaria voar para encontrar Daniel e Lucinda.

Seu pescoço latejava quando ela levantou-se da pedra, mas apesar de seus ferimentos, suas asas se sentiam poderosas e intocadas. Ela estendeu-as largamente e voou para longe.

O DIA DOS NAMORADOS DE
DANIEL E LUCINDA



AMOR SEM FIM

UM



AMOR DE MUITO TEMPO ATRÁS

Luce encontrou-se na extremidade de um beco estreito em uma fenda de sol.

–Bill?– ela sussurrou

Sem resposta.

Ela saiu do anunciador grogue e desorientada. Onde ela estava agora? Houve um brilho na outra extremidade da rua, onde havia uma espécie de mercado onde Luce pegou flashes de frutas e aves mudando de mãos. Um vento cortante de inverno havia congelado as poças no beco, mas Luce estava suando no vestido de baile negro que ela usava. Onde ela tinha colocado pela primeira vez este vestido esfarrapado? No baile do rei em Versalhes. Ela achou esse vestido em algum armário da princesa. E então ela manteve-o quando atuou em Henry VIII, em Londres. Ela cheirou seu ombro, ainda cheirava a fumaça do fogo que tinha queimado o Globe.

De cima dela veio um conjunto de estrondos altos, janelas sendo abertas. Duas mulheres enfiavam a cabeça para fora das janelas do segundo andar. Assustada, Luce apertou-se contra as sombras de uma parede para ouvir como as mulheres conversavam enquanto penduravam roupas em um varal compartilhado.

–Você vai deixar que Laura assista as festividades?– Disse uma, uma senhora em um capuz cinza simples, ela prendeu um enorme par de calças úmidas no varal.

– Não vejo mal algum em assistir–, disse a outra, uma mulher mais jovem. Ela sacudiu uma camisa de linho seco e dobrou-a com rapidez e eficiência. –Enquanto ela não participar dessas exposições obscenas. Urna do Cupido! Hah! Laura tem apenas doze anos, ela não pode buscar ter um coração partido.–

–Ah, Sally – a outra mulher suspirou dando um sorriso – você é muito rigorosa. O dia dos namorados é um dia para todos os corações jovens e velhos. E talvez você e o seu marido possam ser levados de volta em seus romances, hein?– Um vendedor solitário, um homem baixo vestindo uma túnica azul e meias azuis, virou o bico, empurrando um carrinho de madeira. As mulheres o olharam com desconfiança e baixaram suas vozes.

– Peras – ele cantou aos batentes abertos, a partir do qual as cabeças e as mãos das mulheres tinham desaparecido. – Fruto do amor! Uma pera para o seu namorado vai fazer do próximo ano um ano doce.

Luce se arrastou ao longo da parede em direção a saída do bico. Onde estava Bill? Ela não tinha percebido o quanto tinha começado a confiar na pequena gárgula. Ela precisava de roupas diferentes. Uma ideia de onde e quando ela estava. E o que ela estava fazendo aqui.

Uma cidade medieval. Um festival do Dia dos Namorados. Quem sabia que era uma tradição tão velha?

– Bill – ela sussurrou. Mas ainda não havia resposta. Ela alcançou à esquina.

A visão de um castelo a fez parar. Era enorme e majestoso. Torres de marfim subiam ao céu azul. Bandeiras douradas, cada uma estampada com um leão, ondulavam suavemente a partir de postes elevados. Ela meio que esperava ouvir um toque de trombeta. Era como tropeçar acidentalmente em cima de um conto de fadas.

Instintivamente, Luce desejou que Daniel estivesse lá. Esse era o tipo de beleza que não parecia real até que você compartilhasse com alguém que você ama.

Mas não havia sinal de Daniel. Só de uma garota.

Uma garota que Luce reconheceu instantaneamente.

Era um dos eus do seu passado.

Luce viu como a menina atravessou a ponte de calçada apedrejada que levou às portas altas do castelo. Ela passou por eles, para a entrada de um jardim de rosas fantástico, onde os arbustos foram esculpidos na altura da parede, como cercas vivas. Seu cabelo estava solto e confuso, se perdendo no meio da parte de trás do seu vestido de linho branco. A velha Luce (Lucinda) olhava ansiosamente à porta do jardim.

Então Lucinda ficou na ponta dos pés, estendeu a mão pálida sobre o portão e pegou uma flor com um caule de um vermelho diferente e o pôs em seu nariz.

Era possível sentir o cheiro uma rosa tristemente? Luce não podia dizer, tudo o que ela sabia era que algo sobre essa garota era triste. Mas por quê? Será que tem algo a ver com o Daniel?

Luce estava prestes a sair do beco sombrio quando ouviu uma voz e viu a aproximação de uma figura de seu próprio passado.

– Aí esta você!

Lucinda largou a rosa, que caiu no jardim, perdendo sua flor sobre os espinhos cruzados. O vermelho em forma de lágrima das pétalas derramadas sobre os ombros, enquanto ela virou-se para a voz.

Luce assistiu a mudança de postura de Lucinda, um sorriso que se estende em seu rosto com a visão de Daniel. E a própria Luce sentiu que tinha um sorriso no seu próprio rosto. Seus corpos podem ser diferentes, as suas vidas diárias podem ser nada parecidas, mas quando se tratava de Daniel, sua alma compartilhada se alinhava com a sua.

Ele usava uma armadura completa, embora estivesse sem seu capacete e seu cabelo dourado era liso com suor e sujeira. Ele havia claramente vindo da estrada, a égua branca salpicada ao lado dele, parecia cansada. Luce teve que lutar contra todo desejo em seu corpo para não correr para os seus braços. Ele era de tirar o fôlego, um cavaleiro de armadura brilhante para ofuscar qualquer cavaleiro de conto de fadas. Mas esse Daniel não era seu Daniel. Este Daniel pertencia a outra menina.

– Você voltou! – Lucinda começou a correr, suas tranças balançando com o vento.

Os braços de seu eu passado se enrolam no corpo de Daniel.

Mas a imagem do seu valente cavaleiro vacilou no vento.

E então ele se foi. Nojo penetrou no estômago de Luce, enquanto ela observava o cavalo, Daniel e a armadura desapareceu no ar e Lucinda, que não conseguiu se conter a tempo, bateu a cabeça em uma gárgula de pedra.

– Equívoco! – Bill gargalhou, girando no ar.

Lucinda gritou, tropeçou em seu vestido, e caiu na lama, sujando suas mãos e joelhos. A estranha risada de Bill ecoou na fachada do castelo. Ele deu mais uma voltinha no ar e então seus olhos caíram sobre Luce que o encarava do outro lado da rua.

– Ah, aí está você! – disse ele voando em sua direção.

– Eu te disse para nunca mais fazer isso!

– Minhas acrobacias? – Bill pousa em seu ombro – Mas se eu não praticar não vou ganhar nenhuma medalha – ele disse com um sotaque russo.

Ela o empurrou de seu ombro, – Eu quis dizer se transformar em Daniel.

– Eu não fiz isso por você, fiz isso por ela, talvez a sua eu do passado ache engraçado.

– Ela não acha.

– Isso não é minha culpa, além disso, não sou um leitor de mentes, você espera que eu perceba que está falando em nome de todas Lucindas de sempre, toda vez que você falar. E você não disse nada sobre não brincar com suas eus passadas. É tudo brincadeira. Para mim, de qualquer maneira.

– É cruel.

– Se você insiste em não querer minha ajuda, tudo bem, ela é toda sua. Eu suponho que não precisa de mim indicando que o que você faz com eles não é exatamente humano!

– Você é o único que me ensinou a chegar aqui.

– Meu ponto é esse – disse ele com uma gargalhada sinistra que enviou arrepios através dos braços de Luce. Os olhos de Bill caíram sobre uma gár-

gula no muro do castelo. Ele jogou os braços em volta dela como se tivesse encontrado um verdadeiro companheiro.

– Mortais! Não posso viver com eles, não pode destiná-los para as profundezas do inferno de fogo. Estou certo ou não? – Ele olhou para Luce. – Não é muito falador.

Luce não podia mais suportar isso. Ela correu à frente, correndo para ajudar Lucinda do chão. O vestido de seu eu passado foi rasgado na altura dos joelhos e seu rosto estava pálido.

– Você esta bem?– Ela esperava que a garota estivesse agradecida, mas ao invés disso ela se encolheu.

– Quem... o que é você?– Lucinda pergunta a Luce, – E que tipo de demônio é aquela coisa?– Ela apontou seu dedo para Bill.

Luce suspirou, – Ele é apenas... não se preocupe com ele.

Bill provavelmente parecia um diabo para esta encarnação medieval. Luce provavelmente não parecia muito melhor, uma garota correndo até ela vestida com um vestido de baile futurista que cheirava a fumo?

– Sinto muito – Luce disse, olhando por cima do ombro da menina para o Bill, que parecia se divertir.

– Pensando em virar 3-D?

Luce apertou os nós dos dedos. Certo, ela sabia que tinha que se unir a este corpo passado, se ela queria avançar em sua missão, mas havia algo diferente no rosto de seu eu que a fez hesitar, um pouco de perplexidade e uma pitada de traição, – Isso, uh, isso só vai demorar um pouco.

Os olhos de seu eu passado se arregalaram, mas como ela estava prestes a se afastar, Luce agarrou sua mão e apertou.

As pedras sólidas sob seus pés e o mundo mudaram, Luce rodou como um caleidoscópio. Seu estômago embrulhou-se e ela ficou com a náusea causada pela clivagem. Ela piscou e nesse inquietante instante, viu as duas meninas. Houve uma medieval Lucinda, inocente, cativa e aterrorizada, e ali, ao seu lado, a Luce culpada, exausta e obcecada.

Não havia mais como se arrepender. E no final um único corpo e uma alma em conflito.

E o sorriso de Bill.

Luce apertou seu coração através do vestido de linho grosseiro que Lucinda estava usando. Doeu. Todo o seu corpo havia se tornado uma dor de cabeça.

Ela estava canalizando Lucinda agora, sentindo o que Lucinda estava sentindo antes que Luce tivesse habitado o seu corpo. Foi como se tornasse uma segunda natureza para ela, da Rússia para o Taiti para o Tibete, mas não importa quantas vezes fizesse isso, Luce não achou que podia se acostumar de repente, a sentir tão profundamente a paisagem de suas emoções passadas. Agora esse era o tipo de dor-prima que Luce não tinha experimentado desde seus primeiros dias na Sword & Cross, quando ela amou tanto Daniel que pensou que poderia dividi-la em dois.

– Você está parecendo um pouco verde em torno das brânquias. – Bill flutuava diante de seu rosto, parecendo mais satisfeito do que interessado,

– É a minha eu passado, ela...

– Entrou em pânico? Dor no coração com amor por um inútil de um cavaleiro? Sim, o Daniel desta época a fez se apaixonar tanto como um caçaníquel apaixona os idosos no cassino. – Ele cruzou os braços pensativos sobre o peito e fez algo que Luce nunca tinha visto antes: Ele piscou os

olhos violeta. – Talvez eu esteja na Feira dos Namorados – disse ele em um sotaque, com tom afetado, uma representação grosseiramente simplificada de Daniel. – Ou talvez eu tenha coisas melhores para fazer, como cortar perdedores com a minha espada colossal.

– Não faça isso Bill.– Luce balançou a cabeça, irritada. –Além disso, se Daniel não se mostrar nessa coisa dos Namorados, ele tem uma boa razão, estou certa disso.

– É, você sempre está. – a irritação voltou à voz de Bill.

– Ele esta tentando me proteger – ela argumentou, mas sua voz saiu fraca,

– Ou tentando se proteger...

Luce rolou seus olhos, – Ok Bill, o que devo aprender nesta vida? Que você acha Daniel um idiota? Entendi, podemos continuar?

– Não exatamente. – Bill voou para o chão e sentou ao lado dela. – Na verdade, estamos tendo um feriado de sua educação nesta vida – disse ele. – Com base na sua olheira e as bolsas sob os olhos, – ele esticou e exibiu uma dobra de pele flácida, que fez um som parecido com um saco de bolas de gude abalado – eu diria que nós dois precisamos de um dia de folga. Então esse é o acordo: é dia dos namorados, numa versão medieval. Daniel é um cavaleiro que tem partes nas festas, pode enfeitar a igreja sancionada pela interminável festa nobre no castelo de seu senhor. – Bill sacudiu a cabeça em direção as torres altas brancas por trás deles. – Claro, haverá um veado assado. Bom, talvez até mesmo uma pitada de sal, mas você tem que ficar com o cle-ro, e que ideia de festa é essa?

Luce olhou de volta para o castelo de conto de fadas. Foi aí que Daniel viveu? Ele esta dentro daquelas paredes agora?

– Ou, – Bill continuou – ele pode ir a verdadeira festa na noite, para esse tipo menos respeitável de gente, onde a cerveja flui como o vinho e o vinho flui como cerveja. Haverá dança, sala de jantar e mais importantes meretrizes.

– Meretrizes?

Bill moveu uma pequena mãozinha no ar – Nada que você deva se preocupar querida, Daniel só tem olhos para você desde o início da criação, eu quis dizer você.

– Moça – Luce disse olhando para baixo.

– Há uma certa moça perdida – Bill deu uma cotovelada em Luce – que estará lá na Feira, olhando a multidão através de sua máscara pintada por um bonitão.– Ele deu um tapinha no rosto. – Isso não soa como um grande momento, irmãzinha?

– Não estou aqui para me divertir Bill.

– Tente por uma só noite, quem sabe você goste, a maioria das pessoas gostam.

– Mas o que vai acontecer quando ele me encontrar? O que eu devo aprender antes de me queimar, antes de...

– Calma aí!– Bill chorou. – Devagar, cabeça quente. Eu disse que hoje a noite é apenas diversão. Um pouco de romance. Uma noite fora–, ele piscou, –para nós dois.

– E a maldição? Como posso largar tudo e apenas me divertir?

Bill não respondeu imediatamente, ao invés disso ele pensou um pouco e disse: – E se eu te disser que hoje a noite é o único dia dos namorados que vocês vão passar juntos?–

– O único? Nos nunca vamos celebrar um dia dos namorados?

– Depois de hoje não.

Luce se lembrou de seus dias na Dover, como ela e Callie iriam assistir a algumas das outras meninas comerem corações de chocolate e ganharem rosas no Dia dos Namorados. Fizeram uma tradição de se lamentar muito, muito mesmo, por elas serem solteiras, sobre os shakes de morango no restaurante local. Elas passaram horas falando sobre a chance de nunca ter um encontro no Dia dos Namorados. E Luce nunca foi muito longe: ela nunca teve um encontro com Daniel no Dia dos Namorados.

E agora Bill dizia a ela que esse era seu único Dia dos Namorados com ele.

A missão de Luce através dos anunciadores, todos os seus esforços para quebrar a maldição e ver o que está por trás de todas as suas reencarnações, encontrando um fim a este interminável ciclo. Sim, aquilo era importante. É claro que era. Mas seria o fim do mundo se ela ficasse desta vez com Daniel?

Ela inclinou a cabeça para Bill. – Por que você está fazendo isso por mim? – perguntou ela.

Bill deu de ombros. – Eu tenho um coração, e um fraco por...

– O quê, Dia dos Namorados? Porque eu não acredito nisso?

– Eu amei uma vez e a perdi. – E pelo o mais breve dos momentos, parecia que a gárgula estava melancólica e triste. Ele olhou direito para ela e fungou.

Luce deu uma risada – Ok, – ela disse – eu ficarei apenas hoje a noite.

- Bom - Bill apareceu e apontou uma garra curvada para baixo do beco.
- Agora vá, fique feliz. - ele apertou os olhos. - Na verdade, mude o seu vestido. Então, fique feliz. .

DOIS



AS CHANCES DE UMA ALMA

Horas mais tarde, Luce se inclinou com os cotovelos no peitoril da pequena janela de pedra.

A vila parecia diferente dessa parte da história, havia edifícios de pedra interligados por um labirinto, parecia com algo como um complexo de apartamentos medieval.

Mais tarde, as janelas, incluindo a que Luce se debruçava, estavam cobertas com fundo verde-vinha de ramos de hera densos ou de azevinho que tinha sido tecido em grinaldas. Eram sinais de que a Feira iria ter lugar fora da cidade naquela noite.

Dia dos namorados, Luce pensou, ela podia sentir Lucinda temendo-o.

Depois de Bill desaparecer fora do castelo para sua misteriosa “noite de folga” as coisas tinham acontecido muito rápido, ela havia vagado sozinha pela cidade, até que uma garota alguns anos mais velha que ela apareceu do nada para levá-la acima de um lance de escadas úmidas para essa casa de dois cômodos pequenos.

– Saia da janela, irmã. – uma voz alta chamou do outro lado da sala. – Você está parecendo um desenho de dia dos namorados.

A garota era Hellen, Irmã mais velha de Lucinda, a casa de confinantes dois cômodos foi onde ela e sua família viveram. As paredes cinzentas do quarto estavam vazias, e a única mobília consistia de um banco de madeira,

uma mesa de cavalete e a pilha de paletes de dormir da família. O chão estava coberto de palha áspera e polvilhado com lavanda, uma tentativa pobre de limpar o ar do mau cheiro das velas de sebo que tiveram que usar para a luz.

– Espere um pouco. – Luce respondeu, a janela era o único lugar que ela não se sentia claustrofóbica.

No beco à direita estava o mercado que tinha vislumbrado antes, e ela se inclinou para fora o suficiente para ver uma lasca de pedra do castelo branco.

Assombrava Lucinda, que a menor provocação de uma visão de Luce dentro de sua alma, porque eles compartilharam na noite do dia que Lucinda conheceu Daniel no jardim de rosas, ela chegara em casa e coincidentemente se viu olhando pensativamente para fora da janela mais alta torre. Desde então, ela assistiu a ele todas as chances que tinha, mas ele nunca apareceu novamente.

Uma outra voz sussurrou – Porque ela fica encarando aí por tanto tempo? O que poderia ser tão interessante?

– Só Deus sabe, – Helen respondeu – minha irmã é uma sonhadora.

Luce se virou devagar. Seu corpo nunca tinha se sentido tão estranho, a parte que pertencia a Lucinda medieval estava murcha e lerda, achatada pelo amor que tinha certeza que havia perdido. A parte que pertencia a Luce estava na esperança de que ainda podia haver uma chance.

Foi uma luta para realizar as mais simples das tarefas, como conversar com as três meninas que estão à sua frente, com expressões alarmadas, torcendo seus rostos bonitos.

A mais alta, no meio, era Helen, única irmã de Lucinda e mais velha de cinco filhos em sua família. Ela era recém-esposa, e como que para provar

isso, o cabelo loiro grosso foi dividido em duas tranças e preso em um coque matronal.

Ao lado de Helen estava Laura, sua jovem vizinha, que Luce percebeu era a mesma menina que ela tinha ouvido as duas mulheres fofocando. Embora Laura tivesse apenas doze anos, ela era sedutora bonita e loira, com grandes olhos azuis e um riso alto e atrevido que podia ser ouvido em toda a cidade.

Luce reprimiu uma risada, tentando conciliar o protecionismo da mãe de Laura com o que Lucinda sabia da própria menina – andando com os caras do bosque do lorde. Que Luce havia colhido das memórias de Lucinda, Laura lembrava Ariane. Laura, como o anjo, era fácil de amar.

Em seguida, havia Eleanor, a mais antiga amiga de Lucinda, e também a mais próxima. Elas cresceram usando roupas uma da outra, como irmãs.

Elas brigavam como irmãs também. Eleanor tinha uma língua afiada, muitas vezes cortando os devaneios sonhadores de Lucinda em dois com uma observação. Mas ela tinha a habilidade para trazer Lucinda de volta à realidade e amava profundamente Lucinda. Não era, Luce notou, tão diferente de sua relação atual com Shelby.

– Então? – Eleanor perguntou.

– Então o que? – Lucinda disse, – Não me encarem todas de uma vez.

– Nós apenas lhe perguntamos três vezes que máscara você vai usar hoje à noite. – Eleanor acenou três máscaras coloridas no rosto de Lucinda. – Ora, acabe com o suspense!

Elas eram máscaras de couro de tecido simples, feito para cobrir apenas os olhos e o nariz e amarrava na parte traseira da cabeça com uma fita de se-

da fina. Todas as três eram feitas no mesmo tecido grosseiro, mas cada uma tinha sido pintada com um desenho diferente: uma vermelha com pequenas pinceladas de preto, uma verde com delicadas flores brancas e uma marfim com rosas pálidas perto dos olhos.

– Ela olha como se não tivesse visto essas mesmas máscaras, cada um de seus últimos cinco anos de mascarada!– Eleanor murmura para Helen.

– Ela tem o talento de ver coisas velhas como novas – Helen disse.

Luce tremeu, embora a sala estivesse mais quente do que tinha sido na maioria dos meses de inverno. Em troca dos ovos que os cidadãos tinham oferecido como presente para o lorde, ele tinha reembolsado cada família com um pequeno feixe de lenha de cedro. Assim, o coração da casa estava iluminado e alegre, dando um efeito saudável às bochechas das meninas.

Daniel tinha sido o cavaleiro encarregado de recolher os ovos e distribuir a lenha. Ele passou através da porta, com efeito, depois cambaleou para trás quando viu Lucinda dentro. Foi a última vez que a Lucinda medieval tinha o visto, e depois de meses de momentos roubados juntos na floresta, o eu do passado de Luce tinha certeza de que nunca iria ver Daniel novamente.

Mas por quê? Luce se perguntava agora.

Lucinda sentiu vergonha pelas pobres acomodações de sua família, mas não parecia certo. Daniel não se importaria que Lucinda fosse a filha de um camponês. Ele sabia que ela sempre foi e sempre seria muito mais do que isso. Tinha que haver outra coisa. Algo estava deixando Lucinda muito triste, via-se claramente. Mas Luce poderia ajudá-la a encontrar Daniel, reconquistá-lo, pelo menos enquanto ela ainda tinha tempo para viver.

– Eu gosto da de marfim Lucinda – Laura falou, tentando ser útil.

Mas Luce não podia se preocupar com as máscaras. – Oh, qualquer uma delas vai ficar bem. Talvez a de marfim para combinar com o meu vestido. – Ela puxou devidamente no tecido drapeado do vestido de lã desgastada.

As meninas explodiram de tanto rir.

– Você não vai usar aquele vestido de mercado comum? – Laura suspirou. – Mas todas nós estaremos usando nosso melhor! – Ela caiu dramaticamente em um banco de madeira perto da lareira. – Oh, eu nunca iria querer me apaixonar usando meu vestido de terça-feira triste! –

A memória foi empurrada a frente da mente de Luce: Lucinda tinha se disfarçado como uma senhora em seu vestido de festa e se escondeu no jardim de rosas do castelo. Foi onde ela conheceu Daniel nesta vida. Foi por isso que seu romance se sentia como uma traição desde o início. Daniel tinha pensado de Lucinda outra coisa que a filha de um camponês.

Foi por isso que o pensamento de vestir aquele vestido vermelho de novo e fingir que se alegrava em um festival era uma perspectiva incrível para Lucinda.

Mas Luce conhecia Daniel melhor que Lucinda. Se ele tivesse de passar o dia dos namorados com ela, ele passaria.

Claro, ela não poderia explicar nada de sua agitação interna para as meninas. Tudo o que podia fazer era virar as costas e sutilmente limpar suas lágrimas com as costas de seu pulso.

– Ela parece como se o amor já a tivesse encontrado e tratou de ser áspero, – Helen murmurou baixinho.

– Eu digo, se o amor é áspero com você, seja áspero com o amor! – Eleanor disse em sua forma mandona. – Abaixo a tristeza!

– Ah Eleanor você não entenderia – Luce se ouviu dizendo.

– E você entende?– Eleanor ri, – você, a garota que nem poria seu nome na urna do cupido?

– Ah Lucinda– Laura colocou suas mãos envolta da boca – porque não? Eu faria de tudo para que minha mãe me deixasse por o meu nome na urna do cupido.

– Que é o porquê de eu ter que por seu nome na urna.– Eleanor reclamou, agarrando o final do vestido de Luce e puxando-a ao redor da sala em um círculo.

Depois de uma perseguição que derrubou o banco e a vela de sebo na borda de batente, Luce agarrou a mão de Eleanor.

– Você não fez!

– Ah um pouco de diversão lhe fará bem! Eu quero dançar hoje a noite elevada e animada com o resto dos mascarados. Venha agora ajudar-me a escolher uma máscara. Qual a cor faz meu nariz parecer menor, rosa ou verde? Talvez eu engane um homem para me amar!

As bochechas de Luce estavam queimando. Urna do Cupido! Como é que isso tinha haver com o Dia dos Namorados com Daniel?

Antes que ela pudesse falar, saiu o vestido de festa de Lucinda, um longo vestido de lã vermelho adornado com um colar estreito feito de pele de lontra. Ele foi cortado mais baixo no peito de Luce, ela nunca usaria isso em sua casa na Geórgia, se Bill viesse aqui para vê-la, ele provavelmente grunhiria um – oba oba – em seu ouvido.

Luce estava sentada enquanto Helen trançava o seu cabelo. Ela estava pensando em Daniel, o jeito como seus olhos brilharam quando a viu naquele jardim.

Uma batida na porta surpreendeu a todas, o rosto de uma mulher apareceu. Luce reconheceu imediatamente como a mãe de Lucinda. Sem pensar, ela correu para o calor seguro dos braços de sua mãe.

Eles se fecharam ao redor de seus ombros, apertados e carinhosos. Foi a primeira das vidas que Luce havia visitado que ela sentiu uma forte ligação com sua mãe. Isso a fez se sentir feliz e com saudades de uma só vez.

Em sua casa em Thunderbolt, Georgia, Luce tentou agir com maturidade e autossuficiência como sempre que podia. Lucinda fazia apenas o mesmo, Luce notou. Mas em momentos como este, quando desgosto fez o mundo todo triste, nada daria mais conforto que o abraço de uma mãe.

– Minhas filhas tão bem e crescidas, vocês me fazem sentir mais velha do que sou! – A mãe riu enquanto corria os dedos pelos cabelos de Luce. Ela tinha olhos castanhos e uma espécie de testa suave, expressiva.

– Oh, Mãe – Luce disse com o rosto contra o ombro de sua mãe. Ela estava pensando em Daniel e tentando não chorar.

– Mãe nos conte de novo como conheceu papai na feira do dia dos namorados! – Helen disse

– Não essa velha história de novo – a mãe reclamou, mas as garotas conseguiam ver a história se formando em seus olhos.

– Sim! Sim! – As garotas entoaram.

– Ora, eu era mais jovem que Lucinda, quando minha mãe fez – sua voz graciosa começou. – Minha mãe mandou-me vestir a máscara que

ela usara anos antes. Ela me deu este conselho no meu caminho para fora da porta: “Sorria, homens gostam de mulheres felizes. Procure noites felizes para dias felizes...”

Enquanto sua mãe contava sua história de amor, Luce imaginou Daniel olhando pelas janelas do castelo, procurando por ela?

Depois de a história terminar, sua mãe pegou algo do seu bolso e deu a Luce com uma piscadela maliciosa.

– Para você – ela sussurrou.

Era um pacote pequeno de pano amarrado com barbante. Luce foi até a janela e cuidadosamente o desembulhou. Seus dedos tremiam quando ela soltou a corda.

Dentro havia um guardanapo em forma de coração rendado no tamanho de um pinho. Alguém havia escrito estas palavras, com o que parecia a Luce, uma caneta Bic azul:

Rosas são vermelhas,

Violetas são azuis,

Açúcar é doce,

E você também.

Eu irei lhe procurar esta noite

Com amor,

Daniel

Luce quase engasgou com o riso. Isso era algo que ela sabia que Daniel nunca iria escrever. É evidente que alguém mais estava por trás disso. Bill?

Mas para a parte de Luce, que era Lucinda, as palavras eram um caos de rabiscos. Ela não sabia ler, Luce notou. E ainda, uma vez que o significado do poema foi processado por Luce, ela podia sentir uma compreensão quebrar em Lucinda. Seu eu passado achou esta poesia, a mais cativante já conheceu.

Ela iria para o festival e encontraria Daniel. Ela mostraria a Lucinda o quão poderoso seu amor podia ser. Hoje a noite haveria dança. Hoje a noite haveria magia no ar. E mesmo que fosse a única vez que acontecesse na longa história de Daniel e Lucinda, hoje à noite haveria a especial alegria de passar o Dia dos Namorados com o quem ela amava.

TRÊS



PRAZER NA DESORDEM

─ Eleanor! – Luce gritou sobre uma multidão densa de bailarinos, como sua amiga passada tinha de espírito jovem. Mas Eleanor não ouvira.

Era difícil dizer se a voz de Luce foi abafada pelas vaías de uma multidão encantada com um show de marionetes em um dos stands móveis criados na borda ocidental da área de dança, a multidão faminta e barulhenta na mesa de comida. Ou talvez fosse apenas o mar de dançarinos no meio da pista, que delimitada, girava e girava com abandono imprudente e romântico.

Parecia que os dançarinos da Feira dos Namorados não estavam apenas dançando, mas também gritando, rindo, cantando versos da música trovadoresca e gritando para os amigos em toda a área de dança. Eles estavam fazendo tudo de uma vez. E tudo na parte superior dos seus pulmões.

Eleanor estava fora do alcance da voz, girando como ela erradicado passos de dança por todo o caminho, através dos anéis verdes do carvalho. Luce não tinha outra escolha senão voltar para seu parceiro desajeitado.

Ele era um homem mais velho, com as bochechas pálidas e mal ajustadas, cujos lábios tocavam os ombros o que o fez parecer que queria se esconder atrás de sua muito pequena máscara com um rosto de lince.

E ainda assim, Lucinda não se importou. Ela não se lembrava de já ter tido uma dança tão divertida. Eles estavam dançando desde que o sol beijou o horizonte, agora as estrelas brilhavam como armadura no céu. Havia sem-

pre tantas estrelas no céu do passado. A noite estava muito fria, mas o rosto de Luce foi lavado e sua testa estava molhada de suor. Enquanto a música se aproximava de seu final, ela agradeceu seu parceiro e se esgueirou entre uma linha de dançarinos, ansiosa para ir embora.

Porque apesar das alegrias de dançar sob as estrelas, Luce não tinha esquecido a verdadeira razão de ela estar aqui. Ela olhou para fora através do verde, mesmo que Daniel estivesse em algum lugar lá fora, ela poderia nunca encontrá-lo.

Quatro trovadores reunidos sobre um estrado vacilante, no extremo norte do verde, que arranca em alaúdes e liras a tocar uma música tão doce quanto uma balada dos Beatles. Em um baile do colégio, essas músicas lentas foram as que fizeram meninas solteiras, incluindo Luce, um pouco ansiosas, mas aqui, os movimentos foram construídos nas canções e ninguém nunca errava um passo. Você só precisava pegar o mais próximo corpo quente, para melhor ou para pior, e você dançava. A rapaziada pular para um passo, uma dança circular em grupos de oito para outro. Luce sentiu Lucinda conhecer alguns dos movimentos inatos, o resto deles era fácil de pegar.

Se Daniel estivesse aqui...

Luce retirou-se para a borda do verde, para fazer uma pausa. Ela estudou vestidos das mulheres. Pelos padrões modernos, eles não eram fantasia, mas as mulheres usavam com orgulho, de tal forma que os vestidos pareciam tão elegantes quanto qualquer um dos vestidos finos que ela tinha visto em Versalhes. Muitos eram feitos de lã; alguns tiveram de linho ou algodão costurados em um colar ou uma bainha. A maioria das pessoas na cidade só possuía um par de sapatos, botas de couro tão desgastadas que

abundavam, mas Luce rapidamente percebeu o quanto mais fácil era, para dançar nelas do que em sapatos de salto alto que apertavam seus pés.

Os homens conseguiram parecer elegantes em suas melhores calças. A maioria usava uma túnica de lã longa em cima para esquentar. Capuzes foram jogados para trás sobre seus ombros, o tempo que fazia a noite era acima de zero, estava quase suave. A maioria das máscaras de couro foram pintadas para imitar os rostos dos animais da floresta, complementando os desenhos florais de máscaras das senhoras. Alguns homens usavam luvas, que pareciam caras. Mas na maioria das mãos que tocaram Luce naquela noite, eram frias e rachadas e vermelhas.

Gatos olhavam de estradas de terra ao redor do verde. Cães procuravam por seus proprietários, entre a confusão de corpos. O ar cheirava a pinheiros e velas, suor e cera de abelha e do almíscar doce de gengibre fresco cozido.

Como a próxima música acalmou, Luce avistou Eleanor, que parecia feliz em ser arrancada do braço de um menino cujo a máscara vermelha foi pintada como o rosto de uma raposa.

– Cadê a Laura?

Eleanor apontou para um grupo de árvores, onde sua jovem amiga inclinou-se perto de um menino que não reconheceu, sussurrando alguma coisa. Ele estava mostrando a ela um livro, gesticulando no ar. Parecia que ele tomou um grande cuidado com o seu cabelo. Ele usava uma máscara feita para se assemelhar a cara de um coelho.

As meninas compartilhavam uma risadinha como elas faziam o seu caminho através da multidão. Havia Helen, sentada com seu marido em um cobertor de lã estendido sobre a grama. Eles estavam dividindo uma xícara

ra fumegante de madeira de cidra e rindo facilmente sobre algo, o que fez Luce sentisse falta de Daniel mais uma vez.

Havia amantes em todo lugar. Mesmo os pais de Lucinda tinham comparecido para a Feira. A barba rija de seu pai raspava a bochecha de sua mãe, enquanto eles encaravam o verde.

Luce suspirou, depois pegou o guardanapo no bolso.

As rosas são vermelhas, violetas são azuis, se Daniel não escreveu estas palavras, então quem havia escrito?

A última vez que ela recebeu uma nota supostamente de Daniel tinha sido uma armadilha preparada pelos Párias.

E Cam tinha salvado ela.

O calor subiu na parte de trás do pescoço. Seria uma armadilha? Bill tinha dito que era apenas uma festa de dia dos namorados. Ele colocara tanta energia em ajudá-la em sua missão, ele não a teria deixado sozinha assim, se houvesse qualquer perigo real. Certo? Luce mandou o pensamento para longe. Bill disse que Daniel estaria aqui, e Luce acreditou nele. Mas a espera foi de matar. Ela seguiu com Eleanor em direção a uma longa mesa, onde havia pratos e taças de cristal. Havia: pato servido sobre fatias de repolho, lebres inteiras que haviam sido assadas em espetos, caldeirões de couve-flor com molho de laranja, maçãs empilhadas em travessas, peras e groselhas secas colhidas das florestas circundantes, e uma longa mesa de madeira toda cheia de deformadas e meio queimadas tortas de carne e frutas.

Ela viu um homem soltar uma faca plana a partir de uma tira amarrada na cintura e cortou uma fatia de torta pesada. Em seu caminho para a feira, a mãe de Luce havia entregado uma colher rasa de madeira, que ela ti-

nha enfiado numa gravata de lã em volta da cintura. Essas pessoas foram preparadas para comer e lutar, o caminho de Luce foi preparado para amar.

Eleanor reapareceu ao lado de Luce e enfiou uma tigela de mingau sob seu nariz.

– Groselha em cima – disse Eleanor. – O seu favorito.

Quando Luce mergulhou a colher na mistura espessa, um aroma saboroso flutuou para cima e fez água na boca. Estava quente e saudável e delicioso, exatamente o que ela precisava para reanimá-la para outra dança. Antes que ela percebesse, tinha comido tudo.

Eleanor olhou para o prato vazio, surpresa.

– Dançar aumenta seu apetite, não é?

Luce balançou a cabeça, a sensação de calor e satisfação. Então, ela percebeu dois robes marrons de clérigos sentados para além da multidão, em um banco de madeira debaixo de um olmo. Nem estavam participando da festa na verdade, eles mais pareciam acompanhantes de foliões, mas o jovem se moveu seus pés no ritmo, enquanto o outro, que tinha uma aparência enrugada no rosto, olhou sombriamente para as multidões.

– O Senhor vê e ouve essa libertinagem obscena cometida tão perto de sua casa – o homem de rosto enrugado zombou.

– E mais do que isso, mesmo. – O outro clérigo riu. – Você se lembra, do Mestre Docket, o quanto de ouro da igreja foi para banquete de Sua Senhoria dos Namorados? Eram vinte peças de ouro para o veado? Essas festividades custam nada mais do que a energia para dançar. E eles dançam como anjos.

Ah, se Luce pudesse ver seu anjo agora...

– Anjos que vão dormir nas horas de trabalho de amanhã, marque minhas palavras, Mestre Herrick.

– Você não pode ver a alegria desses rostos jovens? – Os olhos do jovem vigário varreram o verde, encontrando Luce na beira do gramado iluminado.

Ela se viu sorrindo de volta por trás da máscara, mas sua alegria naquela noite seria muito maior se ela estivesse ali nos braços de Daniel. Caso contrário, qual foi o ponto de tomar esta noite de folga?

Parecia que Luce e o vigário enrugado eram as únicas duas pessoas aqui não apreciando o baile de máscaras. E geralmente Luce amava uma boa festa, mas agora tudo o que queria fazer, era arrancar as máscaras fora dos rostos de cada garoto que passasse. E se ela já tivesse esbarrado com ele no meio da multidão? Como saberia se o Daniel desta época estaria mesmo olhando para ela?

Ela olhou tão descaradamente para um garoto alto e loiro, cuja máscara fazia com que parecesse uma águia, que ele saltou o passado da fabricante de brinquedos e o espetáculo de marionetes para estar diante dela.

– Devo me apresentar ou prefere apenas continuar me olhando? – Sua voz soou provocações nem familiares, nem desconhecidas.

Por um minuto Luce segurou sua respiração.

Imaginou o êxtase de suas mãos em sua cintura... do jeito que ele sempre a mergulhou para trás para dar um beijo... Queria tocar o lugar onde suas asas floresciam a partir de seus ombros, a cicatriz secreta que ninguém sabia sobre, além dela...

Quando ela chegou a levantar a sua máscara, o menino sorriu para ela com ousadia, mas seu sorriso desapareceu tão rapidamente, quanto Luce fez quando viu seu rosto.

Ele tinha boa aparência, mas havia apenas um problema: não era Daniel. E assim todos os aspectos deste menino de seu nariz quadrado, a sua mandíbula forte, aos seus olhos cinza, pouco em comparação com o menino que ela tinha em mente. Ela soltou um suspiro, muito triste.

O garoto não conseguia esconder seu constrangimento. Ele se atrapalhou com as palavras, em seguida, enfiou a máscara de volta em seu rosto, fazendo Luce se sentir terrível.

– Sinto muito – disse ela, rapidamente se afastando. – Eu te confundi com outra pessoa.

Felizmente, ela recuou para Laura, cujo rosto, ao contrário de Lucinda, estava alegre com a magia da noite.

– Oh, espero que eles tirem um nome da urna do Cupido em breve! – Laura sussurrou, saltando sobre os calcanhares e arrastando Luce misericordiosamente longe do garoto águia.

– Você pôs seu nome lá, afinal? – Luce perguntou, encontrando um sorriso.

Laura sacudiu a cabeça.

– Mamãe me bateria!

– Não vai demorar muito mais.

Eleanor apareceu ao seu lado. Ela parecia nervosa. Ela era confiante sobre tudo, exceto sobre meninos.

– Eles tiram no toque dos sinos da igreja próxima, para dar aos namorados novos a chance de dançar, talvez se beijar, se tiverem sorte.

Os próximos sinos da igreja. Para Luce, parecia que os sinos tinham tocado as oito há apenas alguns minutos, mas este determinado período de tempo deve ter voado mais rápido do que ela percebeu. Era já quase nove? Seu tempo para estar com Daniel estava se esgotando rápido e em pé ao redor obsessivamente procurando entre a galeria de máscaras não estava fazendo nenhum bem. Nenhuns olhos violeta brilhavam por trás de sua viseira.

Ela teve que agir. Algo lhe disse que teria melhor sorte na pista de dança.

–Vamos dançar de novo? – Ela perguntou as meninas, puxando-as de volta para a multidão.



Os foliões tinham carimbado a relva em lama. O arranjo musical tinha se tornado mais complicado, uma valsa rápida, e as danças haviam mudado também.

Luce seguiu os passos leves, rápidos, pegando os movimentos do braço mais complicados. Palma com palma com o senhor na frente de você, uma reverência simples, e depois salta várias vezes em um grande círculo em torno do seu parceiro para enfrentar o outro lado, em seguida, uma troca com a menina à sua esquerda. Em seguida, palma com palma, com o próximo homem jovem, e toda a coisa era repetida.

No meio da canção, Luce estava sem fôlego e rindo quando ela parou em frente a seu novo parceiro. seus pés de repente pareciam presos à lama.

Ele era alto e magro, usando uma máscara com manchas leopardo. O projeto era exótico para Lucinda, não havia leopardos na floresta ao seu redor da cidade. Foi certamente a máscara mais elegante que ela tinha visto na festa. O homem estendeu as suas mãos enluvadas, e quando Luce escorregou as dela cautelosamente para dentro, seu aperto era firme, quase possessivo. Por trás dos buracos em torno dos olhos do leopardo, veio um brilho suave, como íris verde-esmeralda, trancadas com as dela.

QUATRO



ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS DEBAIXO DAS ESTRELAS

– Boa noite, senhora. Como agilmente você esta a dançar. Como um anjo.

Os lábios de Luce se separaram para responder, mas sua voz ficou presa na garganta.

Porque Cam tinha que invadir essa festa?

– Boa noite, senhor – Luce respondeu com um ligeiro tremor na voz.

De todos dançando, seu rosto estava vermelho e suas tranças soltas haviam tombado, uma das mangas do vestido escorregou do ombro. Ela podia sentir o olhar de Cam em sua pele nua. Ela iria por sua manga, mas uma mão enluvada cruzou a dela para impedi-la.

– Essa doce desordem em seu vestido, – ele passou um dedo na sua clavícula e ela estremeceu – ela inspira a imaginação de um homem.

A música mudou as teclas, uma sinalização para os dançarinos mudarem de parceiros. Os dedos de Cam descolaram de sua pele, mas o coração de Luce ainda martelava enquanto dançavam longe um do outro.

Ela assistiu Cam a partir do canto do olho. Ele estava olhando para ela. Sabia de alguma forma que este não era o Cam do futuro. Este era o Cam que viveu e respirou o ar medieval.

Ele era facilmente o dançarino mais elegante no verde. Havia uma qualidade etérea para os seus passos que não passou despercebido pelas senhoras. A

partir da atenção que ele estava recebendo, Luce sabia que não era desta cidade. Ele chegou especialmente para ir a Feira dos Namorados. Mas por quê?

Em seguida, eles foram parados novamente. Ela ainda estava dançando? Seu corpo se sentia forte e rígido. Mesmo a música parecia gaguejar em uma interminável meio batida, o que fez Luce se preocupar que ela e Cam teriam que ficar enraizados a esses pontos, olhando nos olhos um do outro para sempre.

– Você está bem, senhor? – Luce não esperava dizer isso.

Mas havia algo estranho em sua expressão. Era uma escuridão que mesmo sua máscara não conseguia esconder. Este não era o escuro de más obras e não o aterrorizante ele tinha quando apareceu no cemitério do Sword & Cross. Não, a alma deste Cam foi prejudicada pela tristeza.

O que poderia o fazer parecer assim?

Seus olhos se estreitaram, como se sentisse seus pensamentos, e algo em seu rosto mudou.

– Eu nunca estive melhor. – Cam inclinou a cabeça. – É com você que eu estou preocupado, Lucinda.

– Eu? – Luce se esforçou para não mostrar como ele a afetou. Ela desejou um tipo diferente de máscara por completo, uma invisível, o que o impediria de nunca mais pensar que ele sabia como se sentia.

Ele ergueu a máscara na testa.

– Você está engajada em um esforço impossível. Você vai acabar de coração partido e sozinha. A menos que...

– A menos que o que?

Ele balançou a cabeça.

– Há tanta escuridão em você, Lucinda. – A máscara de leopardo baixou novamente. – Volte a dançar, volte...

Sua voz sumiu quando ele começou a dançar a distância. Pela primeira vez, Luce não estava completamente com ele.

– Espere!

Mas Cam havia desaparecido.

Ele estava caminhando em círculos lentos com um novo parceiro. Laura. Cam murmurou algo no ouvido da menina inocente e ela jogou a cabeça para trás e riu. Luce esbravejou. Ela queria que a idiota e simples Laura, ficasse longe das trevas de Cam. Ela queria pegar Cam e forçá-lo a explicar. Ela queria ter uma conversa sobre seus termos, mas no momento, estava entre os passos melodramáticos no meio de uma festa pública na Idade Média.

Lá estava ele novamente, vindo em sua direção em perfeito controle dos passos, como se influenciasse o ritmo da música. Luce não poderia ter se sentido mais fora de controle. Só quando ele estava prestes a chegar nela outra vez, um homem alto e loiro vestido inteiramente em preto habilmente empurrou-o de lado. Ele ficou diante dela e não tinha pretensão de dança.

– Oi.

Ela prendeu a respiração.

– Oi.

Alto, musculoso, misterioso além de qualquer possibilidade. Ela iria conhecê-lo em qualquer lugar. Ela estendeu a mão para ele, desesperada

para sentir alguma ligação, sentir o doce liberado com o toque da pele de seu verdadeiro amor.

Daniel.

Assim como a música estava quase a ponto de ditar que eles trocassem de parceiros, que diminuiu, quase como mágica e transformou-se em algo lento e bonito.

Chamas das velas posicionadas em toda a Feira piscaram contra o céu escuro, e todo mundo parecia prender a respiração. Luce olhou nos olhos de Daniel, e todos os movimentos e cores ao seu redor desapareceram.

Ela o tinha achado.

Seus braços vieram em sua direção, circulando sua cintura enquanto seu corpo se derretia repleta de emoção de seu toque. Então, ela se sentia profunda nos braços de Daniel e não havia nada tão maravilhoso em todo o mundo, que dançar com seu anjo. Seus pés beijaram o chão com a leveza de seus passos. Ela sentiu a flutuabilidade em seu próprio coração, também, que ela sentia apenas quando Daniel estava próximo.

Não havia nada tão maravilhoso (exceto talvez pelo beijo).

Seus lábios se separaram na expectativa, mas Daniel só olhou para ela, bebendo-a com os olhos.

– Achei que você nunca viria – ela disse.

Luce lembrou que fugiu nos anunciadores em seu quintal, certa de perseguir suas vidas passadas e observá-las queimar, sobre as lutas que ela e Daniel tinham tido mais de mantê-la segura e viva. Às vezes era fácil esquecer o quão bom eles eram juntos. Como ele era lindo, como a forma de estar com ele à fez sentir como se estivesse voando.

Basta olhar para ele para que os minúsculos pelos nos braços arrepiassem, fez seu estômago dar voltas com energia nervosa. E isso foi nada comparado ao que o beijo dele fez com ela.

Ele ergueu a máscara e segurou-a com tanta força contra ele, ela não conseguia se mover. Ela não queria. Ela debruçou-se sobre todas as características encantadoras de seu rosto, seus olhos demorando mais tempo na curva suave de seus lábios. Ela simplesmente não podia acreditar. Era ele mesmo!

– Eu sempre voltarei para você! – Seus olhos a fizeram entrar em transe,
– Nada pode me parar.

Luce subiu na ponta dos pés, desesperada para beijá-lo, mas Daniel pressionou um dedo nos seus lábios e sorriu. – Venha comigo – ele sussurrou, tomando-lhe a mão.

Daniel levou-a à borda do verde, passando pelo anel de carvalhos que circundavam os foliões. A grama alta fez cócegas em seus tornozelos e a lua iluminou o seu caminho, até que entrou na escuridão fria da floresta. Lá Daniel pegou uma pequena lanterna brilhante, como se isso tudo fosse parte de seu plano.

– Para onde estamos indo? – Perguntou ela, embora realmente não importasse, contanto que eles estivessem juntos.

Daniel apenas balançou a cabeça e sorriu, estendendo a mão para ajudá-la a saltar sobre um galho caído bloqueando o caminho. Enquanto caminhavam, a música desapareceu até que foi difícil de discernir, misturando-se com o pio das corujas, o farfalhar dos esquilos em galhos de árvores e a música suave do rouxinol. A lanterna balançava no braço de Daniel e balançou a luz, alcançando a rede de galhos nus ondulando para fora em direção a

eles. Uma vez, Luce teria ficado nervosa sobre as sombras da floresta, mas pareciam milênios atrás.

Enquanto caminhavam de mãos dadas, os pés de Luce e Daniel traçaram um caminho de pedra estreito. A noite esfriou e ela inclinou-se para perto dele para o calor, escavando profundamente para dentro de seus braços, que se embrulharam em torno dela.

Quando eles chegaram a uma bifurcação no caminho, Daniel parou por um momento, quase como se tivesse perdido o seu caminho. Então se virou para encará-la. – Devo explicar – disse ele. – Devo-lhe um presente dos namorados.

Luce sorriu – Você não me deve nada, eu só quero ficar com você.

– Ah, mais eu recebi o seu presente...

– Meu presente? – Ela pareceu surpresa.

– E tocou-me a alma. – Ele estendeu a mão e pegou a mão dela. – Eu deveria pedir desculpas se já fiz você se perguntar sobre os meus sentimentos. Até ontem, não achava que seria capaz de encontrá-la aqui esta noite.

Um corvo apareceu, subindo e caindo em um ramo instável acima deles.

– Mas então, um mensageiro chegou e deu a todos os cavaleiros em meus cuidados, instruções estritas para participarem da Feira. Eu temo que montei meu cavalo a perto da exaustão na minha pressa de encontrá-la aqui esta noite. É que tenho estado tão ansioso para recompensá-la pelo seu mais pensativo presente.

– Mas Daniel eu não...

– Obrigado, Lucinda.– Então, ele pegou uma bainha de couro que parecia que poderia segurar um punhal. Luce tentou não olhar muito confusa, mas ela nunca tinha visto isso antes em sua vida.

– Oh – Ela riu baixinho e apontou o guardanapo no bolso. – Você já teve a sensação de alguém olhando pra nós?

Ele sorriu e disse: – Todo o tempo.

– Talvez eles sejam nossos anjos guardiões.

– Talvez, – Daniel disse – mas agora, acho que é só você e eu.

Ele a guiou para o caminho da esquerda, eles levaram mais alguns passos, em seguida, virou à direita e passou um carvalho torto. Na escuridão Luce podia sentir uma clareira pequena, circular, onde um carvalho grande deve ter sido cortado. Seu tronco ficou no centro da clareira e algo havia sido colocado sobre ele, mas Luce não podia ver o que ainda.

– Feche seus olhos – ele disse, e quando o fez, ela sentiu a lanterna se movendo. Ela o ouviu andando pela clareira, e ela chegou bem perto de dar uma espiadinha, mas resolveu esperar, resolvendo sentir a experiência do jeito que Daniel queria.

Depois de um momento, um cheiro familiar veio de encontro ao seu nariz. Ela fechou os olhos e inalou profundamente. Algo suave, floral e absolutamente inconfundível.

Peônias.

Ainda de pé, com os olhos fechados, Luce podia ver seu quarto do dormitório triste, de volta a Sword & Cross, havia um bonito vaso de peônias em sua janela, que Daniel tinha trazido para ela no hospital. Ela podia ver borda do penhasco no Tibete, onde testemu-

nhou Daniel distribuindo flores simples para seu próprio passado em um jogo que terminou cedo demais. Ela quase podia sentir o cheiro do gazebo em Helston, que fervilhava com peônias brancas.

– Agora abra seus olhos.

Ela podia ouvir o sorriso na voz de Daniel, quando abriu os olhos e o viu em pé, diante do toco de árvore adornada com um buquê enorme de peônias em um vaso de cobre de altura, ela cobriu a boca e engasgou. Ele tinha feito os vasos de galhos em todos os circundantes tocos de árvores. Ele tinha espalhado no chão com as delicadas pétalas de peônias, com muita neve. Ele teceu uma coroa de flores para o cabelo dela. Havia dezenas de velas acesas em pequenas lanternas penduradas ao redor, de modo que tudo brilhava com um brilho mágico.

Quando ele se adiantou para colocar a coroa sobre a cabeça de Luce, ela e seu eu medieval haviam se derretido. Aquela Lucinda medieval não reconhecia a grande variedade de flores, ela não teria nenhuma ideia de como isso era possível, em fevereiro e ela ainda amava cada centímetro da surpresa. Mas Lucinda Price sabia que as peônias brancas eram mais do que apenas um presente do Dia dos Namorados. Elas eram o símbolo do amor eterno de Daniel Grigori.

As luzes das velas tremulavam em seu rosto. Ele estava sorrindo, mas parecia nervoso, como se não soubesse se ela havia gostado de seu presente ou não.

– Oh, Daniel. – Ela correu para seus braços. – Elas são lindas.

Virou-a em um círculo e estabilizou a coroa em sua cabeça.

– Elas são chamadas de peônias. Não são flores tradicionais dos Namorados, – disse ele, jogando a cabeça pensativo, – mas ainda assim, elas são... uma espécie de tradição.

Luce amou entender exatamente o que ele dizia.

–Talvez pudéssemos tornar nossa tradição dos Namorados – sugeriu. Daniel arrancou uma grande flor do buquê e colocou-a entre os dedos, segurando-a perto de seu coração. Como muitas vezes ao longo da história que ele havia feito exatamente a mesma coisa? Luce podia ver um brilho em seus olhos que sugeriu que esse ato nunca ficou velho.

– Sim, nossa própria tradição dos Namorados – ele meditou. – As peônias e... bem, deve haver algo mais. Não deveria?

–As peônias e... – Luce pensou em seu cérebro. Ela não precisa de mais nada. Não precisa de nada, mas Daniel... e, bem... – Que tal peônias e um beijo?

– Essa é uma ótima ideia.

Então ele a beijou, seus lábios mergulharam em sua direção com o desejo insuperável.

O beijo era selvagem e parecia novo e exploratório, como se nunca tivesse beijado antes.

Daniel estava perdido no beijo, os dedos entrelaçados atrás de seu cabelo, seu hálito quente em seu pescoço, enquanto seus lábios exploravam suas orelhas e sua clavícula, o corte baixo do vestido. Nenhum deles conseguia o suficiente de ar, mas eles se recusaram a parar de beijar. Uma coceira de calor rastejou até o pescoço de Luce, seu pulso começou a acelerar. Estava acontecendo?

Ela ia morrer de amor aqui, no meio desta floresta branca brilhante. Ela não queria deixar Daniel, não queria ser lançada no céu, em outro buraco negro com apenas Bill por companheiro.

Maldita maldição. Por que ela estava ligada a ela? Por que não podia se libertar?

Lágrimas de frustração encheram em seus olhos. Ela afastou-se dos lábios de Daniel, pressionando a testa na dele e respirando com dificuldade, à espera do fogo que tiraria a vida deste corpo.

Apenas quando ela parou de beijar Daniel o calor desapareceu, como uma panela a ser levantado um incêndio. Ela voou para os lábios de novo.

O calor floresceu através dela como uma rosa no verão.

Mas algo estava diferente. Esta não foi a chama que tudo consome que extinguiu ela, que tinha exilado-a de corpos passados e enviado teatros inteiros de fumaça. Este foi o êxtase quente, deslumbrante de beijar alguém que você realmente amou, alguém que você foi feito para estar para sempre. E por agora.

Daniel olhava nervosamente, sentindo que algo de importante tinha acontecido dentro dela.

- Está acontecendo alguma coisa?

Havia tanta coisa para dizer, mil perguntas manobravam para a ponta da língua, mas, em seguida, uma voz rouca abalada de sua imaginação. Dia dos Namorados só de vocês, crianças que nunca chegaram a passar juntos. Como isso foi possível? Tanto amor que se passara entre eles, e ainda que nunca antes tivessem passado ou nunca novamente iriam passar o dia romântico mais famoso do ano nos braços um do outro.

No entanto, ali estavam eles, presos em um momento entre o passado e o futuro, agri-doce e precioso, confuso e estranho e incrivelmente vivo. Luce não queria estragar tudo. Talvez Bill e o clérigo tipo jovem e sua querida amiga Laura, tinham cada direito em seu caminho.

Talvez fosse bom o suficiente apenas estar apaixonado.

– Nada errado, apenas me beije de novo e de novo...

Daniel ergueu-a do chão e segurou-a aninhada nos seus braços. Seus lábios eram como mel. Ela colocou os braços ao redor de seu pescoço. Suas mãos traçaram suas costas. Luce mal podia respirar. Ela foi superada com amor.

Ao longe, os sinos da igreja tocaram. Eles seriam desenho da Urna do Cupido agora, as mãos dos meninos selecionados de forma aleatória de suas namoradas, meninas de bochechas vermelhas com antecipação, todo mundo esperando por um beijo. Luce fechou os olhos e desejou que todos os casais sobre o verde, que todos os casais no mundo, pudessem compartilhar um beijo tão doce como este.

– Feliz dia dos namorados Lucinda!

– Feliz dia dos namorados Daniel. E que tenhamos muitos outros.

– Eu prometo.

EPÍLOGO



OS GUARDIÕES

De volta ao verde, quatro trovadores haviam concluído a sua última canção e saíram do palco para dar espaço para a apresentação da Urna do Cupido. Como todas as risadinhas de jovens homens solteiros e mulheres pressionadas animadamente até a plataforma, os trovadores foram para o lado.

Um por um, eles levantaram suas máscaras.

Shelby jogou para baixo o seu gravador. Miles tocava um acorde a mais em sua lira para uma boa medida e Roland harmonizava em seu alaúde trastes. Ariane escorregou seu oboé em sua caixa de madeira fina e foi juntar-se a uma grande caneca de ponche. Mas, ela estremeceu quando jogou para trás e colocou a mão sobre o pano que cobria a nova ferida sangrenta em seu pescoço.

– Você tocou muito bem lá fora, Miles–, disse Roland. – Você deve ter tocado a lira em algum lugar antes?–

– Primeira vez – disse Miles com indiferença, embora fosse claro que ele ficou satisfeito com o elogio. Ele olhou para Shelby e apertou a mão dela. – Eu provavelmente só soei bem por causa do acompanhamento da Shel.

Shelby começou a revirar os olhos, mas ela só fez metade do caminho antes que desistisse e se inclinasse para Miles e beijasse suavemente os lábios. – Sim, provavelmente.

-Roland? - Ariane perguntou de repente, girando para ver o verde. - O que aconteceu com Daniel e Lucinda? A momentos atrás eles estavam bem ali. Oh - ela bateu a testa - nada pode dar certo para o amor?

- Nós acabamos de vê-los dançando - disse Miles. - Tenho certeza que eles estão bem. Eles estão juntos.

- Eu disse a Daniel expressamente, fique com Lucinda no centro do verde, onde podemos vê-lo. É como se ele ainda não soubesse quanto trabalho vai dar isso!

- Eu acho que ele tinha outros planos - disse Roland pensativo. - O amor às vezes tem.

-Vocês, relaxem. - A voz de Shelby firmou os outros, como se seu novo amor tivesse reforçado a sua fé no mundo. - Vi Daniel levá-la para dentro da floresta. Pare! - Gritou ela, puxando a capa preta do Ariane. - Não os siga! Você não acha que, depois de tudo, eles merecem algum tempo sozinhos? -

- Sozinhos? - Ariane perguntou, deixando escapar um suspiro pesado.

- Sozinhos - Roland veio para ficar ao lado de Ariane, um braço em torno dela, com cuidado para evitar o pescoço ferido. - Sim - disse Miles, os dedos enfiados atrás de Shelby. - Eles merecem algum tempo sozinhos.

E nesse momento, sob as estrelas, uma compreensão simples transmitida entre os quatro. Às vezes o amor precisava de um elevador de seu anjo da guarda, para obter seus pés fora do chão. Mas uma vez que ele fez suas primeiras batidas iniciais em direção ao voo, que teve de ser confiável para ter asa em seu próprio passado e voar nas alturas possíveis, vai para o céu e além.

FIM...